



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA – PPGPSI
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

Rodrigo de Oliveira Aureliano

**CONVIVÊNCIA ENTRE GERAÇÕES NA DINÂMICA CONJUGAL E PARENTAL:
DESAFIOS E POTENCIALIDADES EM UM ESTUDO BIOPSISSOCIAL**

Recife
2026

Rodrigo de Oliveira Aureliano

**CONVIVÊNCIA ENTRE GERAÇÕES NA DINÂMICA CONJUGAL E PARENTAL:
DESAFIOS E POTENCIALIDADES EM UM ESTUDO BIOPSISSOCIAL**

Tese elaborada sob a orientação da Prof.a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Família, Interação Social e Saúde.

Universidade Católica de Pernambuco

2026

Ficha Catalográfica

A927c Aureliano, Rodrigo de Oliveira.

Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental : desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial / Rodrigo de Oliveira Aureliano, 2026.
196 f. : il.

Orientador(a): Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2026.

1. Família - Aspectos psicológicos. 2. Psicologia social.
3. Avós e netos - Relações com a família.
4. Relações entre gerações. I. Título.

CDU 159.9:301.185

Luciana Vidal – CRB-4/1338

Tese intitulada **Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental: desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial**, de autoria do doutorando Rodrigo de Oliveira Aureliano, apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Família, Interação Social e Saúde.

Recife, 24 de fevereiro de 2026

Banca Examinadora

Cristina Maria de Souza Brito Dias

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

 Documento assinado digitalmente
CIRLENE FRANCISCA SALES DA SILVA
Data: 05/04/2026 12:35:39-0500
Verifique em: <https://validar.sig.br>

Prof.^a Dr.^a Cirlene Francisca Sales da Silva (Examinadora Interna)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

 Documento assinado digitalmente
ELAINE PEDREIRA RABINOVICH
Data: 05/04/2026 12:35:39-0500
Verifique em: <https://validar.sig.br>

Prof.^a Dr.^a Elaine Pedreira Rabinovich (Examinadora Externa)
Universidade Católica do Salvador (UCSAL)

Prof.^a Dr.^a Flávia de Maria Gomes Schuler (Examinadora Externa)
Centro Universitário Frassinetti do Recife (UNIFAFIRE)

 Documento assinado digitalmente
FLAVIA DE MARIA GOMES SCHULER
Data: 05/04/2026 12:35:39-0500
Verifique em: <https://validar.sig.br>

Prof.^a Dr.^a Priscilla Machado Moraes (Examinadora Externa)
Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA)

 Documento assinado digitalmente
PRISCILLA MACHADO MORAES
Data: 05/04/2026 12:35:39-0500
Verifique em: <https://validar.sig.br>

Agradecimentos

Produzir uma pesquisa é desvendar um universo de possibilidades que se constrói na subjetividade das pessoas que convidamos ao encontro da entrevista. Adentrar em universos distintos, interligados por conceitos que se manifestam como práticas cotidianas em vidas concretas, vai além dos livros, artigos e textos. O pesquisador, ao escutar os relatos e produzir seu material, jamais será o mesmo. Metaforicamente, é um universo em surgimento: começa como um grande movimento de transformação.

No início, tudo era energia e matéria dispersa; aos poucos, formaram-se as estrelas, os planetas, os sistemas. Cada parte começou a influenciar a outra, criando uma interação dinâmica. Assim, o universo passou a funcionar de forma integrada, tornando-se um sistema vivo, no qual cada elemento existe em relação aos demais.

Na composição desse sistema, as estrelas são os centros de energia e de organização. Elas nascem, crescem e morrem, mas, nesse ciclo constante, criam e transformam tudo ao redor.

São fontes de luz e calor, sustentam planetas, produzem os elementos que formam a matéria e permitem a vida.

De modo simbólico, podem ser vistas como os “nós vitais” de um sistema: pontos que mantêm o universo em movimento e conexão, gerando relações, influências e novos começos.

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha existência e por ter-me inserido neste tempo e espaço de vida. Sinto-me grato e abençoado. Especialmente, agradeço à minha mãe (In Memoriam) e ao meu pai, aos meus avós (In Memoriam), minha herança genética, biológica, afetiva e cultural. Espero estar honrando o legado de vocês.

À minha família, aqueles que estiveram ao meu lado e de mãos dadas ao longo desse caminho, torcendo e sustentando cada passo da minha trajetória, deixo minha imensa gratidão pelo apoio constante durante todo o percurso.

À professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias, muito mais que uma orientadora, uma verdadeira inspiração acadêmica e humana. Sua trajetória, rigor científico

e compromisso ético com a Psicologia e com a formação de pesquisadores deixam marcas profundas em todos que têm o privilégio de conviver com ela. A orientação recebida ao longo deste percurso ultrapassou o campo técnico e metodológico, alcançando dimensões formativas que transformam modos de pensar, pesquisar e estar no mundo. Conviver com a professora Cristina é uma experiência que nos mobiliza ao crescimento intelectual e pessoal, tornando-nos profissionais mais sensíveis, críticos e, sobretudo, pessoas melhores.

Às professoras examinadoras que compõem minha banca, não foi “à toa” que afirmei estar cercado das melhores. À Dra. Elaine Rabinovich, a quem carinhosamente chamo de uma “mente brilhante”: seu olhar sobre minha tese não apenas transformou o texto, mas ressignificou meu modo de compreender o percurso da escrita, meus achados e a própria organização do pensamento. Suas contribuições reestruturaram minha redação de forma muito mais coerente e consistente. Meus sinceros agradecimentos.

À Dra. Flávia Schuler, cuja sensatez e criticidade marcaram sua análise desde a qualificação do projeto, ainda no início desta trajetória. Reconheço, de forma especial, o impacto de suas colocações assertivas e necessárias acerca da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, fundamentais para o meu crescimento teórico.

À Dra. Priscilla Machado, que ampliou meu olhar para questões emergentes da sociedade que estavam pouco valorizadas em minha análise. Seus apontamentos foram essenciais para a compreensão da relação entre figura e fundo na análise qualitativa, bem como para o aprimoramento do método e da linguagem socialmente adequada.

E, de modo especial, à professora Dra. Cirlene Francisca Sales, minha primeira incentivadora acadêmica, ainda no período da especialização em Gerontologia. Suas palavras de incentivo no início dessa caminhada ecoam até hoje em minha jornada. Agradeço profundamente o cuidado presente em suas observações, pois, ao mesmo tempo em que me dizia o que era necessário, jamais deixou de me incentivar à busca pelo melhor resultado, sem perder a ternura, característica que admiro imensamente em sua postura profissional.

A todas, agradeço pelo cuidado, pela leitura atenta de minha tese e pelas contribuições tão criteriosas.

A Marco, meu agradecimento sincero por ter sido presença, apoio e referência ao longo deste percurso. Em diferentes momentos, sua escuta e sua confiança ajudaram a sustentar o processo. Este trabalho carrega, de muitas formas, a marca dessa parceria.

Às pessoas que integram a linha de pesquisa Família, Interação Social e Saúde do PPGPSI, especialmente à amiga Elba Sobral, parceira acadêmica que se mostrou disponível ao longo de todo o percurso, com uma escuta atenta, crítica e sempre incentivadora.

Não poderia deixar de agradecer aos participantes da pesquisa, verdadeiras estrelas do meu universo simbólico, pela disponibilidade, confiança e colaboração com a ciência ao compartilharem, de forma generosa, seus percursos de vida.

A todas as professoras do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP que suportaram o meu desenvolvimento acadêmico.

A todo o time de apoio envolvido direta ou indiretamente nesta caminhada: funcionários administrativos da UNICAP, revisores, tradutores, parceiros e amigos acadêmicos.

E à CAPES, pelo financiamento à pesquisa.

Serei sempre grato a todos!

É difícil tornar humano um ser humano. Leva tempo, consome energia e esforço (Bronfenbrenner, 1995, p. 117)

Resumo

AURELIANO, Rodrigo de Oliveira. **Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental: desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial**. 2026. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2026.

A longevidade delinea uma tendência global que transforma a demografia, molda a qualidade de vida e a dinâmica familiar, promovendo processos de qualidade positiva e negativa entre os membros da família. Esta tese teve como objetivo compreender como o microsistema avós-netos repercute no relacionamento conjugal dos pais, na perspectiva destes. Especificamente, buscou-se identificar como se dá a relação avós, pais e netos na família; bem como analisar os aspectos positivos e negativos do microsistema avós e netos na vida do casal; além de captar se há conflitos nos mesossistemas e havendo como são resolvidos. Para tanto, a pesquisa utilizou o método qualitativo, transversal, com uma amostra por conveniência. Os participantes desta amostra foram oito (08) pais, sendo seis (06) do sexo feminino e dois (02) do sexo masculino, casados ou em união estável, heterossexuais, com idades entre 33 e 68 anos, convidados a responder aos instrumentos de coleta de dados. Como instrumentos de coleta, aplicaram-se uma entrevista, com questões alinhadas aos objetivos da pesquisa e conduzida de forma semidirigida, e um questionário biossociodemográfico. Fundamentou-se teoricamente na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano, considerando a família como um sistema sociocultural aberto e dinâmico, cujas inter-relações se constituem especialmente entre microsistema e mesossistemas e se modificam ao longo do cronossistema. De forma geral, os resultados indicam que o microsistema avós-netos exerce influência ambivalente sobre a conjugalidade dos pais. Destacam-se o apoio instrumental e emocional dos avós, a centralidade dos processos proximais intergeracionais, a redefinição do papel dos avós na contemporaneidade e a dimensão temporal das relações familiares, elementos que favorecem a relação conjugal e a redução da sobrecarga parental, sobretudo quando há fronteiras intergeracionais bem estabelecidas. Também emergem aspectos tensionadores,

como a interferência direta do microssistema avós-netos no subsistema conjugal, a fragilidade das fronteiras familiares quando as inter-relações são de qualidade negativa, a ativação de conteúdos transgeracionais e o deslocamento de conflitos intergeracionais para o relacionamento conjugal, especialmente em contextos de disputas de autoridade ou deslegitimação do casal parental. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano possibilitou integrar essas dimensões, evidenciando a conjugalidade como um processo relacional, contextual e historicamente situado, atravessado por múltiplos sistemas em interação. Dentre os achados, conclui-se que a intergeracionalidade se configura como um elemento central na constituição e na dinâmica das relações conjugais, atravessando-as de maneira bioecológica ao longo do ciclo vital. Tal processo evidencia-se nas interações recíprocas e contínuas entre os diferentes microssistemas familiares, revelando-se fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, das transformações familiares e das repercussões que emergem nas relações conjugais e parentais ao longo do tempo.

Palavras-chave: relação conjugal, família; avós; netos; teoria bioecológica; intergeracionalidade.

Abstract

AURELIANO, Rodrigo de Oliveira. **Intergenerational Coexistence in Marital and Parental Dynamics: Challenges and Potentialities in a Biopsychosocial Study**. 2026. 196 p.

Thesis (Doctorate in Clinical Psychology) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2026.

Longevity outlines a global trend that transforms demographics, shapes quality of life, and family dynamics, promoting both positive and negative processes among family members. This thesis aimed to understand how the grandparent–grandchild microsystem impacts the marital relationship of parents, from their perspective. Specifically, it sought to identify how relationships between grandparents, parents, and grandchildren occur within the family; to analyze the positive and negative aspects of the grandparent–grandchild microsystem in the couple's life; and to examine whether conflicts arise within mesosystems and, if so, how they are resolved. To this end, the study adopted a qualitative, cross-sectional design with a convenience sample. Participants consisted of eight (08) parents, six (06) female and two (02) male, married or in stable unions, heterosexual, aged between 33 and 68 years, who were invited to respond to data collection instruments. The instruments included a semi-structured interview, aligned with the research objectives, and a biosociodemographic questionnaire. The study was theoretically grounded in the bioecological perspective of human development, considering the family as an open and dynamic sociocultural system, whose interrelationships are mainly constituted between microsystems and mesosystems and evolve over the chronosystem. Overall, the results indicate that the grandparent–grandchild microsystem exerts an ambivalent influence on parental conjugal relationships. Notable findings include the instrumental and emotional support provided by grandparents, the centrality of intergenerational proximal processes, the redefinition of the role of grandparents in contemporary society, and the temporal dimension of family relationships—elements that favor marital relationships and reduce parental burden, especially when intergenerational boundaries are well established. However, tension-generating aspects also

emerged, such as the direct interference of the grandparent–grandchild microsystem in the marital subsystem, the fragility of family boundaries when interrelationships are of negative quality, the activation of transgenerational content, and the displacement of intergenerational conflicts into the marital relationship, particularly in contexts of authority disputes or delegitimization of the parental couple. The Bioecological Theory of Human Development enabled the integration of these dimensions, highlighting conjugality as a relational, contextual, and historically situated process, shaped by multiple interacting systems. Among the findings, it is concluded that intergenerationality constitutes a central element in the constitution and dynamics of marital relationships, permeating them in a bioecological manner throughout the life cycle. This process is evidenced in the reciprocal and continuous interactions among different family microsystems, proving fundamental for understanding human development, family transformations, and the repercussions that emerge in marital and parental relationships over time.

Keywords: marital relationship; family; grandparents; grandchildren; bioecological theory; intergenerationality

Resumen

AURELIANO, Rodrigo de Oliveira. **Coexistencia intergeneracional en la dinámica matrimonial y parental: desafíos y potencial en un estudio biopsicosocial..** 2026. 196 f. Tesis (Doctorado en Psicología Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2026.

La longevidad se configura como una tendencia global que transforma la demografía, influye en la calidad de vida y redefine la dinámica familiar, promoviendo procesos tanto de carácter positivo como negativo entre los miembros de la familia. Esta tesis doctoral tuvo como objetivo comprender cómo el microsistema abuelos–nietos repercute en la relación conyugal de los padres, desde la perspectiva de estos. De manera específica, se buscó identificar cómo se configuran las relaciones entre abuelos, padres y nietos en el contexto familiar; analizar los aspectos positivos y negativos del microsistema abuelos–nietos en la vida conyugal; así como captar la presencia de conflictos en los mesosistemas y, cuando estos existen, comprender cómo son gestionados. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo, de corte transversal, con una muestra por conveniencia. Los participantes fueron ocho (08) padres, seis (06) mujeres y dos (02) hombres, casados o en unión estable heterosexual, con edades comprendidas entre los 33 y los 68 años. Los datos fueron recolectados mediante una entrevista semiestructurada, alineada con los objetivos de la investigación, y un cuestionario biosociodemográfico. El estudio se fundamentó teóricamente en la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano, considerando a la familia como un sistema sociocultural abierto y dinámico, cuyas relaciones se constituyen principalmente en los microsistemas y mesosistemas, y se transforman a lo largo del cronosistema. De manera general, los resultados indican que el microsistema abuelos–nietos ejerce una influencia ambivalente sobre la relación conyugal de los padres. Entre los aspectos favorecedores se destacan el apoyo instrumental y emocional de los abuelos, la centralidad de los procesos proximales intergeneracionales, la redefinición del rol de los abuelos en la contemporaneidad y la dimensión temporal de las relaciones familiares,

elementos que favorecen la relación conyugal y la reducción de la sobrecarga parental, especialmente cuando existen límites intergeneracionales bien establecidos. Asimismo, emergen aspectos tensionantes, tales como la interferencia directa del microsistema abuelos–nietos en el subsistema conyugal, la fragilidad de los límites familiares cuando las interrelaciones presentan una calidad negativa, la activación de contenidos transgeneracionales y el desplazamiento de conflictos intergeneracionales hacia la relación conyugal, particularmente en contextos de disputas de autoridad o deslegitimación de la pareja parental. La Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano permitió integrar estas dimensiones, evidenciando la conyugalidad como un proceso relacional, contextual e históricamente situado, atravesado por múltiples sistemas en interacción. Se concluye que la intergeneracionalidad se configura como un elemento central en la constitución y dinámica de las relaciones conyugales, atravesándolas de manera bioecológica a lo largo del ciclo vital. Dicho proceso se manifiesta en interacciones recíprocas y continuas entre los distintos subsistemas familiares, resultando fundamental para la comprensión del desarrollo humano, de las transformaciones familiares y de las repercusiones que emergen en las relaciones conyugales y parentales a lo largo del tiempo.

Palabras clave: relación conyugal; familia; abuelos; nietos; teoría bioecológica; intergeneracionalidad.

Sumário

Apresentação	16
Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental: desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial	18
1. Delineamento histórico-social da família	24
1.1. Coesão ecológica nas relações familiares e o suporte dos avós.....	30
2. Teoria bioecológica do desenvolvimento humano como suporte metodológico para análise da relação familiar.....	40
2.1. Definições e considerações sobre o modelo Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT) da TBDH	42
2.2. Os impactos da relação conjugal dos pais no desenvolvimento dos filhos.....	47
2.3. A relação com os avós e seus efeitos no desenvolvimento dos netos	53
2.4. Aprofundando outros fatores que podem ser considerados no desenvolvimento familiar	56
3. Método	60
3.1. Pesquisa de campo.....	60
3.1.1. <i>Objetivos e hipótese</i>	<i>60</i>
3.1.2. <i>Natureza da pesquisa.....</i>	<i>61</i>
3.1.3. <i>Participantes.....</i>	<i>61</i>
3.1.4. <i>Instrumentos.....</i>	<i>65</i>
3.1.5. <i>Procedimentos de coleta de dados.....</i>	<i>66</i>
3.1.6. <i>Procedimentos de análise de dados e devolutiva.....</i>	<i>67</i>
3.1.7. <i>Caracterização biosociodemográfica dos participantes da pesquisa.....</i>	<i>68</i>
4. Resultados e discussão	89
4.1. Análise das entrevistas.....	89
4.1.1. <i>Percepção das relações entre gerações e suas repercussões no mesossistema</i>	<i>90</i>
4.1.2. <i>Aspectos positivos e negativos do relacionamento avós e netos na vida do casal.....</i>	<i>109</i>

4.1.3. Suporte social: redes de interações	119
4.1.4. Conflitos relacionais e estratégias de enfrentamento	132
4.1.5. Recursos Geracionais.....	143
4.1.6. Promoção da conjugalidade.....	150
Considerações finais	165
Referências	172
Apêndice A Questionário Biosociodemográfico Aplicado aos Pais	186
Apêndice B Roteiro de Entrevista Semiestruturada para com os Pais	187
Apêndice C Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	188
Anexo A Parecer Consubstanciado do CEP	190

Apresentação

O interesse pelo tema que abrange o relacionamento da tríade geracional formada pelos avós, filhos e netos originou-se de um estudo sobre o papel dos pais na mediação do relacionamento entre avós e netos, investigação registrada na dissertação de mestrado do autor desta tese. Nesse estudo, foi observado o surgimento de atravessamentos multissistêmicos nas relações geracionais e, também de forma multidirecional, percebeu-se a produção de inter-relações de qualidade positiva e negativa, promovendo interferências no modo como os pais investigados se relacionam conjugalmente. Ao responderem sobre o papel que exerciam na mediação da relação entre avós e netos, os pais deram pistas de que, de forma bidirecional, utilizavam o suporte dos avós nos cuidados com os netos e, nesse sentido, ao promoverem a convivência entre eles, encontravam tempo livre, sem os filhos, para investir no relacionamento conjugal. Na fala dos pais, revelou-se a possibilidade da influência dos avós em cooperar na maneira como o casal se relaciona, administra suas responsabilidades familiares e promove sua conjugalidade. Dessa possibilidade, surge a necessidade de explorar ainda mais esse campo, surgindo daí a relevância desta tese, reforçada pela carência de literatura que trate diretamente sobre o assunto mencionado em uma perspectiva bioecológica.

A saber, no ano de 2022, foi feita uma pesquisa com os descritores “Relação Conjugal” AND “Avós” AND “Netos” AND “Pais” nas bases de dados como: Scientific Library Eletronic, PePSIC (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Portal de Periódicos Capes. Essa primeira etapa da investigação evidenciou a escassez de pesquisas de conteúdo específico sobre o potencial apoio à relação conjugal dado pelos avós a seus filhos, particularmente no suporte à criação dos netos. Outrossim, analisar a relação familiar pela perspectiva bioecológica desenvolvida por Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012), também por Bronfenbrenner e Morris (2006) torna ainda mais inédito e relevante o resultado desta tese. Principalmente ao serem percebidos os atravessamentos dos diferentes sistemas nessas relações; ou ainda ao considerar Dias e Silva (1999) na compreensão de uma longevidade que produz maior convivência intergeracional. Nesse

sentido, surgiu neste trabalho a inquietação de investigar o que ocorre na relação conjugal com o advento da paternidade e da maternidade, observando se há alteração na dinâmica conjugal, bem como a maneira que os avós possivelmente promovem suporte aos pais, permitindo-lhes sentirem-se livres para gozar de um tempo juntos.

Assim sendo, no estudo que será apresentado adiante, analisou-se esse fenômeno geracional, ressaltando que os avós exercem papel essencial na fase pós-nascimento dos netos. Sobre esse ponto, Dias (2015) relata que esse apoio dos avós pode atuar como elemento positivo nas relações, assim como na promoção da saúde física e mental dos membros da família, restaurando e mantendo a homeostase e promovendo modos possíveis para que emergjam processos proximais fortalecidos na fase primeira de adaptação à paternidade, produzindo uma coesão ecológica.

Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental: desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), de maneira coordenada, observaram que diferentes países, incluindo o Brasil, passaram por um fenômeno demográfico conhecido como “transição demográfica”, o qual se caracteriza pela diminuição dos índices de mortalidade e fecundidade (Papalia & Martorell, 2022). Como resultado desse processo, foi percebida uma alteração na estrutura populacional em termos de idade e sexo, reduzindo os segmentos populacionais mais jovens e aumentando os grupos etários mais avançados (Borba et al., 2021). Essa mobilidade demográfica populacional implicou uma mudança nos padrões da família contemporânea, favorecendo o surgimento de famílias com menos jovens e mais pessoas idosas.

Esse crescimento de idosos, ao longo dos últimos anos, incidiu diretamente no grupo etário de 60 anos ou mais. Dessa forma, o fenômeno do envelhecimento tornou-se cada vez mais proeminente no cenário nacional, influenciado diretamente pela qualidade de vida das pessoas e pela dinâmica familiar. Por efeito, ocorreu o aumento da multiplicidade de arranjos familiares, com a presença de jovens e idosos se relacionando de maneira mais frequente e intensa. Diante disso, foi preciso considerar a complexidade do tema, tornando-se necessário olhar para a relação familiar entre avós, netos e pais, a fim de compreender este fenômeno.

Nesse sentido, o objetivo geral desta tese foi compreender como o microssistema avós e netos repercute no relacionamento conjugal dos pais, na perspectiva destes. Especificamente, objetivou-se: identificar como se dá a relação entre avós, pais e netos na família; analisar os aspectos positivos e negativos do relacionamento avós e netos na vida do casal; e captar a existência de conflitos nos mesossistemas e, em havendo, como são resolvidos.

Ao falarmos sobre interações bioecológicas neste estudo, buscamos compreender os processos e o desenvolvimento como um fenômeno de continuidade e/ou mudança nas características biopsicológicas dos indivíduos, em nível individual e coletivo. Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012) e Bronfenbrenner e Morris (2006) enfatizam a interdependência entre quatro componentes na compreensão do desenvolvimento: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo, estabelecendo o modelo PPCT como estrutura central da sua teoria. No cerne desse modelo, estão os processos proximais, definidos como interações recíprocas e contínuas entre o indivíduo e os elementos do ambiente imediato, que ocorrem ao longo do tempo. Segundo os autores, esses processos proximais são considerados os motores do desenvolvimento humano. Para que sejam compreendidos adequadamente, é necessário analisá-los em articulação com as características da pessoa em desenvolvimento e seus recursos com os contextos ambientais nos quais essas interações ocorrem, abrangendo os diferentes níveis do ambiente ecológico: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e o cronossistema. Este último envolve a regularidade e duração das interações, ressaltando os momentos históricos e transições ao longo da vida (Tudge, 2008; Machado, 2010; Hickmann 2019, Papalia & Martorell, 2022; Santrock, 2009).

A transformação nos padrões familiares do século XXI reflete-se também nos vínculos de conjugalidade. Neves e Rabinovich (2016) relatam a necessidade de se considerar, em uma constituição da conjugalidade contemporânea, que as partes que formam o microssistema conjugal possuem um sistema de valores e cultura próprios, cujas influências acontecem mutuamente ao se relacionarem. Nas dinâmicas contemporâneas de relacionamento conjugal, há uma ênfase mais pronunciada na autonomia e na satisfação individual de cada parceiro do que na dependência recíproca. A constituição e a manutenção das uniões atuais, nesse sentido, são fortemente guiadas pelos princípios do individualismo.

Por outro lado, estabelecer uma parceria implica criar uma esfera compartilhada de interação e uma identidade conjugal. Nesse contexto, embora os casais contemporâneos incentivem a autonomia dos parceiros – enfatizando a importância de cada membro

sustentar seu próprio crescimento e desenvolvimento –, precisam lidar com a imperatividade de vivenciar a conjugalidade, compreendendo a realidade compartilhada enquanto casal, bem como seus anseios e colaborações individuais (Féres-Carneiro, 1998).

No cenário contemporâneo e pós-moderno, caracterizado por novos arranjos familiares, destaca-se o fortalecimento das relações intergeracionais. No entanto, diversos fatores muito mais abrangentes e complexos do que aqueles vinculados à consanguinidade ou à coabitação podem tanto organizar quanto desorganizar esse vínculo. Assim sendo, os padrões sociais emergentes nas famílias contemporâneas apresentam influências que extrapolam as concepções tradicionais de estrutura. Segundo Botas (2020), a experiência da parentalidade é moldada por uma variedade de fatores, destacando-se especialmente a dimensão relacional. A natureza dos vários relacionamentos que o sujeito desenvolve ao longo de sua vida é essencial para compreender e dar significados à maneira como desempenha o papel parental.

A parentalidade, nesse ínterim, é um processo em constante transformação, que emerge e se desenvolve no contexto das interações recíprocas entre os indivíduos e seus ambientes. O nascimento do primeiro filho representa uma transição significativa no microsistema familiar, alterando diretamente as relações conjugais. Até então, o sistema nuclear era composto apenas pela díade conjugal, com padrões interacionais centrados nesse vínculo. A chegada de um novo membro ao núcleo familiar introduz uma nova configuração relacional e exige a reorganização dos papéis parentais, bem como a assimilação de novas tarefas e responsabilidades (Hintz, & Baginski, 2012). Esse tipo de mudança implica uma reestruturação nas fronteiras e funções do sistema familiar, impactando não apenas as interações internas, mas também as conexões com outros sistemas no entorno imediato (mesossistema), como a família extensa, a rede de apoio e as instituições de cuidado infantil.

Conforme Capitão e Romaro (2012), as práticas parentais, também conhecidas como cuidados parentais, englobam o conjunto de relações estabelecidas entre pais e filhos. Essas práticas produzem interações entre os membros da família, provendo as

necessidades materiais e psíquicas, os cuidados, além de organizar o comportamento da família. Essa organização é entremeada por diferentes necessidades por parte dos pais e por parte dos filhos, mas complementares, com o objetivo de promover o desenvolvimento dos filhos e sua constituição como indivíduos.

Com base nesse entendimento, aplicamos neste trabalho o modelo da bioecologia do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012) para compreender como se dá a convivência entre os membros da família, e como essa relação entre microssistemas proporciona condições de realização e satisfação de necessidades individuais e coletivas dos envolvidos. O modelo bioecológico, dessa maneira, propõe a interconexão de elementos que contribuem para a compreensão do desenvolvimento das relações humanas na contemporaneidade.

O sistema é uma estrutura composta por elementos interconectados que entram e saem dessa organização, promovendo uma retroalimentação e buscando uma autorregulação (Vasconcellos, 2003). Essa causalidade circular retroativa, segundo Morin (2015), gera um resultado que tende para uma homeostase. Assim, na família, os múltiplos microssistemas, como, por exemplo, o formado pela relação entre avós e netos, precisam de interações para se autorregular e alcançarem uma estrutura funcional possível.

Dias (2008) enfatiza a importância dos avós, inclusive quando mais jovens, que desempenham um papel mais ativo nas dinâmicas familiares, destacando como eles promovem o relacionamento familiar. Isso pode construir um diálogo com Oliveira e Pinho (2013), ao relatarem que os avós modernos desempenham múltiplos papéis na sociedade e na família. Através da lente desses estudos, vê-se que além de proporcionar diversão aos netos, os avós também oferecem apoio e suporte nos cuidados, quando estão fisicamente próximos, e desempenham funções temporárias ou regulares, como "babás".

Essa compreensão introduziu um elemento crucial para entender o assunto aqui em evidência: é essencial examinar as repercussões dos avós no suporte à família, com o objetivo de entender suas complexidades e contribuir com argumentos esclarecedores sobre o tema, tanto para as famílias, quanto para a ciência e a sociedade. Considera-se

então que a avosidade é um vínculo complexo nas relações familiares de três gerações (Dias, 2022; Scortegana et al., 2019; Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010).

Azambuja e Dias (2022) destacam que o envolvimento entre avós e netos é, certamente, fortalecido pela convivência diária; mas, ao longo do tempo, podem surgir conflitos e tensões devido às diferentes fases da vida. À medida que os netos crescem, passam a se envolver em atividades próprias do seu ciclo vital, tornando o relacionamento com os avós menos frequente, embora isso não signifique uma diminuição do afeto.

Porto (2010) discorre sobre as relações familiares que desempenham, de maneira intergeracional e multilateralmente, um papel indispensável no bem-estar emocional e social de todos os membros da família. Em outras palavras, quanto mais saudáveis e afetuosas forem as relações, maior será a satisfação e a adaptação social de todos os envolvidos. Acerca disso, é amplamente reconhecido que as pessoas idosas que permanecem em seus lares desfrutam, em geral, de um ambiente psicologicamente positivo, o que contribui significativamente para a manutenção de seu estado emocional positivo. Por outro lado, os idosos que se favorecem com esse tipo de ambiente também podem proporcionar bem-estar e satisfação aos netos, embora a possibilidade de conflitos geracionais não deixe de existir.

Nesse sentido, é essencial manter e fortalecer os vínculos afetivos entre os membros da família, mesmo diante dos obstáculos apresentados pela diferença de idades. Ações como escutar, valorizar, conviver com dignidade e tranquilidade, além de promover afeto e atenção, podem melhorar as relações familiares e auxiliar na resolução dos diversos problemas; assim como promovem ações educativas e informativas voltadas para o benefício de todo o núcleo familiar.

Cummings e Schatz (2012) escrevem que as interrelações entre pais e filhos, bem como o conflito entre essas partes, podem impactar o funcionamento familiar. Considerando esse possível impacto no desenvolvimento dos filhos, podemos compreender que as dinâmicas de conflito e comunicação entre os pais também influenciam a relação entre os avós e os netos. A presença de problemas mal gerenciados no microssistema pode afetar

não apenas as relações pais e filhos, mas também a interação e o suporte emocional oferecido na relação triangular com os avós.

No desenrolar deste trabalho, vimos significativa quantidade de literatura brasileira focalizando a relação entre avós e netos, bem como as múltiplas questões que emergem deste relacionamento (Aureliano et al., 2022; Azambuja & Dias, 2022; Dias, 2016, 2022). No entanto, percebemos uma escassez de estudos sobre as repercussões na relação conjugal dos pais em virtude desta convivência. Assim, o problema desta pesquisa emergiu como um aspecto de grande relevância para melhor compreender a família na atualidade, principalmente nas famílias que vivem a realidade da convivência entre diferentes gerações. O suporte aos pais oferecido pelos avós é essencial na promoção dessa troca geracional, uma vez que os pais, de forma sistêmica, utilizam esse suporte em diferentes momentos (Aureliano, 2022). Esse auxílio fomenta as interações familiares, bem como a saúde física e mental dos seus membros, restaurando e mantendo a harmonia nos vínculos.

Tendo isso em vista, a saber, organizamos esta tese em quatro capítulos. O primeiro apresenta o delineamento histórico da família, examinando a evolução social das estruturas familiares, desde os modelos tradicionais até os contemporâneos. O segundo capítulo contextualiza a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) como referencial metodológico para as análises subsequentes, destacando como as dinâmicas familiares se constituem e se sustentam por meio de processos proximais, com ênfase nas relações intergeracionais. O terceiro capítulo expõe o percurso metodológico da pesquisa de campo. Por fim, o último capítulo bem como a investigação realizada, a análise e a discussão dos resultados, culminando na conclusão deste estudo.

1. Delineamento histórico-social da família

Mioto (2020) relata que a história da família se confunde com o desenvolvimento da humanidade. Esta estrutura de relação não é uma questão da atualidade, pelo contrário, é um padrão de convivência milenar. Contudo ocorrem transformações ao longo do tempo que se refletem nas inter-relações familiares. O curso de vida familiar é de longa duração, contextualizado, multidimensional, sujeito a ganhos e perdas concorrentes, e demarcado por eventos de transição (Rabelo, 2018). A família é um modelo de sistema complexo composto por indivíduos que se desenvolvem e crescem em conjunto. Sempre que falamos em família, o assunto assume uma complexidade natural, principalmente quando sabemos que a família é um sistema vivo e aberto, o qual produz trocas, se transforma, se adapta e cria uma relação homeostática, com evoluções ao longo do tempo.

Sobre essa perspectiva histórico social, Dessen e Ramos (2010) afirmam que, a partir do século XVIII, a palavra "família" começou a se referir a uma unidade residencial e biológica, geralmente associada ao agrupamento pai-mãe-criança, nas comunidades latinas. Com o tempo, porém, esse grupo social passou a ser compreendido como um sistema complexo, composto por um conjunto de microssistemas relacionais, em constante interação com o contexto socio-histórico-cultural, produzindo relações entre si e com o ambiente. Segundo Bucher (2003), trata-se de um *locus* apropriado para a formação e transmissão de valores, crenças, costumes e regras que são compartilhados nos diversos ambientes sociais.

O conceito de família, na atualidade, é um desafio, principalmente em relação aos múltiplos aspectos que se inter-relacionam. Passos (2003) afirma que é difícil definir o conceito de família devido às rápidas transformações nas relações familiares e na interação com o contexto social. Cúnico e Arpini (2013), por sua vez, destacaram que, ao analisar a evolução histórica do modelo familiar, é possível identificar três fases distintas: a tradicional, a moderna e a contemporânea ou pós-moderna.

Roudinesco (2003) e Cúnico e Arpini (2013) descrevem a família **tradicional**, como aquela que, inicialmente esteve centrada na transmissão do patrimônio por meio de

casamentos arranjados e negligenciava o aspecto afetivo. Esta fase ocorre durante a Idade Média, entre os séculos XVI e XVII. Nessa organização, a transmissão e a preservação do patrimônio são normas que estruturam a estabilidade da família, sendo o patriarca a autoridade central e incontestável. O casamento, geralmente entre pessoas muito jovens, é visto como um modelo de negócio social e definido pelos pais, sem considerar os sentimentos ou desejos dos futuros cônjuges. Esse formato tradicional se estende além do núcleo pai-mãe-filhos para incluir uma ampla rede de parentes, amigos e criados, refletindo uma relação social mais extensa. Ceccarelli (2007) relata que, nesse período, tem-se a família como algo associado ao Estado, que influencia a ordem política e as atividades individuais. Assim, a família tradicional não é apenas uma unidade de convivência, mas um microcosmo de poder e autoridade que sustenta a ordem maior da sociedade, funcionando como uma miniatura da monarquia de direito divino.

Segundo Mito (2020) e Cúnico e Arpini (2013), na fase **moderna** consiste na família nuclear burguesa, destacando-se pelo valor do amor conjugal, foco na educação dos filhos e hierarquias de gênero. Surgida em meados do século XVIII, era caracterizada pelo romantismo e pela reciprocidade do desejo, além do sentimento de adequação aos papéis sociais e à parentalidade, nos quais cada cônjuge exercia sua função na divisão das tarefas. Assim, ao observarmos a sociedade capitalista do século XVIII, em plena Revolução Industrial, percebe-se uma reverberação do modo de produção capitalista interferindo nas relações privadas, principalmente no formato estrutural e hierarquizado familiar, onde as práticas eram conduzidas de forma sexista, com o homem como o provedor econômico e a mulher responsável pelos cuidados da casa e dos filhos.

Cúnico e Arpini (2013), Mito (2020) e Roudinesco (2003) observaram que na terceira fase, a **contemporânea** ou pós-moderna, a família também se caracteriza por uniões temporárias baseadas em afeto e objetivos comuns, rompendo com a ideia de casamento indissolúvel. Constituída em meados do século XX, por volta dos anos 1960, surge como fruto de revoluções tecnológicas, sociais – no sentido da abertura econômica e cultural global – e relacionais, ocorrendo a quebra da divisão sexual, sobretudo no que se

refere ao sexo feminino, ao qual são atribuídos poderes até então inerentes aos homens, acentuando tensões entre os sexos. Essas transformações que impactam os papéis de gênero, promovem o esforço por maior igualdade nas responsabilidades familiares, bem como abrem espaço para relações mais individualistas e igualitárias na família. O aumento de divórcios e a diversificação dos arranjos familiares refletem essas mudanças.

Esse formato moderno de família caracteriza-se igualmente pelo crescente reconhecimento de suas diferentes composições. As demandas sociais emergentes promovem novas possibilidades para o vínculo do casamento, na formação da família nuclear e extensa, além das novas formas de parentalidade. No que se refere aos vínculos, Passos (2003) explica que dependem de contratos inconscientes, por meio dos quais os indivíduos negociam suas posições e espaços em uma troca recíproca dentro da família. Novas estruturas passaram a ser normatizadas, como: famílias homoafetivas, filiação socioafetiva, multiparentalidade, divórcio, recasamento e relações poliafetivas. As mudanças que caracterizam as famílias contemporâneas são vistas como parte de uma tendência nos modos de vida, o que implica que as expectativas sobre suas funções, juntamente com outras instituições, sustentem a harmonia e a coesão social (Miotto, 2020).

A família nuclear emerge nesse contexto como uma formação típica do capitalismo e se constitui como uma instituição privilegiada dos processos de reprodução social e cultural, criando um tênue limite entre o privado e o público. Tornar-se pais nesse contexto requer, além da reciprocidade na relação, o reconhecimento do lugar de pai e mãe, além da representação e investimento nesse lugar afetivo (Passos, 2003). Os filhos desse núcleo também sofrem os reflexos dessa hierarquização social, tornando-se indivíduos cuja educação é responsabilidade não só da família, mas também do Estado, gerando uma distribuição da autoridade que resulta em uma constante disputa entre o Estado e os pais na educação e socialização dos descendentes (Roudinesco, 2003).

Lima (2020) destaca que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 já definia a família brasileira em seus capítulos, e esse modelo não se distancia do entendimento de outras nações. A definição de família na forma da lei busca expressar a

relevância social dessa instituição como base da sociedade; contudo, de forma acertada, não produz contornos específicos, visto que a lei precisa atravessar o tempo, e uma definição específica não seria atemporal. A autora, todavia, concorda que, no Brasil patriarcal do período moderno, além de ser núcleo de apoio ao desenvolvimento humano e fonte de perpetuação de dogmas e de preservação do patrimônio, a família promove o modelo de patriarcado e a condição de submissão das mulheres aos homens. Além disso, Lima (2020) reafirma que, com a Constituição de 1988, ocorre uma mudança nos padrões familiares, com a igualdade entre cônjuges, a igualdade entre filhos, independentemente da origem, e a promoção de diferentes formas de união, que confirmam essa família contemporânea.

Essa família passa a conviver com diferentes conceitos, como, por exemplo, a multiparentalidade. Esse modo se refere à situação em que os filhos possuem mais de dois pais ou mães legalmente reconhecidos. Isso pode ocorrer em contextos em que, além dos pais biológicos ou adotivos, outras figuras parentais, como padrastos e madrastas, desempenham algum papel significativo na criação e no desenvolvimento emocional dos filhos. Outro modelo que se torna prática na atualidade é o poliamorismo, forma de relacionamento em que as pessoas envolvidas têm o consentimento para manter relacionamentos amorosos e/ou sexuais com mais de uma pessoa simultaneamente. Ainda se percebe o modelo da socioafetividade, relações que se baseiam no afeto e no vínculo emocional, independentemente de laços biológicos. Além disso, relações econômicas, previdenciárias, sucessórias e outros multifatores passam a ser questões observadas, com foco especialmente nas garantias dos interesses do microsistema filial (Lima, 2020).

De acordo com Kehl (2013), a família que historicamente apresentava uma hierarquia organizada a partir do poder do pai, mas que, na contemporaneidade, tende para uma harmonia hierárquica entre pais e mães. Esse ajuste é fruto de mudanças sociais, como a divisão de tarefas mais equitativa entre os pais, promovendo a emancipação financeira de cada cônjuge e quebrando o estereótipo do “chefe da família” historicamente presente. A relação de poder equilibrada nas relações surge juntamente com o desejo mais

tardio das pessoas em constituir uma família, bem como com o aumento do número de divórcios e separações em busca de atender a um desejo social pela relação perfeita imaginada.

As relações entre os microssistemas parental e filial, em função dessas modificações relacionais, também sofrem alterações. Para Kehl (2013), os filhos deixam de ser vistos como o resultado da união e passam a ser uma consequência inevitável do desejo sexual dos pais. Nesse contexto, as separações e recasamentos vão criando uma família tentacular, diferente da família extensa da modernidade ou da família nuclear. É desse aspecto relacional que a autora conceitua a **família tentacular**. Esta tem como imagem a metáfora de um polvo com muitos tentáculos e caracteriza-se por muitos vínculos relacionais; nessa confusão de tentáculos estão irmãos não consanguíneos, padrastos, madrastas, algumas vezes não só de uma segunda união, mas de terceira ou mais, ampliando, muito além do núcleo original, outros vínculos profundos e hiper-ramificados.

Petrini e Dias (2016) afirmam que, na contemporaneidade, há uma diversidade de relações virtuais e presenciais em diversos ambientes que são criadas, consumidas, modificadas e abandonadas diariamente, resultando em mobilidade e fragmentação de relações. Em cada relação tentacular, Kehl (2013) enfatiza que existem frustrações e desejos erráticos de formar vínculos, sonhos frustrados, projetos abandonados e retomados, desejo de realizar sonhos, e que todos esses elementos, por vezes, são conjuntamente vivenciados pelos filhos, não necessariamente oriundos dos pais, mas por pessoas que, na estrutura tentacular, exercem a parentalidade. Na família tradicional, a autoridade parental era ancorada na diferença geracional; as funções paterna e materna ordenavam a homeostase do sistema familiar. Na família contemporânea, existe o receio de que os adultos não compreendam esse papel.

Cardoso et al. (2020) e Kehl (2013) relatam que a família contemporânea não pode ser compreendida de uma única maneira. As relações aceitas no imaginário contemporâneo, como as relações consanguíneas, não excluem tudo o que difere desse vínculo, como no caso de adoções, por exemplo. O afeto que se produz na relação entre os

sujeitos do microssistema familiar gera o sentido de pertencimento ao grupo. Ainda na compreensão dessas relações, com base nos autores, as famílias contemporâneas são permeadas por elementos positivos, como a vivência de laços afetivos fundamentada no amor; bem como na possibilidade de oferecer apoio e criar condições favoráveis ao desenvolvimento humano, além da proximidade e dependência entre seus membros. Esses vínculos afetivos e de proximidade fortalecem a união e a compreensão da família como uma rede de relações de convivência. As relações intergeracionais dentro desse modelo de família contribuem para um sentimento mais positivo em relação a si mesmos e ao mundo, ajudando seus membros a enfrentarem dificuldades de maneira mais eficaz.

Cardoso et al. (2020) também consideram elementos negativos que podem ser observados na família contemporânea. O afastamento dos filhos representa a perda de vínculos previamente estabelecidos, enquanto as perdas decorrentes da morte ou do envelhecimento dos pais — quando os filhos têm dificuldade em aceitar ou entender o declínio físico deles — podem gerar impactos negativos nas relações familiares.

Adotando uma perspectiva que pode ser considerada sistêmica das relações familiares, Mito (2020) observa que, apesar das muitas mudanças em sua configuração, as expectativas em relação às obrigações e à manutenção do sistema familiar não se alteram. A responsabilidade pelo bem-estar de seus membros, a equifinalidade, permanece idealizada no papel dos cônjuges, pai ou mãe, homem ou mulher, ou de quem os representa, provendo a homeostase econômica e social da família, independentemente das transformações nos vínculos relacionais.

Um aspecto relevante deste delineamento social e histórico se dá no campo dos conflitos que surgem dessas interações familiares, especificamente nas tríades geracionais formadas pelos pais, avós e netos. Arranjos diversos, típicos da contemporaneidade, quando conflitantes, produzem inter-relações familiares conflituosas¹ que, muitas vezes

¹Nesta tese, optou-se por não empregar os termos “família funcional” ou “dissfuncional” como categorias analíticas, uma vez que tais nomenclaturas tendem a cristalizar julgamentos normativos e pouco dialogam com a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano.

interfere nas relações entre os microssistemas relacionais primários. No que se refere coesão ecológica², a seguir iremos caracterizá-la com eventos significativos, no sentido de compreender este aspecto social contemporâneo da relação familiar, observando o suporte dos avós nesta interação.

1.1. Coesão ecológica nas relações familiares e o suporte dos avós

A família é o primeiro espaço de socialização, essencial para o desenvolvimento dos vínculos afetivos e promoção de suporte. As inter-relações de qualidade negativa na família contemporânea apresentam-se de diversas maneiras. Os processos proximais familiares são constantemente influenciados por múltiplos acontecimentos que, ao interferirem na homeostase do sistema, exigem adaptações por parte de seus membros. Eventos que incidem diretamente sobre o núcleo familiar principal tendem a gerar repercussões significativas no desenvolvimento individual e na qualidade das relações afetivas, incluindo a conjugalidade. Nessas fases de instabilidade, compreender a natureza transitória das crises é fundamental para a restauração familiar.

Nesse contexto, o suporte dos avós pode representar um importante fator de reorganização, ao oferecer contenção emocional e auxílio prático. No entanto, esse apoio nem sempre está disponível, uma vez que distintos fatores relacionais e contextuais podem tanto favorecer quanto dificultar a aproximação entre gerações durante momentos críticos do ciclo vital familiar. No entanto, nem sempre as relações entre gerações são positivas. As relações intergeracionais podem ser permeadas por desafios, uma vez que diferenças geracionais, distintas vivências e níveis de maturidade podem gerar conflitos. Além disso, estereótipos associados ao envelhecimento podem influenciar essas interações.

²Em consonância com autores contemporâneos, compreende-se nesta obra a família como um sistema em desenvolvimento contínuo, atravessado por reorganizações adaptativas e variações no curso do ciclo vital. Assim, privilegiou-se denominar as famílias a partir de expressões como processos proximais fortalecidos ou fragilizados, qualidade positiva ou negativa das inter-relações e coesão ecológica. Essas denominações não visam classificar famílias como “certas” ou “erradas”, mas situá-las em relação aos processos, recursos e desafios que emergem nos diferentes níveis do sistema bioecológico, respeitando a complexidade e a historicidade de suas dinâmicas.

Eventos de transição podem desencadear mudanças de contexto e processos, exigindo adaptação e mudanças dos envolvidos. Hintz e Baginski (2012) apontam que a transição para a parentalidade, especialmente durante a gestação do primeiro filho, constitui um momento crítico e transformador na trajetória relacional do casal. Reis et al. (2016) corroboram com a ideia de que a mulher, quando se torna mãe, enfrenta uma série de processos de adaptação à nova condição. Trata-se de uma fase de reestruturação da identidade conjugal, em que os parceiros são chamados a integrar novas funções parentais às dinâmicas previamente estabelecidas pelo casal. É um momento de elevada vulnerabilidade para o casal, já que os desafios da parentalidade exigem a redefinição de papéis, funções e rotinas, podendo gerar tensões e instabilidades na dinâmica familiar.

Nesse cenário, o momento pode ser compreendido como uma crise no sentido etimológico do termo, pois envolve tanto desafios adaptativos quanto potencial de crescimento. Essa transição no ciclo de vida familiar pode exigir a reorganização do sistema em torno da inclusão do novo membro. Essa etapa requer que o casal renegocie papéis e alianças, enquanto também desenvolve novas competências, essenciais para a homeostase familiar. Muitas vezes, nesse processo, pode haver dificuldades de comunicação, emoções intensas, dúvidas sobre a construção da identidade parental, alterações nas finanças e a participação de parentes nas relações de apoio (Hintz, & Baginski, 2012).

Marques et al. (2012) destacam que, frequentemente, as mães buscam apoio aos cuidados, em momentos de estresse. Essa rede de suporte, estabelecida entre os membros da família, desempenha um papel fundamental na adaptação da mãe à maternidade, proporcionando segurança e amparo. Nesse contexto, o apoio oferecido pelas avós às mães torna-se uma base estável, suprimindo diversas necessidades emocionais e práticas. Já a participação paterna no cuidado infantil, de modo geral, ainda é mediada pela mãe; em muitos casos, são as avós que assumem o papel de cuidadoras no lugar dos pais, seja

devido à proximidade física, seja pela maior disponibilidade para oferecer suporte durante o dia, enquanto os pais estão trabalhando³.

Diversos fatores sociais, como a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o crescimento do número de famílias monoparentais e os elevados custos de vida e da educação infantil no Brasil, intensificam a necessidade de apoio das avós no contexto familiar (Mendes-Castillo & Boulusso, 2015). De modo geral, os avós desempenham um papel fundamental na vida dos netos, suprimindo lacunas deixadas pelos pais devido a diversas situações. Eles, no geral, oferecem suporte afetivo e/ou financeiro, orientações e estabilidade emocional, contribuindo para a identidade e para o desenvolvimento dos netos. Além disso, nas interações entre avós e netos, quando ocorrem de forma recíproca e próxima, há contribuições significativas para a saúde física e o bem-estar psicológico de ambos (Scortegagna et al., 2019; Strouse et al., 2021).

Cardoso (2011) analisa novas formas de parentalidade, destacando mães que delegam às avós as funções domésticas, enquanto se dedicam ao trabalho e ao investimento na carreira visando estabilidade financeira e sustento dos filhos. Marques et al. (2012) enfatizam o papel essencial das avós na transmissão de conhecimentos relacionados ao cuidado infantil. Elas compartilham suas experiências de vida com filhas ou noras, auxiliando na prática da maternagem, especialmente para mães de primeira viagem ou aquelas que conciliam a criação dos filhos com outras responsabilidades domésticas ou profissionais

Considerando esses pontos, a família exerce uma influência significativa no desenvolvimento dos jovens, podendo atuar tanto como um fator de segurança quanto de risco, dependendo da dinâmica estabelecida no ambiente intrafamiliar. Segundo Santos et al. (2015), a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por transformações intensas e pela construção gradual das habilidades psíquicas. Conforme

³O vínculo estabelecido entre avós e netos, não só pelos laços de parentesco, mas também pela representação destes papéis, e fundamentado no cuidado, no apoio emocional e na provisão de recursos, é denominado avosidade (Dias, 2022; Scortegana et al., 2019; Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010).

apontado por Scortegagna et al. (2019), a criação de netos por seus avós tem se tornado uma realidade cada vez mais presente. Diversos fatores contribuem para essa configuração familiar, incluindo gravidez precoce, separações conjugais, monoparentalidade, dependência química, negligência ou abuso infantil, violência doméstica, dificuldades na construção do vínculo parental, exigências do mercado de trabalho e imaturidade emocional dos responsáveis.

Nesse ínterim, os jovens encontram-se em uma posição de vulnerabilidade diante de desafios ambientais e sociais que podem resultar em diferentes formas de violência, tanto no ambiente doméstico quanto no escolar, além de aumentar a probabilidade de ingresso precoce no mercado de trabalho ou envolvimento com atividades ilícitas. No outro extremo da relação, os avós, segundo Falcão Coelho et al. (2022), ao promoverem esse apoio e cuidados primários, sobretudo diante dos problemas mencionados, sofrem um sobrecarga de atividades. Essa observação é corroborada por Dias (2022b), que enumera sintomas e sentimentos negativos observados em avós cuidadores: queixas físicas, ansiedade, depressão, cansaço e estresse, além das preocupações com a saúde e bem-estar dos netos.

Para compreender esse processo, é importante recorrer às elaborações de autores como Sampaio (2008), Dias (2022) e Azambuja (2021). Estes convergem ao apontar que a relação de cuidados entre diferentes gerações constitui um espaço privilegiado de troca de saberes, afetos e cultura. Nesse sentido, o convívio intergeracional é uma força motriz que fortalece os laços emocionais, promove o sentimento de pertencimento e contribui ativamente para a construção da identidade familiar.

A transgeracionalidade, mecanismo de passagem de valores, histórias e tradições familiares de uma geração para outra, desempenha um papel central nesse processo, sendo fundamental tanto para o bem-estar e envelhecimento saudável dos avós, quanto para o desenvolvimento dos netos. O fenômeno da transmissão transgeracional, ao se constituir em uma perspectiva histórica, confere identidade ao grupo familiar, o que permite a compreensão das singularidades e das dinâmicas relacionais que marcam o

funcionamento da geração mais recente (Bello & Marra, 2020). Essas interações, que envolvem diferentes fases da vida são essenciais para o desenvolvimento de conexões afetivas, sociais e psicológicas, beneficiando mutuamente os mais velhos e os mais jovens ao longo de sua trajetória (Scortegagna et al., 2019).

É importante novamente destacarmos que essa família contemporânea sofre múltiplas influências de demandas atuais, sobretudo as sociais. Processos proximais fragilizados no cotidiano ou manifestações extremas de abuso e violência afetam a homeostase familiar, prejudicando tanto a estabilidade quanto o desenvolvimento biopsicossocial dos membros. Segundo Maia et al. (2017) e Macías et al. (2005), a violência é um fator de risco ao desenvolvimento de crianças e jovens. A falta de coesão ecológica resulta em uma estrutura familiar frágil e confusa. Famílias com qualidade negativa de inter-relações tendem a reproduzir ciclos de violência e negligência, especialmente em contextos vulneráveis.

Entre esses processos proximais fragilizados, está a violência conjugal, cujas características vão além das agressões físicas. Muitas vezes essa violência é silenciosa, anula a vontade, os desejos e a voz do outro. Esse tema é tratado sob termos como violência de gênero, violência familiar, intrafamiliar e doméstica, amplamente conceituado por Sant'Anna e Penso (2017). As diferentes formas de violência intrafamiliar repercutem na necessidade do suporte e apoio, que acontece muitas vezes de forma intergeracional.

Mendes-Castillo e Bousso (2015) relatam que, ao presenciarem o sofrimento dos netos, como em casos de comprometimento da saúde física, os avós vivenciam emoções intensas e semelhantes aos pais, como choque, angústia, tristeza profunda e medo diante dos desafios enfrentados pela família. Além disso, tornam-se confidentes dos problemas conjugais dos filhos relacionados à doença dos netos. A sua presença é considerada essencial para a reorganização da dinâmica relacional nestes cenários.

De acordo com Mendes-Castillo e Bousso (2015), os indivíduos estão assumindo o papel de avós em idades mais jovens e exercendo essa função por períodos mais prolongados. Hoje, é comum que três ou quatro gerações coexistam em uma mesma

família. Inclusive Schuler e Dias (2022), destacam que muitas bisavós estão convivendo de forma intergeracional, contudo o papel das bisavós é distinto das avós devido à maior diferença de idade, esta tem maior presença enquanto aquela tem suas atividades familiares limitadas. Nesse contexto, os avós se tornam uma rede de suporte essencial, especialmente para mães que precisam equilibrar responsabilidades profissionais, pessoais e a criação dos filhos, contribuindo para o cuidado e o desenvolvimento dos netos.

Esse suporte torna-se ainda mais evidente em lares com crianças que possuem necessidades especiais, onde as avós muitas vezes assumem um papel central no cuidado dos netos, chegando, em muitos casos, a renunciar a projetos pessoais para atender às demandas da família. No entanto, apesar dos benefícios que essa proximidade pode proporcionar, a convivência intergeracional nem sempre é isenta de desafios. A ausência de uma comunicação clara sobre expectativas, papéis e limites pode levar a desentendimentos e tensões, exigindo uma reorganização cuidadosa para garantir a qualidade das inter-relações positivas (Mendes-Castillo & Bousso, 2015).

Reis et al. (2016) explicam a maternidade como uma transição, onde a mãe vai desenvolver uma individuação do papel materno simultaneamente ao estresse dos acontecimentos que envolvem o nascimento. A família desempenha um papel central na vida da mãe adolescente, por exemplo, sendo sua principal fonte de apoio social, econômico, emocional e educacional. Essa rede de apoio intrafamiliar não apenas auxilia na adaptação da jovem mãe às novas responsabilidades, mas também contribui para a coesão ecológica. A falta de independência financeira, somada à necessidade de continuidade dos estudos, gera insegurança quanto ao cuidado com o filho, tornando o suporte das avós necessário, oferecendo acolhimento, auxílio emocional e orientações práticas sobre a criação da criança. As avós tornam-se um alicerce fundamental na manutenção da estrutura familiar, exercendo influência significativa, tanto no aspecto afetivo, quanto na transmissão de conhecimento sobre a gestação e os cuidados com o bebê (Santos et al., 2015).

Durante esse período, sobretudo após o nascimento da criança, as avós são vistas como parceiras essenciais, auxiliando a jovem mãe na adaptação à nova realidade. No

entanto, embora participem nesse processo, é crucial que não assumam integralmente os cuidados do bebê, pois essa dinâmica pode enfraquecer o papel materno da(o) jovem, dificultando sua autonomia na tomada de decisões e no exercício da maternidade/paternidade. Santos et al. (2015) pontuam que essa desorganização de papéis pode gerar conflitos intergeracionais e uma crise hierárquica dentro da família, comprometendo a construção da identidade materna.

Marques et al. (2012) destacam que o ambiente das mães influencia diretamente a qualidade dos cuidados maternos. A presença das avós oferecendo suporte emocional, material e afetivo, contribui para a segurança das mães no cuidado com o bebê. A ausência desse apoio pode aumentar a vulnerabilidade e a insegurança na maternidade. As avós também desempenham um papel crucial no acolhimento e apoio às mães durante o período puerperal, auxiliando na adaptação à nova realidade da maternidade.

Monte e Pontes (2013) relatam que a amamentação pode ser um momento de crise para a mulher, influenciando a relação do casal. A mulher pode receber apoio ou não para amamentar de sua mãe, avó, companheiro e profissionais de saúde, que formam sua rede de apoio. A mãe é um exemplo para a filha e pode influenciar negativamente, afetando a duração e o tipo de aleitamento materno devido às suas próprias experiências e crenças vivenciadas. Nesse contexto, Monte e Pontes (2013) relatam que o cônjuge muitas vezes enfrenta dificuldades para participar decisivamente no início e continuidade da amamentação. No entanto, quando ele oferece incentivo, acompanha a mulher e até divide as atividades domésticas e os cuidados com os filhos mais velhos, sua contribuição na decisão torna-se mais relevante.

Monte e Pontes (2013) ainda afirmam que o apoio da rede social, especialmente de mães, avós, sogras e parceiros, é crucial para a continuidade da amamentação. No entanto, retornar ao trabalho pode dificultar essa prática, pois muitas empresas, escolas e faculdades não oferecem locais adequados para a ordenha e armazenamento do leite. Barcellos, Dantas e Féres-Carneiro (2022) afirmam que, além dos avós, as mães também

recorrem a babás, funcionários e creches integrais para conseguirem trabalhar. Entretanto, nem todas, podem arcar com esses custos mensais.

Cuevas Castro (2017), por seu turno, observou que nas situações de monoparentalidade resultantes de separação, divórcio ou morte de um dos parceiros, há outras figuras além do pai ou da mãe na transmissão de valores aos filhos. Isso pode causar conflitos entre o que essas figuras ensinam e o que o pai ou a mãe ponderam. Os mais jovens herdam significados e valores das gerações anteriores através de memórias, tradições e rituais, moldando relações e comunicação. Assim, mesmo inconscientemente, as novas famílias tendem a reproduzir padrões passados (Bello & Marra, 2020). A transmissão de valores, tendo essa característica e diante da monoparentalidade, ocorre em uma confusão de papéis, especialmente quando as avós começam a tratar o neto como se fosse seu próprio filho, diluindo as fronteiras dessas relações. Essa situação se intensifica quando os avós estabelecem as regras na casa onde vivem a filha ou o filho e o neto, criando uma ambiguidade de papéis.

Nessa dinâmica, o papel da avó como “mãe” em relação à filha se sobrepõe ao seu papel de “avó” para o neto. Nessas famílias, observa-se que as avós acabam desempenhando tanto funções maternas quanto as de avó, muitas vezes assumindo responsabilidades pelos netos, por dias, meses ou até anos, especialmente durante a fase inicial da vida da criança. No entanto, à medida que a mãe alcança maior estabilidade profissional, econômica e emocional, o papel materno da avó tende a recuar, permitindo que a mãe ganhe mais força e que a avó consiga retomar o seu papel de origem.

Ainda sobre os processos proximais fragilizados no ciclo familiar, o estresse pode ser aumentado, especialmente quando conteúdos não elaborados da família de origem surgem. Tais momentos críticos podem promover processos de estagnação ou, alternativamente, funcionar como catalisadores de transformação e reorganização familiar (Bello & Marra, 2020). Macías et al. (2005) relatam que em famílias onde há qualidade negativa de inter-relações, parentes além do núcleo imediato frequentemente estão presentes. A presença da avó como figura tolerante e flexível adquire uma complexidade

adicional no contexto em que os netos recorrem a ela em busca de apoio, afeto ou mediação diante da ausência ou fragilidade da autoridade parental. Isso evidencia uma inversão de papéis dentro do sistema familiar. A avó, frequentemente percebida como um porto seguro emocional, acaba por ocupar um papel que ultrapassa os limites do suporte afetivo, assumindo uma função que deveria estar centrada nos cuidadores parentais diretos. Famílias com essas características, no geral, não conseguem proporcionar segurança emocional, confiança e afeto necessários para o enfrentamento de desafios externos.

Barcellos, Dantas e Féres-Carneiro (2022) ainda anotam, de um ponto de vista clínico, que a fluidez, a descartabilidade e a desconfiança que marcam os vínculos amorosos contemporâneos emergem na clínica como expressões recorrentes de sofrimento psíquico. Em determinadas situações, a qualidade negativa das inter-relações conjugais atinge níveis de fragilidade que tornam a ruptura uma alternativa necessária. No entanto, é importante ressaltar que a separação conjugal não implica o fim da unidade familiar como um todo, pois, embora o casal enquanto parceria amorosa se desfaça, a função parental permanece ativa e requer continuidade. Nesses casos, a resolução madura dos conflitos conjugais pode favorecer a manutenção de uma parentalidade colaborativa e fortalecida, mesmo após o fim da conjugalidade.

Entender tais dinâmicas revela como os microssistemas familiares interagem ciclicamente. As famílias extensas, que incluem avós, pais, filhos, netos, genros, noras, cunhados, tios e sobrinhos, compartilham vínculos relacionais e papéis sociais. Ao se posicionarem como uma rede familiar, produzem processos proximais ora fortalecidos, ora fragilizados, e este aglomerado de inter-relações, pode dificultar a comunicação estável, a homeostase, a definição de regras e a construção de laços afetivos consistentes.

Rufino e Silva et al. (2014) abordam a importância de investigar o papel dos avós no contexto do cuidado familiar, destacando que muitos deles assumem responsabilidades compartilhadas ou integrais no cuidado de seus netos. Dessa forma, embora a presença da avó possa ser percebida, em um primeiro momento, como um suporte positivo, sua atuação, quando marcada pela indulgência desregulada, pode colaborar para o

agravamento das fragilidades relacionais e normativas da família. Nesse sentido, os avós também podem ser identificados como perpetradores de violência psicológica, evidenciando que, em certas circunstâncias, a intergeracionalidade pode se tornar um elemento de vulnerabilidade dentro do núcleo familiar (Maia et al., 2017).

Mantendo em vista o que foi considerado neste capítulo, compreender como as qualidades das inter-relações negativas se manifestam no núcleo familiar principal torna-se essencial para a análise das dinâmicas internas que comprometem a estabilidade relacional e emocional do sistema. As rupturas nos vínculos, a sobrecarga de papéis, a ausência de suporte intergeracional e a dificuldade de adaptação a eventos críticos são elementos que tendem a fragilizar a coesão familiar e a saúde emocional de seus membros. O estudo dessas disfunções permite não apenas identificar fatores de risco, mas também apontar caminhos possíveis para a ressignificação de papéis, a reconstrução de vínculos e a promoção de estratégias de enfrentamento mais saudáveis no contexto familiar.

O capítulo a seguir tem como objetivo apresentar uma revisão da literatura que fundamenta esta pesquisa, com o intuito de aprofundar a compreensão acerca das teorias e das interações entre conjugalidade, acontecimentos familiares e o desenvolvimento humano. Ao considerar a família como um sistema dinâmico e relacional, situado em múltiplos contextos bioecológicos, este estudo buscou identificar, na produção científica, os fatores que influenciam a coesão ecológica familiar, bem como os eventos que promovem rupturas, fragilidades e transformações nos vínculos do casal e nas funções parentais e intergeracionais. A escolha pela abordagem bioecológica se justifica por sua potência explicativa em analisar o ser humano em desenvolvimento em interação constante com seu ambiente, o que torna possível compreender a complexidade das experiências familiares diante de desafios ao longo do tempo. A revisão de literatura realizada oferece, portanto, uma base teórica e empírica que sustenta a proposta desta pesquisa e fundamenta o olhar lançado sobre a família como unidade central da conjugalidade e do desenvolvimento humano.

2. Teoria bioecológica do desenvolvimento humano como suporte metodológico para análise da relação familiar

Este capítulo apresenta a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), descrita por Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012) como um conjunto de camadas interseccionadas, compondo um emaranhado de sistemas com múltiplos elementos, nos quais tudo o que se relaciona pode interferir nas convivências humanas e sociais. Dessa forma, adotamos a TBDH como referencial teórico, com o objetivo de obtermos uma visão abrangente e bioecológica da relação conjugal, cuja repercussão está nas relações familiares entre diferentes microssistemas que compõem o desenvolvimento. A partir disso, surge este capítulo, buscando: delinear disfuncionalidades e crises presentes na relação familiar, compreender as reverberações desses acontecimentos nos microssistemas da família e perceber as estratégias utilizadas para a continuidade do desenvolvimento dos seus membros.

A TBDH fundamenta-se na observação das atividades e interações que ocorrem no cotidiano, as quais são influenciadas tanto pelos sujeitos quanto pelo contexto em que estão inseridos (Tudge, 2008). Essa teoria, inicialmente chamada de Ecológica, foi reformulada para Bioecológica, ampliando-se o espectro de observação do ambiente natural para os diferentes contextos em que o sujeito está inserido. A abordagem bioecológica é fundamental para se entender o fenômeno da transmissão cultural ao longo do tempo, pois parte do princípio de que o desenvolvimento deve ser analisado dentro de seu contexto temporal, ecológico e cultural.

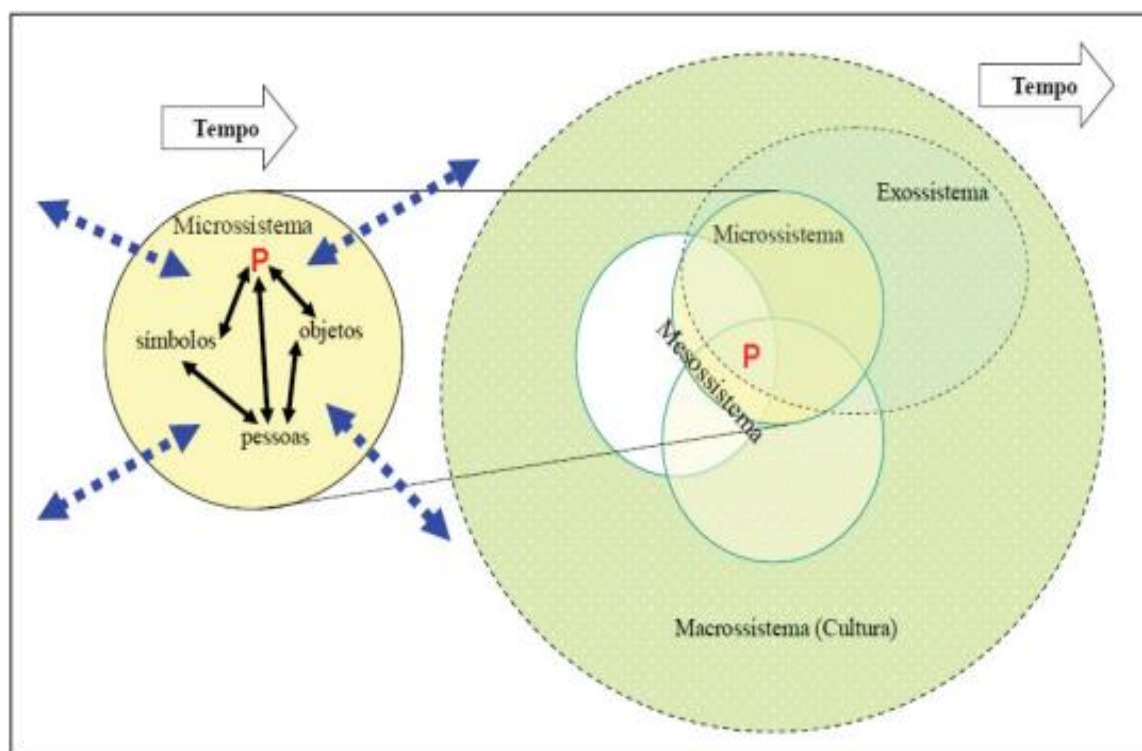
Baseada em uma perspectiva sistêmica, a TBDH relaciona aspectos da Teoria Geral dos Sistemas (TGS), proposta por Von Bertalanffy; da Cibernética, de Wiener; e da Teoria da Comunicação Humana, de Bateson. Essas múltiplas perspectivas buscam considerar as interações entre diferentes dinâmicas relacionais, possibilitando a compreensão de uma rede de inter-relações e processos complexos que acompanham o sujeito ao longo do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012; Costa, 2010; Féres-Carneiro, 1996).

A TBDH é amplamente empregada para se entender o desenvolvimento individual

ao analisar os contextos, as interações e a evolução temporal que envolvem cada pessoa. Adotá-la como estrutura teórica implica levar em conta, de maneira integrada, as quatro dimensões fundamentais: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT) (Figura 1). Blasius e Junqueira (2022) compreendem que a TBDH é composta por esses quatro elementos em interação contínua. A inter-relação desses elementos promove o desenvolvimento humano, que ocorre por meio de interação recíproca e progressiva. Evidencia-se o desenvolvimento ao se comparar o estado anterior do sujeito com o atual, constatando-se que a interação entre os quatro elementos resulta, de fato, em uma mudança, que não será a mesma para todos.

Figura 1

O Modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner



Fonte: Tudge (2008, p. 218).

2.1. Definições e considerações sobre o modelo Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT) da TBDH

Hickmann (2019) retoma o modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo) de Bronfenbrenner (2012), definindo seus quatro elementos: **Processo**, que diz respeito às interações recíprocas entre o indivíduo e seu ambiente, destacando os processos proximais, ou seja, as formas contínuas de interação com o ambiente imediato; **Pessoa**, que envolve as características biopsicológicas do indivíduo, bem como aquelas que se desenvolvem na interação com o contexto ao longo do tempo; **Contexto**, que se refere à estrutura de quatro níveis de ambientes bioecológicos, organizados de maneira concêntrica; e **Tempo**, que abrange as mudanças contínuas que afetam tanto a pessoa quanto o ambiente. O autor salienta que as relações são marcadas por uma interação dinâmica, na qual o ambiente se transforma e passa a exercer novas influências sobre o indivíduo (Hickmann, 2019).

Quanto aos processos, Ceconello e Koller (2003) afirmam que processos proximais são essenciais para o desenvolvimento, resultando em inter-relações de qualidade positivas ou negativas. Competências como conhecimento, habilidades e autogerenciamento promovem processos proximais fortalecidos. Já a falta de controle e integração do comportamento leva a processos proximais negativos e ambos os casos são influenciados pelo ambiente. A importância desses processos proximais também está nas interações recorrentes e significativas entre o indivíduo e os elementos de seu ambiente imediato. Eles são mediados da seguinte maneira: pelas características das pessoas envolvidas, como pais, filhos, avós, irmãos ou outros cuidadores; pelos ambientes nos quais se desenvolvem, como casa, escola, comunidade, redes digitais; e pelas dimensões do tempo, que abrangem tanto a cronologia individual (mudanças no curso da vida), quanto a dimensão histórica e sociocultural na qual o sujeito está inserido (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012; Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Já o contexto é organizado em diferentes níveis interdependentes — microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema —, que moldam e transformam a experiência

de desenvolvimento de acordo com sua complexidade e alcance. Por extensão, o desenvolvimento humano é influenciado pelos diversos contextos ambientais em que o indivíduo está inserido, sendo esses contextos determinantes para os modos como papéis sociais, atividades e interações interpessoais são experienciados ao longo da vida. Alguns fatores como exposição à violência, psicopatologia parental, condições de saúde física e emocional, distância geográfica e social, uso de tecnologias digitais, gravidez na adolescência, cuidados intergeracionais, separações conjugais, violência doméstica, migrações e trocas geracionais atuam como elementos que podem comprometer ou favorecer a coesão ecológica e a homeostase familiar, influenciando diretamente o desenvolvimento.

Diversos elementos, de modo convergente, dialogam com os pressupostos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012; Bronfenbrenner & Morris, 2006), especialmente no que diz respeito à influência dos múltiplos sistemas bioecológicos sobre os processos familiares e o desenvolvimento de seus membros. Fatores como mudança física ou adoecimento, entre outros, constituem ocorrências que impactam diretamente a homeostase familiar e, conseqüentemente, configuram situações de crise. Tais elementos expressam a complexidade das interações que se dão entre o indivíduo em desenvolvimento e os contextos em que está inserido, sendo atravessados pelo tempo e pela mudança. A presença dos avós como cuidadores, os vínculos intergeracionais e as sobrecargas parentais são aspectos que revelam a importância de considerar o caráter multidimensional, processual e relacional do desenvolvimento humano.

Compreende-se então que múltiplos processos e contextos influenciam a dinâmica relacional e a conjugalidade dos casais. Segundo a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012), as interações no microssistema conjugal não existem de forma isolada, mas são constantemente afetadas por outras relações familiares, que se conectam no mesossistema. Os contextos intergeracionais, como a presença de avós cuidadores, o afastamento entre as pessoas mais velhas e os jovens em cenários de migração e as

comorbidades associadas ao envelhecimento, podem tanto aproximar quanto distanciar gerações mais velhas das mais jovens. Essas dinâmicas influenciam diretamente o desenvolvimento dos pais e dos filhos, podendo, em situações extremas, levar ao comprometimento emocional.

Para uma melhor compreensão das considerações feitas, de acordo com a TBDH, por definição, o **microssistema** representa o ambiente imediato e direto de interação cotidiana, onde a pessoa encontra-se na maior parte do tempo. Nele ocorrem as interações face a face, e podem envolver contextos familiares, de amizade, e outras interações imediatas. O microssistema é onde uma pessoa interage diretamente com outras, em um ambiente específico, podendo envolver indivíduos semelhantes ou com diferentes perfis de personalidades e crenças. No microssistema, o PPCT se apresenta como processos proximais e imediatos. Os processos proximais, no entendimento de Tudge (2008), consistem em um conceito-chave para se compreender a engrenagem das relações, porquanto envolvem a pessoa, o ambiente imediato e as interações regulares perduráveis.

O **mesossistema**, por sua vez, envolve uma interação entre dois ou mais microssistemas nos quais a pessoa está inserida. As múltiplas relações e processos constituem um sistema relacional de microssistemas, no qual os processos que ocorrem nos diversos ambientes frequentados pelo indivíduo são interdependentes e exercem influência mútua. Conflitos no microssistema, como disputas de autoridade pode gerar disfunções que repercutem em todo o sistema familiar. Além disso, tensões no mesossistema, como divergências hierárquicas com avós, intensificam o estresse relacional, dificultando os processos de interação familiar.

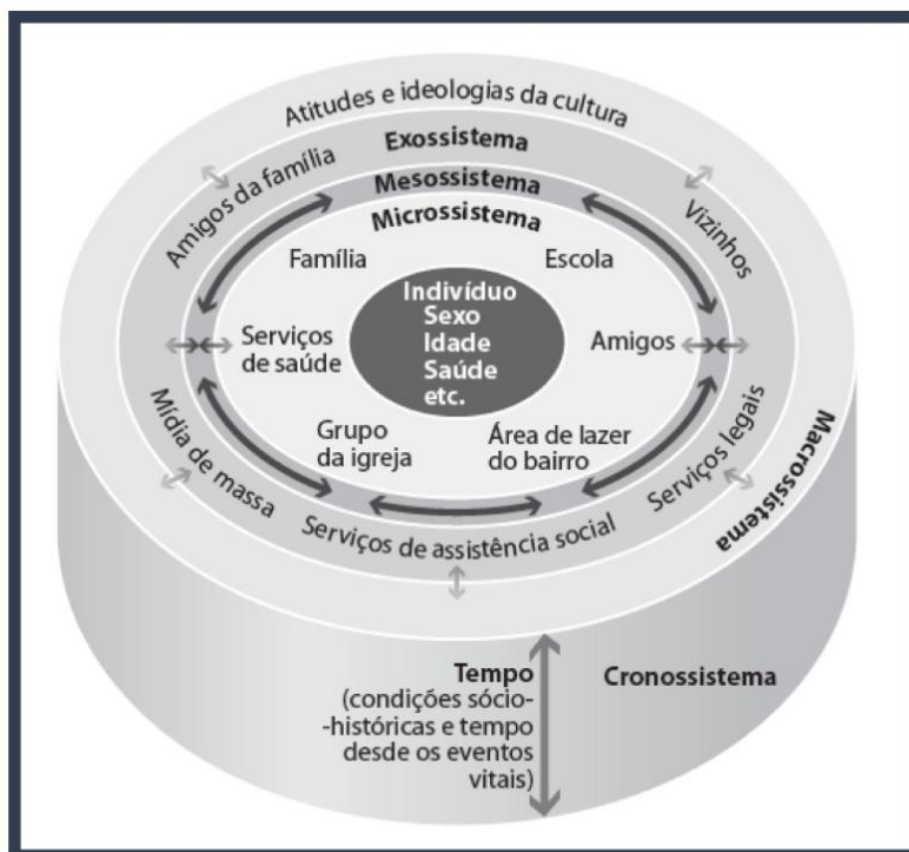
Por seu turno, o **exossistema** inclui ambientes indiretos que influenciam a pessoa, como o local de trabalho dos pais ou as redes de apoio social. Mesmo a pessoa não estando presente como participante ativo desses ambientes, eles exercem influência indireta sobre seu desenvolvimento. Os eventos que ocorrem nesses ambientes afetam o ambiente imediato da pessoa. Na sequência, o **macrossistema** inclui características ideológicas, crenças, valores, religiões, formas de governo, culturas e subculturas. Ele

representa a junção das características do micro, do meso e do exossistema, considerando o contexto social mais amplo. Para ser considerado um macrosistema, é necessário que existam características específicas, como sistemas de crenças semelhantes, políticas públicas, valores culturais, recursos sociais e econômicos de oportunidades, estilos de vida e expectativas. Esses fatores são dinâmicos e se transformam ao longo do tempo.

Finalmente, o **cronossistema** engloba as mudanças ou as continuidades ao longo do tempo, nos diferentes sistemas e como essas mudanças ou permanências impactam o desenvolvimento, incluindo transições pessoais, acontecimentos relevantes e eventos históricos (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012; Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Figura 2

Representação sistêmica da teoria bioecológica de Bronfenbrenner



Fonte: Santrock (2009, p. 71).

A respeito do tempo, em uma realidade familiar, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano expressa que o tempo total compartilhado na família está subdividido em **microtempo**, **mesotempo** e **macrotempo**. O primeiro se refere às experiências e eventos imediatos que ocorrem em curto prazo, ou seja, ao tempo das interações diretas e repetidas no ambiente mais próximo do indivíduo (microsistema). No contexto familiar, por exemplo, seria o tempo gasto diariamente por pais e filhos em atividades como refeições, conversas ou brincadeiras. Essas interações imediatas são cruciais, pois moldam a percepção e o desenvolvimento individual ao longo do tempo. A convivência entre avós e netos pode ser compreendida a partir do microtempo, que diz respeito ao tempo que as avós dedicam ao cuidado diário e às interações diretas com os netos. Avós de tempo integral se dedicam diariamente ao cuidado dos netos, enquanto os eventuais têm dias específicos em função de variáveis diversas como distância geográfica, condições de saúde e financeiras.

O segundo, o mesotempo, está relacionado com a duração e a frequência das atividades e interações ao longo de um período mais longo, como semanas, meses ou até anos. Diz respeito à continuidade das experiências ao longo do tempo e a como a repetição ou a interrupção dessas interações afeta o desenvolvimento, a exemplo da regularidade da participação dos avós no cuidado das crianças ao longo da infância. No mesotempo, são observados os impactos das diferentes interações entre avós e netos na dinâmica familiar, conforme mencionado, considerando-se o que essas duas partes ensinam e aprendem mutuamente ao longo do tempo. Esse nível de análise inclui tanto as relações microsistêmicas, com interações face a face, quanto as relações em mesossistemas, que envolvem outros contextos, como o lar dos avós e os espaços que frequentam.

O terceiro e último, o macrotempo, que se refere às mudanças e aos contextos históricos ou culturais mais amplos que influenciam o desenvolvimento ao longo de gerações. Esse nível de tempo inclui transformações sociais, políticas e tecnológicas que afetam a vida das pessoas de forma indireta, como a evolução das normas familiares ou de políticas públicas que moldam os papéis de cuidadores, como os avós, na sociedade

(Azambuja et al., 2018). No macrotempo, o convívio entre gerações assegura a preservação dos saberes familiares e da cultura regional, conectando o grupo familiar a influências socioculturais mais amplas (Azambuja et al., 2018).

2.2. Os impactos da relação conjugal dos pais no desenvolvimento dos filhos

Ao se discutir a relação conjugal, é fundamental considerar os elementos sistêmicos que impactam os conceitos apresentados. Na continuidade da análise, à luz desses conceitos, sobre o objeto deste estudo, percebe-se que as interações no mesossistema, por exemplo, influenciam diretamente o microssistema do casal, podendo, em muitos casos, atuar como desencadeadores de crises nesse nível. Essas influências são variadas e complexas: questões como saúde física e emocional, políticas públicas, demandas profissionais e outras podem influenciar o microssistema conjugal, comprometendo a coesão ecológica. Vilaça (2018) afirma que os processos próximos profundos podem ser formados na relação entre pais e filhos, uma vez que essas interações ocorrem de maneira contínua e regular, tornando-se gradualmente mais complexas à medida que o tempo passa e conforme o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos na interação.

Malcata (1997) destaca que há uma exploração da percepção do microssistema familiar como um ambiente fundamental para o desenvolvimento social da criança. A interação e interdependência dentro desse contexto oferece os recursos necessários para seu crescimento cognitivo e social. Esse desenvolvimento ocorre no campo da ação e da percepção, abrangendo tanto a compreensão dos contextos e das interações que se estendem para além do presente imediato, quanto o uso de estratégias para promover interações e atividades que estejam alinhadas com o estágio de desenvolvimento da criança.

As responsabilidades parentais, nesse cenário, em sua maioria, estão vinculadas à dimensão afetiva, com ênfase no suporte aos filhos, abrangendo aspectos como o cuidado físico, o suporte material, o ensino didático e o desenvolvimento da linguagem. Essas funções, de forma ampla, oferecem segurança e conforto relacionados aos envolvidos.

Ao se relacionar elementos que podem comprometer a qualidade da conjugalidade, não se pode desassociar a questão da educação e do cuidado dos filhos como fator estressor. No contexto da atualidade, Rufino e Silva et al. (2014) relatam que os pais enfrentam grandes desafios para equilibrar suas responsabilidades profissionais, pessoais e parentais, especialmente em relação ao cuidado com os filhos. O exossistema, mesmo não diretamente conectado na relação do microssistema familiar, influencia o modo de relacionar-se e desenvolver-se, principalmente das crianças.

Ainda observando a contemporaneidade, García (2006) anota que os valores e a rede informal de suporte social exercem influência significativa nas relações familiares, especialmente no vínculo entre pais e filhos. A dificuldade dos pais em estabelecer limites, assim como os recursos disponíveis na rede de apoio e as dinâmicas internas da família, refletem diretamente nas interações parentais. Esse cenário evidencia uma fragilidade nas relações hierárquicas dentro do núcleo familiar.

A autora destaca que, diante da sobrecarga de trabalho e outras obrigações, muitos pais acabam se sentindo isolados e com poucos recursos de suporte. Esse contexto muitas vezes leva a uma postura permissiva, na qual os filhos têm liberdade para agir sem serem questionados ou confrontados com a realidade. Essa permissividade, em geral, é justificada pelos pais como uma forma de evitar possíveis "traumas", buscando que os filhos não se tornem diferentes de seu ciclo de relacionamentos e, sobretudo, para prevenir sua exclusão do convívio social.

É importante destacar que, conforme Garcia (2006) a dificuldade dos pais em estabelecer limites para os filhos não se limita ao ambiente familiar, mas também afeta outros sistemas, incluindo a escola e outros espaços frequentados. Essa dinâmica pode gerar uma fragilidade na hierarquia semelhante à vivenciada pelos pais no núcleo familiar, refletindo-se nas macrorrelações das crianças com as instituições. Segundo a autora, a falta de tempo é a justificativa mais recorrente para a ausência de diálogo entre pais e filhos. No entanto, a comunicação exerce um papel central nas interações familiares, tornando-se um dos principais recursos para a resolução de problemas.

Nesse ínterim, o ambiente de trabalho dos pais, por exemplo, afeta os filhos sistemicamente, pois pode influenciar o tempo disponível dos pais, o nível de estresse, os recursos econômicos e outros aspectos que impactam a dinâmica familiar. Desse modo, crianças que vivem em contextos de estresse familiar muitas vezes têm dificuldades de se relacionar com outras crianças, pois a habilidade de estabelecer relações sociais saudáveis está intimamente ligada a um ambiente familiar funcional e seguro (Malcata, 1997).

Jones Harden et al. (2000) observam que a questão comportamental dos jovens no ambiente escolar pode sugerir um sintoma de repetição dos padrões parentais. As autoras analisaram as questões relacionadas à saúde mental e aos comportamentos internalizantes (voltados para o próprio sujeito) e externalizantes (voltados ao ambiente) de crianças que participam de um programa intitulado *Head Start*, traduzido livremente como “Vantagem Inicial”, considerando diversos aspectos da relação familiar e do ambiente em que essas crianças estão inseridas.

No caso de crianças, comportamentos externalizantes muitas vezes resultam de estresse, dificuldades familiares e/ou emocionais; esse comportamento de qualidade negativa pode ser uma resposta a conflitos ou ambientes desestruturados. Quando consideradas as situações de conflito ou as dificuldades relacionais, segundo o modelo bioecológico, percebe-se que o ambiente familiar não é apenas um cenário estático, mas também um agente ativo no desenvolvimento da criança, que acontece entre as crianças e seu ambiente, incluindo a família, a escola e a comunidade.

A dinâmica entre pais e filhos, incluindo interações coercitivas, indisponibilidade, pouco afeto, ausência no suporte, conflitos conjugais, pode contribuir para o surgimento de comportamentos externalizantes, como: agressividade, impulsividade, desobediência e hostilidade. Nesse caso, os comportamentos externalizantes são direcionados para o ambiente externo e tendem a causar uma falta de harmonia nas relações, sendo formas de uma criança expressar suas emoções em resposta ao meio. Ou ainda surgem de comportamentos "internalizantes", como: ansiedade, retraimento e depressão, em que os sentimentos são voltados para dentro.

Quando os pais enfrentam problemas de saúde mental, suas capacidades de fornecer suporte emocional e estabilidade podem ser comprometidas, exacerbando problemas comportamentais em seus filhos (Jones Harden et al., 2000). Em outras palavras, a forma como as crianças reagem a essas dificuldades é moldada não apenas por fatores familiares imediatos, mas também por variações externas, como relações e ciclo social (Jones Harden et al., 2000).

Pedro (2013) enfatiza que os conflitos, as divergências e as discussões entre o casal influenciam diretamente na relação entre pais e filhos. A relação entre a satisfação conjugal e as práticas parentais, considerando-se as dimensões de coparentalidade – como cooperação, conflitos entre os pais e triangulação da criança – influencia diretamente o nível de prazer que a relação conjugal pode proporcionar. De modo geral, observa-se que a satisfação conjugal das mães tende a estar mais relacionada com as práticas parentais dos pais do que a satisfação conjugal dos pais com as práticas parentais maternas. A negatividade presente na relação conjugal reflete-se na dinâmica familiar, afetando o vínculo entre pais e filhos. Fatores que intensificam ou controlam essa negatividade conjugal, assim como as estratégias que os casais utilizam para lidar com ela, exercem um impacto significativo no relacionamento familiar como um todo. Assim sendo, a qualidade da relação conjugal e a qualidade da relação pais-filhos são enfatizadas pela complexidade das interações entre as díades e as tríades do sistema familiar.

A autora Pedro (2013) revela a importância de se promover a qualidade da relação conjugal, destacando-a como um fator de coesão para o ambiente familiar. Ao se gerenciar os conflitos presentes na vida do casal, nota-se um impacto positivo nos demais microssistemas familiares, o que contribui para o bem-estar físico e mental dos membros da família. As vivências dos indivíduos em suas famílias de origem estão diretamente relacionadas a padrões de relacionamento entre parceiros íntimos, reforçando o papel da família na formação de padrões comportamentais que são aprendidos e reproduzidos ao longo do desenvolvimento.

Pedro (2013) afirma que a intergeracionalidade é um elemento essencial para o desenvolvimento, e as experiências vividas na infância desempenham um papel crucial nesse processo. Assim, as experiências de crianças e adolescentes em suas famílias podem ser replicadas em suas futuras relações adultas, refletindo os padrões de comportamento experienciados.

A partir disso, considera-se que a parentalidade positiva é consistentemente identificada como fortemente ligada ao ajuste psicológico dos jovens, ao desempenho acadêmico e ao bem-estar geral. Os filhos que crescem em um ambiente familiar harmonioso, no qual os pais são percebidos como figuras de segurança e são capazes de atender às suas necessidades de amor e apoio, geralmente desenvolvem um estilo de vinculação seguro (Cruz, 2013).

Outro ponto central no modelo bioecológico, levando em conta a relação conjugal no desenvolvimento do filho, é a mudança e a adaptabilidade do ambiente ao longo do tempo. Os processos proximais são essenciais para o desenvolvimento psicológico e adaptativos. A estabilidade ou a mudança nesses processos ao longo da vida podem impactar no desenvolvimento. As relações familiares, incluindo a conjugal, podem ajudar na construção de sentimentos de pertencimento e competência, influenciando a habilidade do indivíduo, no curso do envelhecimento, de lidar com seu ambiente e responder a momentos de crise, propiciando a coesão ecológica familiar. Da mesma forma, o microssistema familiar, ao considerar a necessidade e aceitar as mudanças sem as dimensões do preconceito sobre o envelhecimento, pode contribuir para transformar o macrossistema, promovendo mudanças em uma percepção mais ampla do envelhecer (Machado, 2010).

Isso significa que, embora situações como a qualidade emocional negativa, a conjugalidade fragilizada ou a psicopatologia parental possam ser altamente abrangentes, uma intervenção precoce e o suporte adequado têm o potencial de modificar o curso do desenvolvimento infantil (Jones Harden et al., 2000). Nesse sentido, Seibel (2016) destaca como a rede de relações significativas dentro da família atua como fator de promoção para a qualidade das interações familiares e para a saúde mental de seus membros. Sob esse

ponto de vista, constatou-se que a família, no geral, funciona como uma unidade de cuidado, além de ser um sistema em constante mudança, no qual os vínculos são formados ao longo do ciclo de vida.

Na óptica de Seibel (2016), os indivíduos são vistos pela autora como membros do microssistema familiar, que estão inseridos em um contexto sociocultural mais amplo, o macrossistema, no qual ocorrem interações constantes. Além disso, a autora escreve que os indivíduos possuem uma capacidade crescente de explorar, manter ou alterar as características do ambiente em que vivem. Dessa forma, faz sentido entender que as relações familiares e a saúde mental dos membros da família são influenciadas pelas interações externas a esse microssistema. O funcionamento da família está diretamente ligado à sua capacidade de enfrentar e superar os eventos de estresse vivenciados.

Quando crianças ou adolescentes são afastados de seu microssistema familiar e inseridos em um ambiente institucional de acolhimento, ocorre o que Bronfenbrenner (1996, 2012) define como transição ecológica. Esse tipo de transição pode acontecer em diferentes momentos da vida, como ao ingressar na escola ou na creche, ser hospitalizado ou ser acolhido em diferentes instituições. No entanto, o impacto dessa mudança – seja positivo ou negativo – no desenvolvimento dependerá de como ela é conduzida e das condições que cercam essa adaptação (Fonseca, 2016). Nas palavras de Fonseca (2016), “é preciso atentar às características demográficas das crianças, adolescentes e suas famílias, pois as marcas culturais, étnicas, sociais e mesmo religiosas são importantes demarcadores do desenvolvimento” (p. 21).

Outro aspecto familiar importante de se analisar é o evento da paternidade jovem, cuja ocorrência pode influenciar a dinâmica entre os pais e a não coparentalidade. Na literatura sobre paternidade, um fator frequentemente associado ao envolvimento dos pais é o suporte que recebem das mães no exercício da parentalidade. Ressalta-se a necessidade de se considerar o contexto mais amplo e as circunstâncias relacionais ao abordar questões de envolvimento dos pais mais jovens. No contexto da paternidade na adolescência, esse engajamento torna-se ainda mais crucial, visto que a adolescência é marcada por

transições importantes, tanto no campo biológico quanto no cognitivo e social (Herzog et al., 2007).

Nessa dimensão, segundo a teoria dos sistemas nas relações familiares (Bertalanffy, 1975; Vasconcellos, 2003), há limites entre os sistemas dentro da família, como entre mãe e pai. Esses limites refletem a estrutura dos relacionamentos, regulando a quantidade de informações trocadas e o nível de proximidade física entre os membros. A permeabilidade desses limites pode ser influenciada pelas esperanças e expectativas dos indivíduos quanto ao relacionamento e à manutenção de sua posição de autoridade dentro da família ou por acreditarem que os pais têm menos habilidade no cuidado dos filhos (Herzog et al., 2007).

Em geral, Herzog et al. (2007) corroboram com a ideia de que o status do relacionamento romântico dos pais jovens exerce forte influência sobre seu nível de envolvimento na criação dos filhos e na coparentalidade. É importante reconhecer as percepções das mães sobre o histórico de apoio dos pais, pois isso pode influenciar suas crenças e motivações em relação ao papel dos pais na criação dos filhos.

2.3. A relação com os avós e seus efeitos no desenvolvimento dos netos

Com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), considera-se que, diante de um evento estressor como um adoecimento, há a percepção, em termos de coesão, de que as crianças relacionam uma maior proximidade com a mãe e os avós, uma menor proximidade com os irmãos e uma proximidade estável, mas relativamente baixa, com o pai (Louchamp & Sabatier, 2018). A percepção de uma maior proximidade com os avós pode ser interpretada como um reflexo da importância desse microsistema relacional no contexto dos cuidados.

Os ambientes familiares desempenham um papel crucial no desenvolvimento da criança e na funcionalidade sistêmica da família. Strouse et al. (2021) relatam que, no geral, os netos que mantêm vínculos estreitos com os avós tendem a apresentar menos sintomas depressivos, menos dificuldades de comportamento e um desenvolvimento psicológico mais equilibrado, embora esses resultados também sejam influenciados por outros fatores do contexto familiar. A influência das avós pode se manifestar de maneira direta, por meio de

interações positivas ou negativas, ou de forma indireta, ao impactar o nível de estresse dos pais. A criança é protegida por um microssistema proximal, que envolve as relações entre pais e filhos, assim como as interações entre avós e netos, além de um mesossistema que abrange as relações entre cuidadores dentro do microssistema, incluindo as dinâmicas entre pais e avós.

Tecnologias como smartphones são essenciais nesse mesossistema, pois facilitam as conexões entre cuidadores e integram o microssistema. É o que diz o estudo de Strouse et al. (2021), onde se destaca como as mudanças tecnológicas desempenham um papel importante nas relações familiares. Embora a tecnologia de videochamada exista desde 2003, sua ampla adoção ocorreu recentemente, durante a pandemia da Covid-19. Esse recurso tecnológico pode fornecer às crianças uma experiência de contingência temporal, o que pode apoiar sua aprendizagem. A resposta socialmente contingente de um avô em uma videochamada pode ajudar as crianças a entenderem que o que está na tela é real e relevante para suas vidas. No entanto, também destacam diferenças entre o conteúdo da mídia digital e as experiências presenciais, como a falta de contingência física entre ações dos dois lados da tela.

A distância geográfica entre avós e netos exerce um impacto especial no papel que as avós desempenham na rotina dos netos. Quando a distância aumenta, geralmente observa-se uma redução no nível de contato e envolvimento. O contato pessoal frequente está associado a vínculos mais estreitos entre avós e netos, enquanto aqueles que vivem em locais distantes frequentemente (mas não sempre) mantêm uma relação menos próxima. Entretanto, em famílias jovens com recursos adequados cujas crianças estão longe dos avós, o uso de videochamadas se torna uma prática comum para facilitar a comunicação e a interação virtual. Pesquisas sugerem que a tecnologia pode ser um recurso valioso para fortalecer esses relacionamentos, permitindo que avós distantes se conectem com seus netos (Aureliano, 2022). Strouse et al. (2021) levantam questões sobre como as crianças percebem essas interações através da tela e como isso afeta seu desenvolvimento.

A capacidade humana de adaptação e desenvolvimento, como a que ocorre graças ao uso de tecnologias, é fundamental em diferentes contextos, e isso se aplica também aos avós que assumem o cuidado de seus netos. Para os autores Conway e Stricker (2003), essa adaptação dos avós ocorre quando os pais, por diversas razões, como dificuldades conjugais ou desafios na parentalidade, não desenvolvem o papel de cuidadores.

Contudo, as avós frequentemente relatam dificuldades relacionadas à saúde e à situação financeira ao assumirem o cuidado de seus netos. A condição dos avós cuidadores pode ser comprovada com base no modelo de desenvolvimento de Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012), que enfatiza a influência de diversos contextos sociais e ambientais no desenvolvimento humano. A partir dessa perspectiva, é possível identificar pontos de intervenção nos diferentes sistemas que impactam as fases do desenvolvimento, como o microsistema, que envolve os vínculos emocionais próximos, e os sistemas mais amplos, como o mesossistema e o macrosistema, que também afetam o papel dos avós quando cuidadores (Conway & Stricker, 2003).

A ausência dos pais, que enfrentam limitações e dificuldades na criação dos filhos, pode ser um fator estressor no desenvolvimento das crianças. No entanto, quando as avós assumem o papel de primeiros cuidadores, isso pode trazer benefícios ao desenvolvimento infantil, desde que esse cuidado seja realizado com suporte adequado. A partir da perspectiva bioecológica, o desenvolvimento saudável da criança em contextos do tipo depende de interações positivas em diversos níveis. No microsistema, que envolve as relações pessoais da criança, como as que mantêm com os avós, a qualidade das interações afeta diretamente o bem-estar emocional e o crescimento. No mesossistema, a interconexão entre diferentes ambientes, como a casa e a escola, também influencia o desenvolvimento. Por fim, o macrosistema, que abrange fatores culturais, sociais e econômicos, molda o contexto mais amplo no qual a criança e seus cuidadores estão inseridos. Todas essas interações, em seus diferentes níveis, são fundamentais para o desenvolvimento (Conway & Stricker, 2003).

2.4. Aprofundando outros fatores que podem ser considerados no desenvolvimento familiar

As autoras Azambuja et al. (2018) investigaram a transmissão cultural no contexto familiar sob a perspectiva bioecológica do tempo. Nessa abordagem, a transmissão cultural pode ser compreendida como um processo dinâmico, que envolve uma troca contínua de valores e saberes entre gerações, influenciando o desenvolvimento dos membros da família ao longo do tempo, no qual os pais desempenham um papel central. Contudo, esse processo não se limita apenas aos pais e pode comprometer a hierarquia familiar quando os avós estão inseridos na dinâmica, o que pode gerar um conflito na hierarquia.

A convivência entre avós e netos cria uma forma de interação, na qual ocorre uma troca contínua de experiências de vida. Mesmo pertencendo a gerações diferentes, essa interação promove uma coeducação intergeracional. O impacto dessas relações no microssistema sobre o desenvolvimento de uma pessoa está associado a três principais características de interação: reciprocidade, equilíbrio de poder e vínculo afetivo (De Antoni, 2005). A análise das relações de reciprocidade no ambiente familiar deve considerar os processos proximais, que são fundamentais para o desenvolvimento humano, pois essas interações progressivas e duradouras acontecem no ambiente imediato da criança e se desdobram ao longo do tempo (Azambuja et al., 2018).

Conforme Bronfenbrenner (2012), a reciprocidade é uma característica essencial nas atividades conjuntas e no desenvolvimento. A reciprocidade se refere à maneira como os indivíduos interagem, influenciando mutuamente o desenvolvimento de cada um. Quando um membro de uma díade transmite conhecimentos ou valores, esse processo reverbera nas demais relações daquele indivíduo, ampliando o impacto da transmissão cultural no ambiente familiar (Azambuja et al., 2018).

Nesse sentido, os processos proximais atuam como mecanismos que ativam o potencial genético. Os valores são transmitidos não apenas geneticamente pelos pais, mas também por meio de múltiplas relações interpessoais, englobando contextos sociais, teóricos, metodológicos e psicológicos, entre outros. As características individuais, além de

orientarem o desenvolvimento humano, são influenciadas por outros elementos, como o ambiente biopsicológico em que as pessoas se desenvolvem ao longo da vida (Hickmann, 2019). O autor identificou dois microssistemas com destaque: a família e a escola. Esses são os principais contextos que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

A família observada de forma multidimensional e bioecológica, pode enunciar os processos de trocas entre múltiplos elementos, inclusive entre gerações. Essas trocas se expandem e vão além do marco temporal vivenciado pelo sujeito, ou do corte histórico em que um processo foi consolidado. As experiências vividas passam a interagir e integrar as camadas relacionais, como em uma boneca “*matrioska*”⁴, na qual as diferentes camadas, simultaneamente, formam um único objeto. Da mesma forma, as diferentes relações e interações formam o sentido dos processos proximais, experienciados e consolidados, que são observados na família.

A família, como microssistema, é o ambiente no qual os indivíduos vivenciam experiências que ecoam ao longo da vida, e a interação entre a aprendizagem e os valores ali desenvolvidos pode atuar como fator de prevenção à violência. Os pais desenvolvem comprometimento não apenas com suas funções de disciplinar, mas também com o fortalecimento do vínculo afetivo com os filhos, dado que a presença paterna, ou de quem a represente, é fundamental para o desenvolvimento infantil (Vilaça, 2018).

A família, enquanto microssistema, desempenha o papel de mediadora entre o indivíduo e a sociedade, facilitando o processo de socialização de seus membros. De maneira bidirecional, a família reflete os modelos e esquemas do macrosistema, especialmente no que se refere ao funcionamento, aos valores e às tradições da cultura em que está inserida. Esses modelos influenciam diretamente o desenvolvimento pessoal e, assim, a interação entre indivíduo, família e sociedade passa por um processo de transformação com o tempo.

⁴Tradicional elemento do artesanato russo que consiste em uma série de bonecas ocas, dispostas hierarquicamente em tamanhos decrescentes e encaixadas umas nas outras. Cada boneca pode ser separada ao meio, revelando outra menor em seu interior.

Enfrentar as marcas do tempo e seus impactos sobre cada indivíduo torna-se um elemento significativo na dinâmica familiar. Machado (2010) considera o envelhecimento dos membros familiares, por exemplo, como um momento de crise nas relações entre si. As dificuldades que a família enfrenta para lidar com as mudanças inerentes ao processo de envelhecimento podem, por vezes, restringir seu desenvolvimento. Cabe, portanto, questionar de que maneira a família, enquanto microssistema primário, pode favorecer ou não a construção de um envelhecimento bem-sucedido dos membros.

Assim como outros estágios de desenvolvimento, o envelhecimento demanda ajustes nos relacionamentos e adaptações ao ambiente. A teoria bioecológica (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012) apresenta uma visão sobre o desenvolvimento humano, definindo-o como uma transformação na maneira dos indivíduos perceberem e interagirem com seu ambiente. No contexto desse processo, os vínculos familiares desempenham um papel essencial na superação das principais tarefas psicossociais da velhice.

Ao longo do processo de envelhecimento, é essencial que ocorram diversas mudanças e ajustes nos papéis dos familiares. O processo de envelhecimento para avós, pais e filhos exige adaptações contínuas e resiliência. Adaptar esses papéis e promover uma estrutura familiar mais flexível é fundamental para manter a homeostase do grupo. Entender o envelhecimento como uma das fases de transição familiar pode proporcionar à pessoa idosa a percepção de um ambiente familiar como um espaço de coesão, adaptabilidade e comunicação positiva, propício a um maior bem-estar biopsicossocial.

Caminhando para o encerramento deste capítulo, vale ainda ressaltar que, nesse âmbito do desenvolvimento familiar, a abordagem bioecológica busca entender a interação entre os sistemas parentais como um todo. Por extensão, Sanchez (2012) destaca que o sistema familiar promove o desenvolvimento dos membros ao fornecer apoio e suporte, enquanto Bronfenbrenner (1996, 2012) identificou relações em diferentes estágios, incluindo relações interpessoais, interações entre pessoas e processos, relação com o ambiente global e a influência do tempo, em diferentes estágios da vida do sujeito.

Uma abordagem bioecológica é utilizada quando não se pretende produzir um reducionismo na observação; ao contrário, busca-se expandir o campo de intersecções de processos. Não se isolam contextos, mas ampliam-se, principalmente quando há a necessidade de se entender questões que são atravessadas por diferentes elementos. Tudo está conectado, e os seres humanos coexistem com todos os outros seres do universo (Sanchez, 2012). Com uma perspectiva bioecológica, pode-se ampliar o espectro de interações e retroalimentações por múltiplos elementos em interação, oferecendo novas visões sobre família, sociedade, economia, saúde e ecologia.

A leitura prévia evidenciou a complexidade das dinâmicas familiares contemporâneas e os múltiplos fatores que, articulados nos diferentes sistemas bioecológicos, impactam relacionamentos, a homeostase familiar e o desenvolvimento humano. Os temas multidimensionais abordados, mostraram-se centrais para compreender as relações intergeracionais e os desafios enfrentados pelas famílias em contextos diversos. Assim, a pesquisa empírica que segue para o próximo capítulo foi delineada com o objetivo de aprofundar questões do cotidiano das famílias, articulando teoria e prática.

Dessa maneira, o Capítulo 3, referente ao método, apresenta os objetivos, a natureza da pesquisa, os participantes, os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise de dados. Em seguida, o Capítulo 4 expõe a pesquisa de campo, desenvolvida a partir das bases teóricas e temáticas construídas ao longo dos capítulos anteriores. Nele são apresentadas as análises das falas dos participantes, nas quais emergem as experiências cotidianas, as dinâmicas de apoio e os conflitos que expressam, na prática, a complexidade das interações familiares descritas no referencial teórico. Por fim, as considerações finais, que se constituem como parte essencial para resumir a compreensão dos fenômenos investigados.

3. Método

3.1. Pesquisa de campo

A partir dos pressupostos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, especialmente do modelo PPCT (Pessoa, Processo, Contexto e Tempo), delineou-se o percurso metodológico que sustentou esta pesquisa. Os conceitos de microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema orientaram a construção do roteiro de entrevistas, permitindo compreender as interações entre avós, pais e filhos em diferentes níveis e momentos do ciclo vital familiar. Além disso, as tensões e conflitos intergeracionais descritos na revisão teórica foram considerados como dimensões importantes do processo de desenvolvimento, servindo de base para a identificação de padrões relacionais, fronteiras e formas de regulação entre os subsistemas familiares.

Dessa forma, a análise de conteúdo desta pesquisa foi conduzida buscando evidenciar como os processos proximais, descritos por Bronfenbrenner (1996), se manifestam nas narrativas parentais, articulando teoria e prática na compreensão das repercussões intergeracionais sobre a conjugalidade.

3.1.1. Objetivos e hipótese

Para entender as dinâmicas que envolvem a família contemporânea e seus múltiplos subsistemas, este estudo assumiu um **objetivo geral** de compreender como o microssistema avós e netos impacta o relacionamento conjugal dos pais, na perspectiva destes. Isso se estabelece partindo da **hipótese** de que fatores intergeracionais, demográficos, econômicos e culturais exercem influência significativa sobre o relacionamento conjugal.

Para alcançar essa compreensão, serão investigados, enquanto **objetivos específicos**, três aspectos centrais: (1) identificar como se dá a relação avós, pais e netos na família; (2) analisar os aspectos positivos e negativos do microssistema avós e netos na vida do casal; e (3) captar se há conflitos no mesossistema e, havendo, como são resolvidos. Com essas investigações, espera-se contribuir socialmente com o debate e o olhar bioecológico sobre a tríade geracional composta por avós, pais e netos, destacando

as potencialidades para a criação de ações que promovam um bem-estar subjetivo entre essas gerações. O estudo também propôs oferecer aos pais um espaço de conhecimento e acolhimento, no qual pudessem refletir sobre sua conjugalidade.

Essa oportunidade de reflexão se concretizou no próprio espaço da entrevista, quando os pais puderam questionar-se sobre suas vivências, pensar conjuntamente com o pesquisador sobre as dinâmicas familiares na contemporaneidade e reconhecer as reverberações dessas relações em sua conjugalidade. O ato de falar e refletir sobre o tema favoreceu a ampliação da consciência sobre processos até então pouco elaborados, permitindo novas leituras sobre os vínculos intergeracionais e seus efeitos no cotidiano conjugal.

A seguir, apresentaremos o corpo metodológico do trabalho, com o delineamento do projeto, a caracterização do estudo, o procedimento para coleta e análise dos dados.

3.1.2. Natureza da pesquisa

A investigação buscou responder à indagação inicial na medida em que compreende e interpreta o que se apresenta na pesquisa (Minayo, 2012). Para alcançar os objetivos propostos nesta tese, optamos por uma pesquisa qualitativa, transversal, com uma amostra por conveniência. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2016), na pesquisa qualitativa, o sujeito interpreta suas ações com base na realidade vivida. Minayo (2012) destaca que na pesquisa qualitativa, o entrevistado narra suas vivências, experiências, riquezas e contradições.

3.1.3. Participantes

A universidade constitui-se como um campo fértil e profícuo para diferentes práticas que transcendem as atividades tradicionais de graduação e pós-graduação. Na UNICAP-PE, observa-se a existência de múltiplos espaços de acolhimento social que promovem assistência comunitária, favorecendo a integração entre a comunidade externa e o ambiente universitário. A partir de uma ampla biblioteca aberta ao público, a instituição disponibiliza seu espaço físico para a realização de diversas atividades comunitárias, como clínicas sociais de múltiplas especialidades, fóruns educativos, grupos de apoio psicoeducativos e

psicossociais, núcleos de práticas vinculados aos cursos, além de parcerias para a realização de eventos junto a entidades públicas e privadas de diferentes setores.

Nesse espaço notadamente criativo e em constante ebulição, desenvolvo, enquanto aluno vinculado ao Programa de Pós-Graduação, atividades sociais que ultrapassam as demandas formais do doutorado. Participo de grupos de estudo e pesquisa dedicados às questões do desenvolvimento humano, bem como ao envelhecimento biopsicossocial e espiritual da comunidade e dos estudantes que utilizam os serviços oferecidos pela instituição⁵. Essa inserção cotidiana permite um trânsito qualificado pelos espaços que compõem o ambiente universitário.

Foi justamente nesse campo fértil de interações que se configurou o espaço para a realização dos convites destinados aos participantes da pesquisa. Em diferentes momentos e contextos, pessoas foram informadas sobre o estudo e sobre a possibilidade de integrarem voluntariamente o processo investigativo. Tal dinâmica, além de respeitar os princípios éticos, também evidencia a força das relações proximais e das oportunidades de participação que emergem no cotidiano institucional, reforçando o caráter ecológico e relacional que fundamenta esta tese.

Buscou-se então, para compor a amostra de participantes, pais ou mães com filhos. Esse grupo foi escolhido por uma amostra proposital, de ambos os sexos, casados ou em união estável, residentes com os filhos ou não, com paternidade biológica, de camada social média⁶, independentemente da idade, religião e profissão. A opção por focalizar pais e mães pertencentes à camada social média não foi aleatória, mas configurou um recorte intencional, em diálogo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

⁵O autor desta tese é integrante voluntário do Serviço de Atenção ao Idoso (SAI) e do Grupo de Estudos Espiritualidade, Saúde e Envelhecimento (GEESE), o primeiro, vinculados à UNICAP PRATA, braço da Universidade Católica de Pernambuco que promove questões relacionadas ao envelhecimento social e estimula pessoas a partir de 50 anos de idade a retomarem os estudos como uma possibilidade de ressignificar e atribuir sentido a essa nova fase da vida.

⁶A camada social média está convencionada aos indivíduos que possuem renda domiciliar média igual ou superior a 10 (dez) salários-mínimos, nível superior de escolaridade, ocupações de prestígio médio-alto e que são mais propensos a desfrutar de benefícios como plano de saúde, poupança, participação em atividades culturais, viagens e educação privada para seus filhos (Salata, 2015; IBGE, 2023). Essas informações foram observadas no questionário biosociodemográfico (APÊNDICE A).

A partir do entendimento de Bronfenbrenner – de que o desenvolvimento é sempre situado, isto é, mediado pelas condições materiais, simbólicas e relacionais do contexto ecológico em que as pessoas vivem. Nesse sentido, a estratificação socioeconômica integra o macrossistema e se expressa concretamente nos exossistemas (condições de trabalho, acesso a serviços, escolarização, políticas públicas) e nos microssistemas familiares. Ao delimitar a amostra à camada média, busquei reduzir a variabilidade extrema de recursos e riscos associados tanto aos contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica, quanto aos contextos de elite. Isso sendo feito de modo a observar com maior nitidez como, em um patamar relativamente semelhante de acesso à educação, saúde e bens culturais, organizam-se os processos proximais entre avós, pais e netos e como esses processos impactam a conjugalidade.

Trata-se, portanto, de um recorte ecológico-analítico: ao manter alguma homogeneidade em termos de condição socioeconômica, torna-se possível complexificar a leitura das diferenças internas do grupo, como valores, trajetórias familiares, configurações de rede de apoio, modos de exercer a parentalidade e a conjugalidade; sem atribuir automaticamente tais diferenças a desigualdades estruturais de renda ou de acesso a recursos básicos.

Segundo Turato (2003), na amostragem proposital, os entrevistados são deliberadamente escolhidos pelo pesquisador. Contudo, critérios de inclusão e exclusão são essenciais para uma análise mais assertiva. Dessa forma, como critério de inclusão consideramos os filhos biológicos do casal no sentido de evitar a ocorrência de desvios em função de possíveis atravessamentos na relação no processo de adoção de filhos não biológicos, bem como as diferentes faixas etárias no intuito de ampliar o espectro do cronossistema das relações. Excluimos os participantes cujos pais e netos residiam com os avós.

A exigência de que os participantes não residissem na mesma casa que os avós foi estabelecida diante da compreensão de que a coabitação pode intensificar as dinâmicas de convivência e a emergência de conflitos. A interdependência cotidiana tende a potencializar

interações proximais, positivas ou negativas, o que poderia influenciar de maneira significativa os nossos objetivos. Da mesma forma, o critério de inclusão referente a pais com filhos em diferentes faixas etárias buscou contemplar a possibilidade de identificar transformações na mediação das relações ao longo do ciclo vital da família. Assim, tornou-se possível observar nuances e mudanças no modo como os pais administram as interrelações à medida que as demandas desenvolvimentais das crianças se alteram.

No processo de definição dos participantes deste estudo, a estratégia de recrutamento adotada dialoga diretamente com a natureza clínico-qualitativa da investigação. Entre as possibilidades metodológicas, destaca-se a utilização da técnica de amostragem em bola de neve, conforme descrita por Turato (2003). Para o autor, tal técnica consiste em um procedimento no qual cada participante inicialmente selecionado indica novos possíveis participantes, que, por sua vez, podem indicar outros, gerando uma cadeia sucessiva de convites. Trata-se, então, de um método dinâmico, baseado na confiança e na rede de relações que se estabelece entre o pesquisador e os interlocutores do campo.

Segundo Turato (2003), essa forma de recrutamento é particularmente pertinente em pesquisas que envolvem vivências subjetivas ou grupos cuja identificação não é imediatamente acessível por meio de cadastros ou listas formais. Em consonância com a abordagem clínico-qualitativa, a técnica da bola de neve privilegia a aproximação gradual, a escuta sensível e a legitimação do vínculo como mediador do acesso ao participante, permitindo que o pesquisador alcance sujeitos cujas experiências são suficientemente densas e significativas para iluminar o fenômeno investigado.

Assim, a incorporação da técnica em bola de neve na presente pesquisa não apenas responde às recomendações metodológicas (Turato, 2003), mas também dialoga organicamente com o campo empírico e com a perspectiva teórica que sustenta este trabalho.

Assim, participaram desta pesquisa 08 (oito) pais, sendo 06 (seis) do sexo feminino e 02 (dois) do sexo masculino, casados ou em união estável, heterossexuais, com idades entre 33 (trinta e três) e 68 (sessenta e oito) anos, de camada social média, professando

diferentes práticas religiosas, com pais vivos ou não, cujos filhos estavam em diferentes faixas etárias. Adiante, eles serão apontados individualmente na seção de caracterização biossociodemográfica dos participantes.

Um elemento curioso emergido do processo de coleta foi a maior adesão de participantes do sexo feminino em comparação a do sexo masculino. Além disso, quando convidados a indicar seus cônjuges como possíveis participantes dentro da lógica da técnica de bola de neve, nenhum dos respondentes – independentemente do gênero – o fez. Preferiram sugerir outras pessoas de seus círculos de convivência. Esse movimento, embora sutil, suscita reflexões importantes: revela como a exploração das subjetividades conjugais ainda constitui um território sensível e, por vezes, de difícil acesso para pesquisadores. Tal recusa velada parece sinalizar que, no contexto da conjugalidade, persiste um espaço íntimo que tende a ser protegido, mesmo diante de pesquisas que prezam pelo cuidado ético e pela escuta respeitosa.

3.1.4. Instrumentos

Aplicou-se uma entrevista (APÊNDICE B) e um questionário biossociodemográfico (APÊNDICE A) enquanto instrumentos, ambos elaborados pelo pesquisador. O questionário biossociodemográfico foi composto de informações sobre os participantes, os filhos e os avós, tais como: idade, sexo, escolaridade, profissão, renda familiar, prática religiosa, estado de saúde, distância da residência dos avós e dos filhos e netos, entre outros. A entrevista foi conduzida de forma semidirigida, seguindo um roteiro com questões alinhadas aos objetivos da pesquisa. Foi facultado ao(à) entrevistado(a) a possibilidade de escolha do local da entrevista, o qual, após ser pré-definido pelas partes, constatou-se livre de público, interferências externas, barulhos ou demais elementos que pudessem desviar a atenção das perguntas.

Especificamente no caso das participantes residentes fora do Brasil, convocadas pelo pesquisador por meio da técnica bola de neve, o primeiro contato ocorreu por e-mail e mensagens de texto. Após aceitarem participar da entrevista, foi acordado a forma remota, via chamadas de voz e vídeo, mediadas por aplicativos de comunicação com segurança e

criptografia de ponta a ponta. Ficaram então previamente acordados o dia e o horário do encontro virtual.

3.1.5. Procedimentos de coleta de dados

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNICAP/Plataforma Brasil, sob o CAAEE nº 77336224.1.0000.5206 versão 1 (APÊNDICE H), anteriormente à pesquisa de campo. Os participantes foram contatados inicialmente por telefone ou e-mail, para explicações sobre a pesquisa e convite à participação. Após o aceite, foram convidados a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE D); e, quando de acordo, assiná-lo. Para os participantes que residem fora do país, o envio e a assinatura dos TCLE, ocorreram de forma digital, sendo os documentos assinados eletronicamente e encaminhados ao pesquisador por e-mail. Em seguida, responderam individualmente ao questionário biosociodemográfico e ao roteiro de entrevista. Houve a gravação do material com consentimento, para a futura transcrição do conteúdo, conforme acordado no termo de uso de imagem e depoimento (APÊNDICE G). Esse material ficará, de forma segura, sob a guarda do pesquisador pelo período de 05 (cinco) anos; após este prazo, será devidamente e seguramente descartado. As entrevistas foram realizadas presencialmente na residência dos entrevistados ou no laboratório da instituição; participantes que estavam em outros países responderam por chamada de vídeo. Solicitou-se aos participantes no exterior, antes da entrevista, que o ambiente estivesse livre de ruídos externos e da presença de outras pessoas, garantindo-se o sigilo de todo o processo de coleta. Outro aspecto relevante foi a diferença de fuso horário, avaliada antecipadamente pelas partes, definindo-se o horário mais conveniente para ambos.

As entrevistas, inicialmente planejadas para durar cerca de 30 minutos, estenderam-se em alguns casos até uma hora. Essa ampliação do tempo ocorreu em razão do número de questões que suscitaram múltiplas reflexões e aprofundamentos sobre o tema. A duração média das entrevistas presenciais também foi de uma hora.

Os dados dos participantes, como nome e identificação foram preservados durante todo o processo. O sigilo e preservação da identidade dos envolvidos foram garantidos por meio da adoção de nomes fictícios para os entrevistados e membros da família.

3.1.6. Procedimentos de análise de dados e devolutiva

Após a transcrição das entrevistas, realizamos a análise de conteúdo dos resultados, a Análise de Conteúdo Temática, segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2016). Esta análise focou nos “núcleos de sentido” das falas, cuja frequência ou presença são significativas para a compreensão de conteúdos relevantes. Ela compreendeu as etapas de pré-análise, organização do *corpus*, tratamento dos resultados e análise das falas, conforme a literatura pesquisada. Para uma melhor compreensão, em algumas partes, as falas dos pais são apresentadas literalmente e relacionadas às unidades de sentido da transcrição e à literatura, visando entender sua compreensão sobre os atravessamentos no microssistema relacional.

Após a realização das etapas analítica e da conclusão da pesquisa, os participantes serão novamente contatados pelo pesquisador para a realização da devolutiva dos resultados. Esse contato será realizado mediante agendamento prévio, respeitando-se a disponibilidade, a autonomia e o interesse dos participantes.

A devolutiva ocorrerá por meio de entrevista específica, assim como na entrevista inicial, de caráter informativo e não avaliativo, na qual serão apresentados os principais achados do estudo, de forma clara, acessível e contextualizada, assegurando-se o sigilo, a confidencialidade das informações e a não identificação dos participantes.

Nesse momento, os participantes serão informados sobre a finalização da tese e convidados, de forma facultativa, a acessar o trabalho concluído e publicado, caso manifestem interesse. O pesquisador se colocará à disposição para prestar esclarecimentos adicionais, responder a eventuais dúvidas e dialogar sobre os resultados e os temas abordados na pesquisa.

Esse procedimento está em consonância com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), especialmente

no que se refere ao respeito à dignidade humana, à autonomia dos participantes, à transparência do processo de pesquisa e à devolução social do conhecimento produzido nas Ciências Humanas e Sociais.

3.1.7. Caracterização biosociodemográfica dos participantes da pesquisa

Para aprofundar a compreensão dos resultados produzidos pelo método adotado, optei por contextualizar biosociodemograficamente os pais e suas famílias. Essa contextualização revelou-se fundamental para iluminar uma constatação posterior: mesmo quando os participantes compõem um universo aparentemente homogêneo, as lentes da Teoria Bioecológica evidenciam que pequenas variações nos contextos, nas experiências e nas relações proximais produzem uma diversidade significativa de acontecimentos, posturas, percepções e significados. É justamente essa heterogeneidade, imanente ao desenvolvimento humano, que confere densidade à análise psicossocial. Nesse sentido, a escolha pela abordagem qualitativa mostrou-se não apenas adequada, mas necessária. Compreender nuances específicas e articulá-las ao conjunto, longe de reduzir a amostra, amplia o olhar sobre as múltiplas interações atravessadas pelo ambiente e pelas inter-relações que constituem a experiência familiar. Assim, reafirma-se o fundamento teórico do modelo PPCT, que, a meu ver como pesquisador, desdobra-se em uma progressão naturalmente complexa de inter-relacionamentos, revelando a riqueza e a profundidade das dinâmicas estudadas.

A partir dessa compreensão ampliada do fenômeno e reconhecendo a complexidade inerente às interações familiares, tornou-se possível avançar para uma etapa interpretativa de categorias emergentes. Dessa forma, posteriormente, foram relacionadas seis categorias a partir das quais foi realizada a interpretação do conteúdo das falas, tudo isso fundamentado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) (Bronfenbrenner, 1995, 1996, 2012), bem como nos demais autores pesquisados.

Os participantes foram identificados por nomes fictícios de diferentes estrelas. Essa escolha se deu a partir da perspectiva do pesquisador ao observar as diferentes famílias como microssistemas individuais que coexistem em um universo de interações positivas ou

negativas, o que reforça o conceito de uma amostra homogênea que, paradoxalmente, produz a possibilidade de relações complexas e heterogêneas. A seguir, serão apresentados em quadros os dados biosociodemográficos dos entrevistados e suas famílias, obtidos no questionário biosociodemográfico e uma breve contextualização das suas famílias.

Quadro 1

Participante A

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Rigel	Feminino	33 anos	Pós-Graduada	Católica	>10 S.M.

Quadro 1.1

Família Referenciada A

FAMÍLIA RIGEL	IDADE
Marido	33 anos
Filho A	02 anos
Avó Materna	65 anos
Avô-padrasto Materno	74 anos
Avô Materno	64 anos
Avó-madrasta Materna	51 anos
Avó Paterna	56 anos
Avô Paterno	Falecido

Fonte: Compilado pelo autor.

Rigel é uma estrela que faz parte da constelação de Órion, sendo uma das mais brilhantes do céu noturno. Além disso, Rigel é um sistema estelar múltiplo, o que significa que o que vemos como uma estrela a olho nu é, na verdade, composto por várias estrelas ligadas gravitacionalmente. A participante Rigel, advogada e estudante, referiu que sua

família nuclear é composta por ela, o marido, que atua como gerente de desenvolvimento, e filho, com idade de 02 (dois) anos.

Ao longo de sua entrevista, Rigel revelou-se profundamente atenta às relações que seu filho estabelece no contexto da família extensa, demonstrando sensibilidade para compreender a força das influências geracionais. Em diversos momentos de sua fala, questionou-se sobre a repetição de padrões herdados, evidenciando uma postura reflexiva e consciente acerca da transmissão intergeracional e de seus possíveis efeitos no presente e no futuro do desenvolvimento de seu filho. Ela é uma participante que exerce uma função notadamente mediadora e estimuladora do filho, não aleatoriamente, mas de forma profundamente atenta às relações que se estabelecem no âmbito da família extensa.

Rigel elencou a família, composta pela avó materna e seu companheiro, denominado de avô-padrasto; o avô biológico e a companheira, denominada de avó-madrasta; além da sogra, avó paterna e o sogro já falecido. Os avós residem a uma distância que varia entre 2 km (dois quilômetros) e 10 km (dez quilômetros) da entrevistada.

Observou-se que, em seu relato, Rigel faz referência recorrente aos avós maternos, aos próprios pais e, de modo especialmente significativo, à sogra viúva, que ocupa um lugar central como figura de suporte intergeracional no cotidiano familiar. Para além da dimensão afetiva, essa presença se materializa como apoio concreto à parentalidade e à conjugalidade, permitindo momentos de autocuidado, lazer e investimento na relação do casal. Rigel também se destaca por estabelecer limites claros entre os mesossistemas, negociando práticas educativas e regulando a atuação dos avós a partir do que define como um comportamento de “bom senso”, sobretudo quando se trata de aspectos relacionados à segurança e à regulação emocional do filho. Sua fala revela uma compreensão de limite como cuidado e afeto, distanciando-se de modelos autoritários e buscando romper com padrões geracionais que não considera alinhados à contemporaneidade.

No que se refere à saúde dos avós, todos foram descritos como estáveis, sem comorbidades, o que contribui para a disponibilidade e continuidade da manutenção das inter-relações familiares.

Quadro 2*Participante B*

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Bellatrix	Feminino	35 anos	Graduação	Não possui	>10 S.M.

Quadro 2.1*Família Referenciada B*

FAMÍLIA BELLATRIX	IDADE
Marido	39 anos
Filho A	09 anos
Filho B	05 anos
Avô Materno	64 anos
Avó Materna	65 anos
Avô Paterno	69 anos
Avó Paterna	63 anos

Fonte: Compilado pelo autor.

Bellatrix é a terceira estrela mais brilhante da constelação de Órion e significa "mulher guerreira" em latim. Também foi conhecida como "A Amazona". A participante Bellatrix é administradora e estudante universitária e seu cônjuge é professor universitário. Com dois filhos de 09 (nove) e 05 (cinco) anos, informou que os avós maternos residem na região metropolitana; a sogra é vizinha de residência, e o sogro mora em uma cidade mais distante, no interior do estado. Destacou que o sogro possui problemas cardíacos, enquanto os demais membros da família apresentam boa saúde, sem comorbidades. No decorrer da entrevista, identificou o filho mais velho como pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), condição que atravessa de maneira significativa a dinâmica familiar e amplia as demandas de cuidado cotidiano.

Bellatrix apresentou-se como uma participante especialmente sensível às questões profissionais e, em diferentes momentos, refletiu sobre seu papel para além da maternidade, destacando a importância da retomada da carreira após o nascimento dos filhos. Demonstrou compreender que o diagnóstico de TEA impôs necessidades específicas à organização familiar, exigindo adaptações emocionais, logísticas e relacionais; ainda assim, não reduziu sua identidade a esse contexto. Pelo contrário, afirmou-se como mulher, esposa e mãe, recusando uma posição de vitimização diante da condição do filho e evidenciando uma postura resoluta na construção de estratégias de cuidado, apoio e organização da rotina.

Observamos, em sua entrevista, a centralidade da avó materna como principal rede de suporte cotidiano, atuando tanto no cuidado direto com os filhos quanto como sustentação prática e emocional da conjugalidade, ao possibilitar momentos de descanso, lazer e investimento na relação do casal. Ao mesmo tempo, Bellatrix assumiu um papel ativo de mediação intergeracional, especialmente na relação entre o cônjuge e sua mãe, filtrando demandas e conflitos com o objetivo de preservar a harmonia familiar e a estabilidade conjugal. Essa mediação, embora protetiva, também se revelou como fonte de sobrecarga emocional, evidenciando a ambivalência presente na convivência intergeracional, marcada por acolhimento, apoio e, simultaneamente, pela necessidade constante de negociação de limites educativos. Em sua fala, tornou-se explícita a consciência de que a atuação dos avós no cotidiano impacta diretamente o desenvolvimento dos filhos, reforçando uma postura reflexiva e prospectiva sobre a transmissão de valores, a definição de fronteiras geracionais e a construção de uma conjugalidade pautada na parceria, na coparentalidade e na ruptura com modelos tradicionais de gênero.

Quadro 3*Participante C*

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Canopus	Masculino	44 anos	Pós-graduado	Cristão	>10 S.M.

Quadro 3.1*Família Referenciada C*

FAMÍLIA CANOPUS	IDADE
Esposa	32 anos
Filho A	05 anos
Filho B	12 anos
Filho C	16 anos
Avó Paterna	74 anos
Avô Paterno	76 anos
Avô Materno	Falecido
Avó Materna	78 anos

Fonte: Compilado pelo autor.

Canopus é uma brilhante estrela da constelação de Carina e a segunda mais brilhante no céu noturno. Frequentemente usada como referência em estudos astronômicos e simulações do céu. O participante Canopus é funcionário público e sua esposa é assistente social, ambos pós-graduados e trabalham. Residem com os três filhos, sendo o mais velho de 16 (dezesseis) anos fruto de uma primeira relação de sua esposa e os outros dois com 12 (doze) e 05 (cinco) anos, frutos da união do casal. Durante a entrevista, ele se referiu aos seus três filhos, de maneira coletiva, sem distinção da paternidade. Canopus informou que a avó materna reside aproximadamente a 30 (trinta) quilômetros de distância; já os avós paternos, moram nas proximidades, em uma distância máxima de 12 (doze)

quilômetros. Todos possuem boas condições de saúde. Ele mencionou que seu sogro já é falecido e que seus pais não convivem tanto com sua família como sua sogra.

Canopus configura-se como um participante peculiar e, de certo modo, intrigante quando comparado às demais narrativas geracionais. Em sua fala, valorizou de forma expressiva o papel da sogra como uma referência central nas relações intergeracionais, especialmente no vínculo estabelecido com sua filha mais nova. Ao mesmo tempo, evidenciou-se uma ruptura significativa com seus próprios pais, os avós paternos, que embora ainda vivos, não participam da convivência familiar e sequer aparecem em sua fala, nem mesmo de forma simbólica. Essa ausência discursiva sugeriu um afastamento afetivo e relacional que merece ser considerado no contexto da análise.

Outro aspecto marcante em sua narrativa foi a resiliência, perceptível na maneira como descrevia o enfrentamento de dificuldades conjugais e familiares. Canopus demonstrou um esforço consciente em manejar conflitos e construir uma relação saudável com sua parceira, movimento que pode indicar um aprendizado decorrente de experiências relacionais anteriores menos positivas, possivelmente observadas no relacionamento de seus próprios pais. Assim, emergiram as hipóteses de um processo de ruptura com padrões intergeracionais negativos e de ancoragem nas experiências positivas que observa na sogra, figura que ocupa um lugar de afeto, apoio e estabilidade em seu universo familiar.

Além disso, Canopus trouxe à tona elementos econômicos como parte constitutiva de seu microssistema familiar, reconhecendo que as demandas profissionais do casal geram ausências necessárias e inevitáveis. Nesse cenário, destacou ainda a presença da sogra como apoio afetivo e logístico, ao mesmo tempo em que reconheceu a responsabilidade econômica que o casal assume em relação a ela, caracterizando-a como uma pessoa idosa e com necessidades financeiras supridas majoritariamente pelos dois. Esses elementos esclareceram a interdependência entre fatores econômicos, afetivos e relacionais, reafirmando a complexidade bioecológica da sua experiência familiar.

Quadro 4*Participante D*

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Maia	Feminino	45 anos	Doutorado	Budista	>10 S.M.

Quadro 4.1*Família Referenciada D*

FAMÍLIA MAIA	IDADE
Filha A	13 anos
Filha B	10 anos
Marido	46 anos
Avó Materna	85 anos
Avô Materno	Falecido
Avó Paterna	68 anos
Avô Paterno	75 anos

Fonte: Compilado pelo autor.

A estrela Maia é uma estrela da constelação das Plêiades, é considerada uma estrela quimicamente peculiar, o que significa que suas linhas espectrais revelam abundâncias incomuns de certos elementos químicos em sua atmosfera. A participante Maia é professora universitária, descreveu que sua família nuclear é composta por ela, marido, também professor, e duas filhas com idades 10 (dez) e 13 (treze) anos. A avó materna tem 85 anos e o avô materno é falecido. Em relação aos avós paternos, o avô tem 76 anos e a avó 68 anos. Maia migrou de país por causa do trabalho dela e do esposo, o que resulta em uma grande distância física dos avós. Em relação ao estado de saúde da avó materna, foi relatado como muito bom e a dos avós paternos é boa, com comorbidades controladas.

Maia constituiu um caso singular entre os participantes, pois não reside atualmente no Brasil em razão de sua trajetória profissional. Ela e o esposo migraram para a Holanda com as duas filhas ainda pequenas, o que configurou uma mudança significativa em seu microssistema familiar. Em sua narrativa, Maia destacou aspectos que considera fundamentais para a decisão de permanecer no exterior: segurança pública, estabilidade financeira, oportunidades profissionais para o casal e expectativas futuras promissoras para as filhas.

Ao longo da entrevista, ela discorreu sobre o processo de adaptação à nova cultura e sobre a construção de laços sociais na comunidade em que está inserida. Ressaltou que, para as filhas, o processo pareceu mais fluido, especialmente no que diz respeito à aprendizagem da língua e ao desenvolvimento de uma rotina mais independente do que aquela que vivenciavam no Brasil. Essa percepção sinalizou a sensibilidade de Maia para as transições desenvolvimentais próprias da infância e adolescência, bem como para as diferenças intergeracionais na vivência da migração.

Um elemento particularmente marcante em sua fala é a ênfase na relação entre saúde e dinâmica familiar, tanto no micro quanto no mesossistema. Logo nas primeiras respostas, Maia explicou que sua mãe optou por permanecer no Brasil devido à idade, às questões de saúde e à proximidade com o restante da família, fatores que, segundo ela, constituem uma rede de cuidado fundamental para a manutenção do bem-estar materno.

A partir dessa reflexão, Maia convidou-nos a considerar como a estabilidade dos membros familiares, especialmente aqueles que permanecem no país de origem, está profundamente relacionada à rede de apoio que os sustenta para além da família nuclear. Esse movimento repercutiu diretamente na qualidade das relações proximais e afetivas entre avós e netos, uma vez que a distância geográfica se entrelaça às condições de saúde e suporte social, moldando a intensidade, a frequência e as modalidades possíveis de interação.

No que diz respeito à dimensão conjugal, Maia adotou uma postura marcadamente racional ao refletir sobre as transformações que o casal vivencia com a chegada da

maternidade. Para ela, esse processo exigiu escolhas conscientes acerca da forma de conduzir a criação das filhas, escolhas estas que inevitavelmente repercutiram na relação conjugal. Ao narrar os altos e baixos desse percurso, Maia fez referência ao suporte que, no passado, recebia da família, especialmente dos pais e sogros, e que, no contexto atual de migração, não encontra equivalência na rede de apoio disponível na comunidade holandesa.

Apesar das dificuldades inerentes à adaptação e às mudanças na dinâmica conjugal, Maia e o marido demonstraram uma compreensão conjunta do momento que atravessam. Reconheceram que a rotina do casal tende a se restabelecer à medida que as filhas crescem e se tornam mais autônomas. Além disso, ambos se mostram coerentes com a escolha que fizeram ao assumirem, de forma deliberada, o papel de suporte primário das crianças, mesmo diante da ausência física dos avós e do consequente reordenamento das relações proximais.

Quadro 5

Participante E

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDIA
Merope	Feminino	55 anos	Pós-graduada	Católica	>10 S.M.

Quadro 5.1*Família Referenciada E*

FAMÍLIA MEROPE	IDADE
Filho A	26 anos
Filho B	15 anos
Filho C	13 anos
Marido	49 anos
Avó Materna	79 anos
Avô Materno	Falecido
Avó Paterna	85 anos
Avô Paterno	87 anos

Fonte: Compilado pelo autor.

A estrela Merope é uma das sete Plêiades. Na mitologia, ela é a única das Plêiades a se casar com um mortal, o rei Sísifo. A participante Merope é psicóloga com pós-graduação, enquanto seu marido é jornalista com mestrado. Eles são casados, católicos e têm três filhos, de 26 (vinte seis), 15 (quinze) e 13 (treze) anos. O filho mais velho é de uma primeira relação dela. A avó materna possui comorbidades graves, ao passo que os sogros possuem um estado de saúde considerado normal. As residências são vizinhas. No decorrer da entrevista, Merope disse que seus filhos não conheceram o avô materno, em função do falecimento.

Entre os participantes, Merope foi quem mais destacou questões comportamentais decorrentes dos processos proximais intergeracionais, especialmente no que se refere à relação com a sogra, figura com a qual mantém conflitos que, embora verbalize ter superado, reaparecem em diferentes momentos de sua narrativa. Essa recorrência sugeriu que certos elementos da relação permanecem mal elaborados, emergindo de forma sutil, porém insistente, durante a entrevista.

Ao mesmo tempo, Merope apresentou-se como uma das participantes que mais reconheceu e se adaptou ao ciclo vital e ao curso do desenvolvimento familiar. Em diversos

trechos de sua entrevista, ela associou situações vividas a momentos de imaturidade emocional que foram se transformando com o decorrer do tempo, permitindo-lhe reorganizar-se diante dos desafios e elaborar novas maneiras de lidar com situações complexas. Essa percepção deve estar relacionada ao fato de ser a participante mais velha do grupo, o que evidenciou o papel do cronossistema nas vivências e reflexões que compartilha.

Além do tempo, a cultura pós-moderna também ocupou um lugar relevante em sua fala. Merope articulou temas como gênero e raça ao falar de sua trajetória e das relações familiares, indicando que esses marcadores sociais se entrelaçam às suas experiências intersubjetivas. Essa sensibilidade revelou não apenas a influência do macro-sistema, mas também a forma como tais categorias atravessaram e moldaram sua compreensão do próprio lugar nas dinâmicas afetivas e sociais.

No âmbito da conjugalidade, Merope apresentou-se como uma pessoa estratégica, orientada ao diálogo, à mediação de conflitos e à promoção de atividades que reforcem o vínculo com o parceiro. Sua narrativa construiu a possibilidade de uma conjugalidade madura, cooperativa e capaz de se sobrepor às tensões oriundas da família extensa. Dessa forma, Merope ofereceu-nos um exemplo eloquente de como é possível exercer, com relativa fluidez, seus múltiplos papéis de mãe, esposa, profissional e nora, articulando-os de modo a sustentar relações mais equilibradas e afetivamente nutritivas.

Quadro 6

Participante F

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Talitha	Feminino	32 anos	Mestrado	Católica	>10 S.M.

Quadro 6.1

Família Referenciada F

FAMÍLIA TALITHA	IDADE
Filha A	05 meses
Marido	33 anos
Avó Materna	58 anos
Avô Materno	60 anos
Avó Paterna	65 anos
Avô Paterno	69 anos

Fonte: Compilado pelo autor.

A estrela Talitha é um sistema estelar múltiplo que pode ser observado a olho nu, na constelação de Ursa Major. O nome "talitha" tem origem no aramaico, significando "menina", e também aparece em um contexto bíblico. A participante Talitha é analista de dados com pós-graduação e mestrado, é casada com um economista. Ela declara-se católica e seu marido ateu, têm uma filha de cinco meses e residem na Austrália, junto à família do marido. Os sogros, avós paternos, moram na mesma cidade a uma distância relativamente próxima. Os seus pais, avós maternos, residem no Brasil, o que implica distância física e um fuso-horário desafiante para a comunicação. O estado de saúde deles é considerado estável.

Thalitha é uma das participantes que mais explicitamente revelou, em sua trajetória, as transformações pós-modernas relacionadas aos papéis de gênero. Engenheira de formação, optou por desenvolver sua carreira acadêmica fora do país, escolhendo a Austrália como destino para sua formação avançada. Nesse país, concluiu mestrado e especialização, inserindo-se de maneira sólida no mercado de trabalho. Certamente, ao deixar sua família de origem no Brasil, Thalitha não imaginava que, para além do crescimento profissional, encontraria na Oceania o desafio e a possibilidade de constituir sua própria família.

Em diversos momentos de sua narrativa, o tema do “amor” ocupou lugar central. Não por acaso, é justamente esse elemento que desencadeou uma reconfiguração ecológica significativa em sua vida. Thalitha conheceu seu cônjuge na Austrália e decidiu estabelecer ali sua família nuclear, tornando-se migrante por escolha afetiva. Sendo a mãe mais jovem do grupo, relatou que sua bebê, com apenas cinco meses, demanda grande dedicação e cuidado, o que, por vezes, a faz com que se sinta sobrecarregada. Essa realidade impactou na logística da participação na pesquisa, exigindo agendamento detalhado e a organização prévia dos horários da criança.

Com a chegada da filha, Thalitha deparou-se com o macrossistema cultural como um desafio concreto, especialmente pelo fato de seu marido não ser brasileiro. Ela destacou que suas percepções e expectativas sobre a dinâmica familiar diferem significativamente das dele, o que a levou a questionar como essas diferenças culturais atravessaram e influenciaram seu microssistema e mesossistema familiar. Frente a essas tensões, recorreu ao amor idealizado e às referências transgeracionais de sua família de origem como fonte de estabilidade emocional e como guia para se adaptar ao novo contexto.

Apesar da juventude, Thalitha demonstrou maturidade e clareza ao reconhecer que eventos como o nascimento de um filho podem interferir na relação conjugal. Com isso, busca com frequência estratégias para manejar conflitos emergentes da maternidade e paternidade, cuidando para preservar o vínculo com seu parceiro. Sua história ilustrou de forma eloquente as dinâmicas de um mundo globalizado, no qual trajetórias migratórias e encontros interculturais se tornam cada vez mais comuns. Ao mesmo tempo, sua experiência nos convidou a refletir sobre como, mesmo em meio ao individualismo crescente da contemporaneidade, o amor permanece como um potente organizador da conjugalidade, capaz de reorganizar modos de ser, viver e relacionar-se.

Quadro 7*Participante G*

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDIA
Mira	Feminino	48 anos	Pós-graduada	Católica	>10 S.M.

Quadro 7.1*Família Referenciada G*

FAMÍLIA MIRA	IDADE
Filha A	27 anos
Filha B	12 anos
Marido	48 anos
Avó Materna	76 anos
Avô Materno	78 anos
Avó Paterna	79 anos
Avô Paterno	Falecido

Fonte: Compilado pelo autor.

A estrela Mira é uma estrela gigante vermelha variável, sendo a primeira estrela deste tipo a ser descoberta. O nome "mira" vem do latim e significa "a maravilhosa", em referência ao seu comportamento incomum de variar de brilho. A participante Mira é advogada, pós-graduada e seu marido músico profissional. Ela declara que, assim como o marido, é batizada, mas declara ser católica não praticante. Tem duas filhas, sendo a mais velha de um primeiro casamento. A sogra, avó paterna, mora na cidade vizinha a uma distância relativamente próxima, o sogro falecido. Os seus pais, avós maternos, são separados. A mãe reside na cidade de Gravatá há mais de 20 anos, em torno de 80km de distância; e o pai na mesma cidade. O estado de saúde dos avós é considerado estável. Durante a entrevista, Mira não fez referência aos avós de sua filha mais velha, fruto do primeiro casamento. Toda experiência intergeracional relatada foi ancorada na família

extensa do casamento atual, o que pode dar pistas de uma primeira relação conflituosa com os primeiros sogros.

Mira constituiu um exemplo claro de como conflitos relacionais podem interferir na promoção das relações intergeracionais. Ao final da entrevista, quando questionada sobre a ausência de referências à relação entre sua filha, fruto de sua primeira união, e os avós paternos, ela afirmou que, se fosse falar da primeira sogra, teria apenas reclamações e experiências negativas a relatar. Essa resposta evidenciou que determinados vínculos permanecem marcados por tensões que impactam diretamente o contato entre avós e netos.

Ainda assim, Mira demonstrou, em sua trajetória, que a maturidade funciona como elemento adaptativo e organizador das relações familiares. Ao falar da segunda sogra, descreveu uma convivência “boa e educada”, ainda que sem intimidade. O afastamento, nesse contexto, surgiu como estratégia para evitar conflitos. Alguns autores que referenciamos neste estudo apontaram que as relações entre avós e netos nem sempre são marcadas apenas por afetos positivos, podendo envolver conflitos hierárquicos e padrões comportamentais que geram desregulação emocional nos membros da família.

Sob outra perspectiva, Mira também se apresentou como um exemplo da mulher contemporânea, que negocia papéis, concilia responsabilidades e busca autonomia na gestão familiar. Ela relatou que compartilha algumas tarefas com o cônjuge, mas procura manter uma rotina de participação ativa, mesmo à distância, na organização da casa e no acompanhamento dos acontecimentos cotidianos. Mencionou, ainda, que as diferenças de horários de trabalho entre ela e o marido geraram desencontros conjugais, mas também criaram momentos individuais importantes entre cada um deles e as filhas.

Na tentativa de fortalecer a conjugalidade, Mira descreveu estratégias específicas, como desenvolver atividades profissionais conjuntas com o marido no campo da música. Contudo, essa colaboração também aumentou sua carga de trabalho, repercutindo na qualidade do tempo destinado ao lazer e aos cuidados pessoais. Como forma de preservar os momentos a dois, ela contou com o suporte da avó materna e da filha mais velha, já

adulta, que assumiram o cuidado da filha menor quando necessário, configurando um movimento claro do mesossistema de suporte que sustenta a relação conjugal.

Quadro 8

Participante H

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PRÁTICA RELIGIOSA	RENDA
Pollux	Masculino	68 anos	Doutorado	Católica	>10 S.M.

Quadro 8.1

Família Referenciada H

FAMÍLIA POLLUX	IDADE
Filha A	36 anos
Filha B	34 anos
Neta A	03 anos
Esposa	67 anos
Avó Materna	Falecida
Avô Materno	91 anos
Avó Paterna	Falecida
Avô Paterno	Falecido

Fonte: Compilado pelo autor.

Pollux é uma estrela das mais brilhantes no céu noturno. Juntamente com Castor, são as estrelas mais proeminentes da constelação de Gêmeos e, na mitologia grega, representam os irmãos Castor e Pólux, filhos de Leda, considerados divindades protetoras de marinheiros e viajantes. Mitologicamente tido como imortal, Pólux tornou-se símbolo da dualidade entre o humano e o divino. O participante Pollux é professor doutorado e casado com uma engenheira. Ele e a esposa são declarados católicos. Tem duas filhas; a mais velha tem uma filha (neta) mencionada em vários momentos do relato. O sogro, único avô vivo, reside próximo à família e conta com o suporte de uma cuidadora de idosos, em razão de apresentar comorbidades associadas à idade. Pollux enfatiza que o sogro mantém uma

relação muito boa com a bisneta, relação que ele define como empatia. De forma bidirecional, acrescenta que a neta também demonstra grande afinidade com o “Biso” (bisavô).

Pollux é o participante que menos fez referências diretas à relação intergeracional entre avós e netos. A meu ver, esse silêncio não foi casual. Possivelmente em função de ser o participante mais velho do grupo – e de suas filhas já serem adultas –, ele encontrou dificuldade em relativizar o tempo e recuperar episódios significativos da relação entre suas filhas, quando crianças, e os avós. Essa lacuna narrativa, longe de representar ausência do fenômeno, revelou uma limitação significativa na elaboração subjetiva das experiências intergeracionais, aspecto que considerei extremamente relevante para compreender seu discurso.

Ainda assim, Pollux ofereceu-nos dois elementos fundamentais sobre essas relações. Primeiro, ele descreveu a inversão dos cuidados entre avós e netos. O único avô ainda vivo em seu núcleo familiar, seu sogro, apresenta comorbidades e, apesar de receber cuidados formais, também é apoiado pelas netas. Esse cuidado não se expressa diretamente nas atividades básicas da vida diária, mas se manifesta em estratégias organizacionais relacionadas às rotinas de saúde, à gestão da casa e ao acompanhamento do avô em atividades que envolvem a bisneta – que constituiu o segundo ponto relevante de sua fala. As interações que ultrapassaram a avosidade e adentraram a experiência da bisavosidade estão cada vez mais presentes no mundo contemporâneo, resultado direto do fenômeno da longevidade, discutido no capítulo introdutório desta tese. A presença simultânea de quatro gerações vivenciando relações afetivas e de cuidado é um indicador claro das transformações demográficas e ecológicas do nosso tempo.

Durante a entrevista, Pollux manteve-se bastante reservado. Não ofereceu detalhes sobre sua relação conjugal, tampouco sobre eventuais interferências dos avós no cuidado das netas ou no suporte ao casal. A partir de minha posição analítica, considereei essa reserva um indício de que aspectos culturais marcaram fortemente sua subjetividade. Pela idade e pela geração à qual pertence, é provável que ele não tenha sido convidado, ao

longo de seu desenvolvimento, a refletir sobre dimensões intergeracionais ou sobre sua própria subjetividade nesse campo. Isso o colocou em um lugar de fala limitado, caracterizado por uma dificuldade de simbolizar tais experiências, o que se expressa na economia de detalhes de sua narrativa.

Essa percepção reforçou, de forma contundente, a pertinência desta pesquisa e a necessidade de criação de espaços de reflexão sobre temas intergeracionais. Ainda que as relações entre avós, pais e netos sejam extremamente presentes na realidade contemporânea, o olhar sobre a tríade, permanece subexplorado na literatura científica, sobretudo sob uma perspectiva ecológica e relacional. A fala de Pollux, justamente por sua economia, evidenciou o quanto essas relações podem permanecer invisíveis quando não são explicitamente convidadas à elaboração e nos revela a importância de investigações que promovam essa emergência discursiva.

Quadro 9

Quadro Geral

FAMILIAR	INTERVALO DE IDADE	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES E/OU REFERENCIADOS
Pai	33 anos – 68 anos	8
Mãe	32 anos – 67 anos	8
Avô	60 anos – 91 anos	11
Avó	51 anos – 85 anos	15
Avós Falecidas	Não se aplica	2
Avôs Falecidos	Não se aplica	6
Neto(a) Criança	05 meses – 12 anos	8
Neto(a) Jovem	13 anos – 16 anos	4
Neto(a) Adulto	26 anos – 36 anos	4
Bisnetos	03 anos	1
	Total de Participantes e/ou Referenciados	67

Fonte: Compilado pelo autor.

O quadro 9 não buscou reduzir a complexidade dos participantes aos dígitos, mas, ao contrário, possibilitar uma compreensão mais ampla, integrada e contextualizada da amostra composta por pais, avós e netos, evidenciando a riqueza das trajetórias, dos vínculos e das dinâmicas intergeracionais que atravessam o grupo. Esse quadro permite observar sinteticamente que a multiplicidade de faixas etárias presentes no grupo responde de maneira particularmente adequada às necessidades de uma pesquisa qualitativa. Restringir os participantes apenas a critérios estatísticos nos privaria de acessar nuances de intersubjetividade que emergem justamente em uma amostra composta por critérios homogêneos deliberadamente propositais, mas que, contudo, se revela marcada pela diversidade e heterogeneidade dos percursos familiares. Essa constatação, por si só, reforça a tese das múltiplas interações bioecológicas que permeiam a conjugalidade e que reverberam nas demais relações do sistema familiar.

Diante disso, avançamos esta tese para as análises das principais categorias identificadas nas falas dos participantes. Nesta seção, buscamos articular os achados empíricos às contribuições da literatura especializada, sem a pretensão de apenas confirmar conceitos ou localizar semelhanças. A intenção, enquanto pesquisador, foi ampliar o olhar sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como uma estratégia perceptiva capaz de iluminar as pessoas, os processos e seus contextos.

Tratou-se de observar como, ao longo do tempo, esses elementos podem se organizar ou se desorganizar; como fatores culturais modelam ou transformam as relações; como elementos externos ao núcleo familiar podem funcionar como suportes ou tensionadores nas estratégias de enfrentamento; e como o tempo, enquanto dimensão do cronossistema, pode ressignificar experiências mal elaboradas. Nesse contexto, ganhou centralidade a dinâmica intergeracional, especialmente a relação entre avós e netos, cuja presença, ausência ou qualidade repercute profundamente na configuração do sistema familiar como um todo, influenciando modelos de cuidado, vínculos afetivos, processos de mediação e modos de organização da parentalidade.

Para além da intergeracionalidade, interessa-me também vislumbrar como a conjugalidade constitui-se, organiza-se e reage aos estímulos que recebe. Como ela reorganiza funções, cria estratégias de manejo, sustenta a continuidade das relações e busca novas formas de adaptação diante dos desafios biopsicossociais que atravessam o curso da vida familiar.

4. Resultados e discussão

Esta seção apresenta e discute os resultados da pesquisa com base na literatura consultada. Identificamos 6 (seis) eixos temáticos, a partir das entrevistas coletadas, que são os seguintes: Percepção das relações entre gerações e suas repercussões no mesossistema; Aspectos positivos e negativos do relacionamento avós e netos na vida do casal; Suporte social: redes de interações; Conflitos relacionais e estratégias de enfrentamento; Recursos geracionais; Promoção da conjugalidade. Esses eixos emergem como dimensões essenciais para compreender os efeitos da convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental, revelando tanto os desafios quanto as potencialidades presentes nas relações entre avós, pais e netos.

Partindo da ideia de que a presença e a participação dos avós no cotidiano dos netos repercutem significativamente na conjugalidade dos pais, esta análise buscou evidenciar como tais interações intergeracionais se articulam com as dimensões afetivas, práticas e relacionais do casal. Supôs-se que a qualidade das relações entre os diferentes subsistemas familiares — especialmente na tríade geracional — atua como fator de coesão da conjugalidade, influenciando o modo como os pais vivenciam experiências como o cuidado, o suporte e a divisão de responsabilidades parentais.

4.1. Análise das entrevistas

A análise buscou articular as categorias elencadas com os referenciais teóricos, destacando como as experiências vividas refletem e, por vezes, constituem os modelos familiares tradicionalmente estabelecidos. Desse modo, os eixos temáticos apresentados a seguir foram interpretados à luz da hipótese de que fatores intergeracionais, demográficos, econômicos e culturais exercem influência significativa sobre o relacionamento conjugal. Ao articulá-los com o objetivo geral desta pesquisa – compreender como o microsistema avós e netos repercute no relacionamento conjugal dos pais, na perspectiva destes –, busquei aprofundar a análise das experiências relatadas pelos participantes. Paralelamente, retomam-se os objetivos específicos, que incluíram identificar como se dá a relação avós, pais e netos na família, bem como analisar os aspectos positivos e negativos do

microsistema avós e netos na vida do casal e captar se há conflitos no mesossistema e, havendo, como são resolvidos. A partir desses objetivos, foi possível vislumbrar indícios acerca da organização familiar, da parentalidade e da homeostase conjugal, sem a pretensão de esgotar tais dimensões. Assim, teoria e prática se entrelaçaram para iluminar como esses múltiplos fatores atravessam a vida dos casais, influenciando a forma como constroem, mantêm ou reorganizam suas relações no contexto investigado.

4.1.1. Percepção das relações entre gerações e suas repercussões no mesossistema

A opção por reunir estes dados sob o eixo “Percepção das relações entre gerações e suas repercussões no mesossistema” emergiu na compreensão, a partir do olhar dos pais, de como as interações entre avós, pais e netos são vividas, significadas e negociadas no cotidiano familiar. Esta categoria foi construída a partir das respostas às questões específicas do roteiro de entrevista semiestruturada e do questionário biossociodemográfico (instrumentos apresentados em anexo), que abordavam, dentre outras questões, diretamente a presença, a participação e o significado dos avós na vida dos netos e na organização da família em diferentes fases do ciclo vital.

Compuseram um mosaico de proximidades e diferenças os participantes com trajetórias bastante distintas como Bellatrix e Merope, que descrevem forte presença da família extensa; Canopus, com sua ênfase na continuidade geracional; Maia e Talitha, atravessadas pela experiência migratória; Rigel e Mira, que vivenciam redes de apoio intensas; e Pollux, cuja narrativa é marcada pela reserva e pela dificuldade de simbolizar experiências intergeracionais. Ao observar esse conjunto, interessou-me menos buscar um “modelo ideal” de relação entre gerações e mais evidenciar como, em contextos diversos, as experiências intergeracionais são atravessadas por elementos bioecológicos.

Assim sendo, considerei que as relações que ocorrem no âmbito da família nuclear e da família extensa são permeadas por atravessamentos complexos, envolvendo múltiplas camadas que se interrelacionam sistemicamente, conforme o modelo bioecológico proposto por Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012). As trocas geracionais familiares tendem a aumentar em um cenário no qual há uma maior duração dos relacionamentos entre as distintas

gerações; e a convivência duradoura entre elas proporciona condições para atender às complexas necessidades dos membros da família na transmissão de experiências antigas e na produção de novas (Schulz & Colossi, 2020). No microssistema, destacam-se as interações diretas entre avós e pais, pais e filhos, e avós e netos. Esses vínculos se entrelaçam no mesossistema, onde se formam tríades intergeracionais e se constrói o legado familiar por meio das relações cotidianas e dos padrões de transmissão cultural e afetiva. Observando esses aspectos, destacamos uma fala de Bellatrix: “A presença dos avós é muito boa, ter o afeto dos avós, criar essas memórias afetivas com eles (netos)”.

Para aprofundar a compreensão das dinâmicas relacionais, organizei a seguir um quadro (quadro 10) que sintetiza as formas de participação dos avós na vida dos netos segundo os relatos dos participantes. Esse mapeamento inicial permite visualizar diferenças e proximidades no conjunto da amostra, servindo como base para as análises das falas teóricas e práticas que se desenvolvem ao longo desta categoria.

Quadro 10*Interações entre gerações*

Participante	Presença dos avós	Interações diretas	Interações indiretas	Interações simbólicas	Função predominante
Bellatrix	Frequente (especialmente avó materna)	Auxílio cotidiano, presença ativa no cuidado dos netos	Eventual suporte logístico	Construção forte de memórias afetivas	Suporte / fator protetivo
Merope	Frequente (sogra), moderada (avó materna)	Convivência regular	Suporte eventual	Transmissão de valores	Ambivalência (suporte + interferência)
Canopus	Muito frequente (avó materna), ausente (avós paternos)	Convívio cotidiano, especialmente com a neta	Participação em tarefas da casa	Continuidade geracional; legado familiar	Suporte afetivo
Maia	Moderada e mediada por tecnologia (avós no Brasil)	Interação por videochamadas; visitas esporádicas	Suporte emocional à distância	Forte carga simbólica de nostalgia	Suporte simbólico / Distância geográfica
Talitha	Frequente (sogros), ausente presencialmente (pais)	Brincar; videochamadas; visitas regulares (paterno) e esporádicas (materno)	Suporte indireto; encontros mais espaçados	Diferenças culturais; internalização de valores pessoais	Suporte + tensão cultural
Rigel	Frequente (avó materna e sogra)	Participação ativa na escola e cuidados	Suporte logístico e rotina de trabalho dos pais	Conexões intersubjetivas fortes; continuidade de modelos	Suporte consistente
Mira	Frequente, porém com tensões	Ajuda nos cuidados; convivência regular	Suporte logístico, especialmente da avó materna	Presença simbólica; conflitos intergeracionais recorrentes	Ambivalência com tensão
Pollux	Moderada (avós maternos); ausente (avós paternos)	Interações esporádicas	Pouca ou nenhuma	Lacuna profunda dos paternos	Lacuna relacional / inversão hierárquica

Fonte: Compilado pelo autor.

Azambuja (2021) afirma que na relação intergeracional há um processo de mútua aprendizagem, em que tanto os mais velhos quanto os mais novos ensinam e aprendem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Essas trocas revelam os processos proximais, mediados pelas interações intergeracionais, que favorecem a

construção de competências e fortalecem os laços afetivos ao longo do tempo. Dias (2016; 2022) nos apresenta as diversas formas de influência dos avós na vida dos netos. Acerca disso, destacamos a fala de Merope: “Com os avós há uma boa relação. De muita escuta. Muito saudável e respeitosa”. Essas influências podem ser categorizadas em interações diretas, que englobam atividades emocionais como aconselhar, conversar, brincar e intermediar conflitos entre filhos e netos; interações indiretas, como fornecer suporte financeiro, moradia e infraestrutura; e interações simbólicas, como demonstrar disponibilidade afetiva e contribuir para a construção de uma intersubjetividade (Dias, 2019; 2022). Outra fala que nos mostra a aplicação dessa compreensão é a de Canopus:

A família inicia com os avós, passa pelos pais e chega neles (filhos), tem uma continuidade. A família não é uma coisa que surgiu de repente. Tudo que acontece, são fatos importantes na formação do sujeito em desenvolvimento, precisa haver uma construção do contexto familiar.

Além disso, o exossistema influencia indiretamente essas dinâmicas, incluindo os contextos institucionais nos quais os membros da família estão inseridos, como o trabalho e a escola, ainda que nem todos os envolvidos participem ativamente desses espaços. Traço percebido na fala de Rigel: “Quando a gente aumenta a demanda do trabalho, a do filho, da casa, não tem muito controlar..., a gente fica mais estressados um com o outro, e isso acaba afetando o relacionamento”. No macrossistema, situam-se os sistemas culturais, que moldam crenças, valores, e que estão em constante transformação, afetando o modo como as famílias se organizam e se desenvolvem, Thalitta reflete sobre isso: “Viver em outro país tem seus desafios. Tudo é muito diferente.” Nesse cenário complexo, a questão intergeracional emerge de forma marcante, especialmente por meio das tríades compostas por avós, pais e filhos. Essas configurações revelam complexas possibilidades de convivência. Dias et al. (2021) apontam que quando os pais incentivam a comunicação entre avós e netos, o relacionamento entre eles tende a ser facilitado.

No âmbito do cronossistema, os pais refletem sobre a brevidade das relações entre avós e netos. Ao perceberem a idade avançada dos avós, buscam ressignificar diferenças e

promover a troca geracional. Entre aqueles que já vivenciaram a perda de entes queridos, como a entrevistada Maia, cujo pai falecido não convive mais com as netas e cuja avó reside em um país diferente das netas e não as vê na mesma frequência de outrora, a reflexão sobre as experiências relacionais entre avós e netos permanece presente. Maia diz:

Eu falo, com um exemplo canônico da nossa relação, é que mamãe e papai falavam que ficavam impressionados como era desproporcional o amor que eles tinham pela neta. Mamãe dizia: ‘eu pensava que não existia amor feito de mãe, mas eu digo que o de avó é maior.’”

Já entre os que acompanham o envelhecimento dos avós, emerge o sentimento de valorizar o tempo compartilhado, como no caso de Canopus: “Como ela [a avó] tem quase oitenta anos, acredito que ela está aproveitando os últimos anos que ela pode estar próxima aos netos.” A instabilidade da dimensão temporal exerce influência significativa sobre a família e conduz a alterações contínuas que exigem desse microsistema mecanismos de adaptação e reorganização. A interação contínua com o tempo e com o ambiente, resulta na criação de novas formas de relação, como fala na sequência a entrevistada Merope, levando à reestruturação dos padrões de funcionamento previamente estabelecidos.

O café da manhã do domingo sempre foi na casa da avó [paterna]. Eu prezo muito por esta tradição. Hoje eles, adolescentes, não querem ir com tanta frequência. Mas, eles adoram comer o almoço que a minha mãe faz, mas eles não têm muita afetividade com ela [avó materna], gostam do almoço mesmo.

O nascimento de uma criança é um evento significativo no ciclo de vida da família nuclear e extensa, que demanda processos de mudança, adaptação e revisão das relações. A parentalidade nunca se constitui isoladamente, mas na intersecção de gerações que se reorganizam no microsistema e no mesossistema, sob a influência do tempo. O nascimento de um filho gera vínculos no microsistema familiar, fortalecendo laços já existentes. No caso de Belatrix, a presença intensa da mãe ilustra como o tempo de convivência e o apoio intergeracional funcionam como fator protetivo no cronossistema. Diz

ela: “Sempre tive uma relação muito boa com meus pais. Com a chegada do meu primeiro filho, acho que nos uniu mais ainda. Minha mãe estava muito presente. A gente ficou mais unidos do que já éramos.”

A realidade de Talitha também tem a dizer sobre isso:

Com o nascimento de minha filha, em relação aos meus pais, mudou o foco: a gente conversa muito sobre ela. Antes eu ligava para minha mãe para falar sobre minha vida, sobre minhas coisas, agora eu ligo (chamada de vídeo) e já mostro minha filha direto. Houve essa mudança no foco da conversa. Agora falo um pouco menos sobre minhas questões pessoais.

A chegada de uma criança produz fluxos comunicacionais e afetivos no interior da família, gerando um deslocamento do centro da atenção: do eu (adulto) para o nós (criança e rede familiar). A criança se torna mediadora das interações. Esse fenômeno pode ser compreendido como um ajuste ecológico onde os processos proximais, que antes eram orientadas para a identidade adulta da filha, passam a ser organizadas em torno da nova geração, que inaugura outro ciclo de desenvolvimento.

No aspecto intersubjetivo, o avô e a avó deixam de ser apenas ouvintes das experiências pessoais da filha para se tornarem partícipes ativos da vida da neta, ainda que mediados pelo microssistema tecnológico das chamadas de vídeo. No caso de Talitha, ela conta: “Mainha é a pessoa com quem falo todos os dias. Até com minha irmã, depois que minha filha nasceu, fica difícil coincidir um horário que ela possa falar, porque ela também tem uma filha pequena”. A dificuldade de manter contato frequente com a irmã, que também vive a experiência da maternidade, revela a tensão entre proximidade afetiva e limitações contextuais impostas pelas demandas do cuidado infantil.

A criança, nesse cenário, estabelece novos significados e prioridades familiares. Além disso, a redução do espaço da mãe para falar de si mesma aponta a tendência de autoanulação parcial da mulher em favor do papel materno, muitas vezes invisibilizando suas próprias necessidades emocionais. Essa renúncia subjetiva, ainda que temporária, pode ser lida tanto como expressão de afeto e dedicação, quanto como marcas do

microsistema, onde há uma expectativa cultural de maternidade totalizante. Sobre isso, destacamos a fala de Mira:

A chegada do bebê muda a rotina do casal. São novas tarefas, novos desafios, há um compromisso com o bebê. Se ele tem dificuldades para dormir, isso afeta o descanso dos pais – afetou muito o nosso. Isso implicou no nosso rendimento e no nosso relacionamento logo no início, mas depois normalizou.

A transição para a parentalidade é um momento crítico, marcado por rupturas na rotina e necessidade de renegociação de papéis. Mira destaca o impacto do sono interrompido, que repercute não apenas na saúde física dos pais, mas também no rendimento geral e, de modo particular, na qualidade da relação conjugal.

Maia, por outro lado, revela a tensão natural do mesossistema, quando diferentes gerações convivem com expectativas distintas. A intrusão inicial dos pais demonstra como o amor intergeracional pode, paradoxalmente, se transformar em excesso. Mas aqui também vemos adaptação e negociação de papéis, mostrando como os sistemas familiares se reorganizam. Diz Maia:

No início foi bem turbulento, porque naturalmente pela experiência que eles têm e pelo amor, que eles mesmos diziam desproporcional pela neta, eles eram bastante intrusivos. Mas isso durou pouco tempo, porque meu marido me ajudou muito com isso. Ele [esposo] consegue lidar melhor do que eu com isso. A gente aprendeu rapidamente a botar limites. E por incrível que pareça, meus pais se comportaram. Acataram bem. Meus sogros menos. Mas mamãe e papai acataram, foram bem racionais.

Merope traz um cenário em que a sogra ocupa fortemente o espaço do microsistema, interferindo na autonomia materna. O relato mostra como a posição da avó não apenas apoia, mas também redefine fronteiras relacionais. O ganho de autonomia após o segundo filho indica como o cronossistema e as experiências acumuladas são fundamentais para promover ajustes e maior clareza de papéis. Merope conta:

O meu primeiro filho com meu cônjuge era o primeiro filho dele, eu já tinha tido um filho. Em função disso, praticamente fui viver na casa de minha sogra. Eu saía do trabalho e ia direto para a casa dela. Meio que eu aceitava esta condição porque eu não tinha muita autonomia de decisão. Ela [sogra] pedia, chorava para ficar com os meninos por perto. Tinha esta interferência dela, e meu marido pedia para eu aceitar, para ela não ficar mal. Com o tempo, eu fui tendo mais autonomia, na verdade depois do nascimento do segundo [filho da relação].

O cronossistema evidencia a influência da mudança além da adaptação ao marco da vida conjugal que redefine competências parentais. Enquanto em alguns casos esse processo fortalece a maturidade e o cuidado com o ambiente relacional, em outros ele evidencia tensões que precisam ser elaboradas. Acerca disso, percebemos que, na família de Canopus, o nascimento da filha não apenas acrescenta um novo membro à família, mas também exige do casal uma reestruturação no microsistema conjugal. Houve então, segundo o entrevistado, o ganho de maturidade, o cuidado em evitar discussões e a busca por tranquilidade no ambiente revelam uma adaptação positiva às novas demandas:

Sobre o nascimento da nossa filha, que foi fruto do casamento, a gente passou a ter comportamentos que não tínhamos antes, como ser mais responsáveis, pensar duas vezes antes de ter uma discussão acalorada. Porque o ambiente precisa de uma certa tranquilidade para o crescimento dos filhos. Passamos a ter mais maturidade como casal.

Uma outra face das relações conjugais com o nascimento do filho é o conflito. O “choque de padrões” descrito por Belatrix adiante aponta para o desafio bioecológico de integrar perspectivas distintas em um mesmo contexto, exigindo negociação e alinhamento:

Foi bem impactante o nascimento do primeiro filho, a gente não brigava e começamos a brigar depois que o menino nasceu. No começo principalmente é bem difícil, tem um choque de padrões, cada um tem uma forma de pensar. A gente vai tendo que alinhar tudo. (Bellatrix)

No contexto do nascimento, novas demandas surgem na convivência diária: o casal assume funções parentais, exigindo o desenvolvimento de habilidades emocionais, comunicacionais e práticas. Isso pode ser percebido em mais uma fala de Canopus, ele conta:

Passamos a pensar como família a longo prazo. Porque antes dos filhos, você não tem tanta responsabilidade. Você até pensa que se o casamento hoje está dando certo, ótimo, mas se amanhã não der, tudo bem. Mas quando tem um filho você quer criar essa família, criar um lar, você começa a ter mais maturidade e pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa que possa atrapalhar a relação.

Reis et al. (2016) destacam que sentimentos de ambivalência variam desde a indecisão sobre como agir em relação à criança até a aceitação da nova condição. A presença familiar, especialmente das avós, valida emocionalmente a mãe e reconhece as inseguranças do momento de adaptação. Sobre isso, destacamos a fala de Bellatrix: “Para mim, foi bem confuso no começo, principalmente saber quem eu era: mãe, esposa, profissional”.

Rufino e Silva et al. (2014) salientam que as avós, em particular as avós maternas, têm sido frequentemente solicitadas a participar na criação de redes de apoio dos cuidados, permitindo que as mães e/ou pais possam desempenhar as suas diversas funções, em conformidade com as exigências da sociedade moderna, salientando a importância do mesossistema como agente de qualidade positiva nas inter-relações do casal.

Viturino e Dias (2022) destacam o novo protagonismo dos avós, distinto das representações do século passado. Esse protagonismo evidencia também o papel dos avôs no apoio familiar. Antes vistos apenas como figuras voltadas às relações adultas, atualmente se mostram participativos no convívio e oferecem auxílio direto aos filhos nos cuidados com os netos. Em consonância com essa perspectiva, observamos em algumas das falas dos participantes que, nas famílias onde as mulheres são independentes e autônomas, o avô materno tende a assumir responsabilidades de cuidado e atenção com os netos. Essa percepção decorre da observação dos relatos da convivência dos pais com

filhas que se posicionam como protagonistas de suas próprias trajetórias. Essa postura favorece uma maior aproximação paterna. Nessas circunstâncias, à medida que os temas são discutidos na díade geracional de forma aberta, cria-se um espaço para que o avô se sinta à vontade para opinar, apoiar e até mesmo colaborar de maneira efetiva na criação dos netos. Partes dessa percepção são percebidas na fala de Rigel:

Depois que meu filho nasceu, minha sogra e minha mãe começaram a me ajudar.

Antes, meu pai temia alguma questão de saúde e quis que eu tivesse um pediatra neonatal. Realmente eles [avós] são uma rede de apoio que ajudam a gente.

O envolvimento do avô pelo brincar é particularmente significativo, pois o brincar intergeracional tem valor não apenas lúdico, mas também simbólico. A expectativa da mãe de que a relação irá se fortalecer "quando a filha estiver mais velha" reflete a dimensão do cronossistema, explicitando que o vínculo com os avós não é estático, mas se desenvolve progressivamente, conforme a criança cresce e amplia sua autonomia. Assim, se ilustra como o papel do avô, mesmo que inicialmente marcado por encontros periódicos, representa uma relação significativa para a criança. Notamos isso na fala de Talitha:

Meu sogro brinca com minha filha nas visitas. Ele é super participativo nesses momentos.

Da mesma forma com meus sogros, inclusive com a chegada de minha filha, eu os vejo com mais frequência. Antes nos víamos quinzenalmente, agora esse contato acontece duas vezes por semana. Eu percebo que me aproximei mais dos meus sogros por conta disso.

O aumento do contato com os sogros, como percebido na realidade de Talitha, reflete a função social e simbólica dos avós na contemporaneidade. O aumento da proximidade com os sogros não decorre apenas da afinidade pessoal, mas de uma reorganização relacional em torno da criança como figura de coesão. Isso exemplifica como os papéis sociais podem ser transformados: de sogros que ocupavam um lugar periférico, passam a integrar o cotidiano de forma mais ativa e presente. Tal percepção sugere que a

parentalidade pode dissolver barreiras relacionais e criar laços de aproximação. Mira também nos fala sobre esse tipo de aproximação:

Em relação aos meus pais, houve uma aproximação natural em função da ajuda deles com a chegada do bebê. Com meus sogros também houve uma aproximação; acredito que porque era o primeiro neto deste filho deles, meu marido. Isso os aproximou muito.

Eventos e estruturas como as condições laborais dos pais, bem como seus percursos de estudo e formação, também são impactados pelo aumento da família nuclear. “Teve uma época em que meu marido não passou no vestibular na primeira vez, teve que fazer cursinho, estava com dificuldade financeira, então minha mãe e meu padrasto ajudaram”, nos conta Rigel.

Além disso, os valores culturais, os modelos de parentalidade transmitidos, as crenças familiares e os estilos de cuidados moldam as práticas parentais e as expectativas sociais. Sobre isso, destacamos mais uma fala de Talitha: “Eu não sei até que ponto isso é cultural ou algo da família do meu marido. Fico um pouco sem parâmetro de comparação sobre esse comportamento deles como avós”. A dúvida dessa entrevistada expressa se o comportamento é algo cultural ou específico da família do marido, mostra como a mãe aciona o macrossistema cultural como chave interpretativa, mas sem referências claras que a auxiliem na comparação. Isso se conecta ao conceito de intersubjetividade, pois a interpretação de comportamentos familiares sempre se dá em diálogo com os significados sociais disponíveis e com as próprias experiências de vida. Talitha continua desenvolvendo essa ideia e nos relata:

Eu fui criada em um ambiente bem diferente da família de meu marido. E agora, ao ver a forma como meus sogros interagem com minha filha, percebo uma diferença muito grande. Há um tipo de ‘linguagem de amor’ diferente da que eu fui criada. Não imaginei que isso me afetaria, e não sei até que ponto pode impactar minha filha. Acredito que estilos de famílias diferentes podem influenciar a forma como se dá a relação entre avós e netos.

A referência à “linguagem de amor” distinta mostra como as intersubjetividades familiares são atravessadas pelo macrossistema cultural. Talitha percebe que o estilo afetivo recebido de seus próprios pais difere daquele oferecido pelos sogros, e isso a coloca em uma posição reflexiva entre o reconhecimento da diferença e a preocupação com os possíveis impactos sobre a filha. Do ponto de vista das representações sociais da família, a fala mostra que, na contemporaneidade, não há uma única forma de expressar amor. O fato de a mãe se questionar sobre o efeito dessa diferença na filha indica a importância atribuída à afetividade no desenvolvimento infantil.

Muitas famílias relatam que discussões surgem frequentemente devido à interferência da sogra nas questões e relacionamentos familiares. Merope observa bem isso: “Minha sogra gosta muito de dar coisas para os meninos que ela acha que eles precisam. Ela interfere assim em algumas coisas de casa. Ela subjetivamente vai lá e interfere”.

Observando isso, compreendemos que a relação entre nora e sogra costuma ser atravessada por um imaginário de rivalidade, frequentemente vinculado à disputa pela atenção do filho/marido, que, em alguns casos, acaba por alimentar esse conflito ao buscar reforçar o próprio ego. Nos relatos colhidos nesta pesquisa, algumas participantes apontaram a presença dessa rivalidade, sobretudo no que se refere à relação com o cônjuge. Essa dinâmica tende a ser mais intensa em famílias de filhos únicos ou primogênitos, onde a dedicação materna anterior se converte em uma expectativa de atenção contínua, o que pode gerar sentimentos de ciúme por parte das esposas que desejam ocupar plenamente o espaço afetivo do companheiro. No entanto, quando se trata dos filhos/netos, muitas noras reconhecem que, ainda que de forma equivocada, as sogras demonstram a intenção de promover o bem-estar deles ao disputar a atenção com a mãe.

Dias (2008) observa que a atenção exacerbada aos netos pode estar associada a sentimento de culpa em relação à criação dos próprios filhos, funcionando como uma tentativa de reparação de falhas passadas ou de oportunizar experiências que não puderam ser vividas anteriormente. Para a autora, avós que carregam insatisfações, inseguranças ou

culpas tendem a buscar dos familiares um amor marcado pela exigência e pelo ciúme, o que, em muitos casos, repercute diretamente no vínculo com as noras, intensificando tensões e revelando aspectos de uma relação necessária e, por vezes, difícil.

Entretanto, é preciso relativizar essa perspectiva, uma vez que outros achados desta pesquisa apontam que a presença da sogra nem sempre representa um fator de risco, mas pode se configurar como uma fonte significativa de apoio emocional e prático no dia a dia. Isso evidencia que a coesão familiar não pode ser reduzida a estereótipos ou interpretações simplistas, sendo necessário considerar a complexidade e as singularidades de cada relação, além da qualidade dos vínculos estabelecidos.

Em alguns casos, essa relação pode ser marcada pelo respeito e pela cordialidade, porém delimitada pela ausência de intimidade e proximidade afetiva, regulando níveis de proximidade e distância. Nesse caso, a fronteira é permeável o suficiente para possibilitar respeito e convivência, mas não a ponto de permitir uma intimidade afetiva profunda. Na sua fala, Mira evidencia aspectos dessas considerações que fazemos: “A relação com minha sogra é respeitosa, mas nunca foi de intimidade ou amizade. Convivemos bem socialmente”. Já Talitha nos diz o seguinte:

Minha sogra e eu temos uma relação boa. Não temos muito em comum, temos poucas afinidades, mas é uma relação sem conflitos. Melhorou após o nascimento de minha filha; nos aproximamos mais, porque realmente ela tem conversado bastante comigo quando nos visita. Porém, eu não me sinto à vontade para pedir alguma coisa a ela. Por exemplo, se eu estivesse doente, eu diria para minha mãe: – vem aqui, estou precisando. Já com ela, não. Eu não recorro ao suporte dela, porque não tenho uma abertura tão grande para pedir ajuda.

A relação sogra e nora, no geral, é permeada pela ambivalência. Por um lado, há o reconhecimento da melhoria do vínculo com a chegada dos netos; por outro, há a manutenção de fronteiras relacionais, que impedem que a sogra seja acionada como rede de suporte em situações de vulnerabilidade. Esse movimento é coerente quando se percebe que nem todos os membros da família exercem a mesma função, ainda que

estejam próximos fisicamente. O fato de a sogra não ser vista como alguém a quem se possa recorrer em momentos de necessidade revela como as expectativas culturais e afetivas influenciam a construção dos papéis familiares.

Em alguns momentos desta pesquisa, destacou-se os conflitos que surgem quando a avó tenta exercer autoridade ou reparar, com os netos, aquilo que não conseguiu viver com os filhos. Isso mostra a sobreposição de papéis no microssistema, exigindo da mãe (nora) estratégias para mediar limites e proteger sua função parental. Em outras situações, percebe-se como valores do macrossistema – como preconceitos de geração anterior – infiltram-se no microssistema, por meio da relação com a avó, e precisam ser trabalhados pelos pais com os filhos. Neste contexto, vemos claramente a interação entre níveis do modelo bioecológico no relato de Merope:

A minha sogra interfere no sentido de querer fazer com os netos aquilo que não conseguiu fazer com os filhos. Ou mandar, impor a ordem e burlar o que a mãe diz. Ela faz um drama com o meu marido, diz que ele mudou com ela depois que me conheceu... acho que com a nora sempre tem este lado meio chato.

[...]

A minha sogra tem uns valores arcaicos, acho que devido à idade, ela é um pouco preconceituosa com alguns temas como raça e sexualidade, mas a gente já trabalha isto com os meninos para que eles possam se posicionar quando ela fala sobre isso com eles.

De outra forma, pode ser percebido um lado colaborativo que existe na relação do microssistema sogra/nora. A sogra oferece um apoio fundamental para viabilizar estudos e o trabalho, mostrando como o mesossistema pode ampliar as possibilidades de desenvolvimento da família, funcionando como recurso adaptativo e em alguns casos, viabilizador da qualidade das interações no exossistema. Rigel corrobora com este entendimento em sua fala:

Quem contribuiu muito foi minha sogra, [ela] é quem fica muito com ele [o filho]. Ela vem me render para [eu] poder ir para a faculdade, para meu marido poder voltar do trabalho no horário normal. Ela sem vir, meu marido tem que voltar mais cedo.

Canopus reforça esse aspecto positivo, descrevendo uma relação de cuidado intensa entre avó e neta, quase equiparada ao vínculo parental. Nesse caso, a influência da avó aparece de forma construtiva, transmitindo valores, afeto e cultura. Ele nos conta:

A gente incentiva muito isso [a relação entre avó e neta] e ela gosta das crianças, principalmente a menor. Ela é muito apegada à menina. Existe uma relação muito próxima entre elas. É importante demais para esses netos. Ela influencia, às vezes, na fala deles, no gosto, brinca de fazer roupinhas para as bonecas, dá pitacos, sugere coisas, é uma relação muito parecida com a relação de cuidados de pai e mãe.

Sobre isso, Pollux relata:

Sempre tivemos uma relação muito boa com meu sogro e minha sogra. Minhas filhas gostam muito dos avós por parte de pai; da minha parte, conheceram pouco os meus pais, porque faleceram quando elas ainda eram muito novas.

A fala expressa uma vivência de relações intergeracionais afetuosas com os avós maternos, ao mesmo tempo em que evidencia a ausência dos avós paternos, interrompendo parte do ciclo natural de transmissão familiar. Ao mencionar a ausência dos avós paternos devido ao falecimento, o participante aponta para um vazio relacional que impacta o repertório de experiências familiares das filhas.

No geral, os pais acreditam que o relacionamento entre avós e netos é benéfico para ambos. À medida que os netos crescem, os avós vivenciam experiências de vida com eles. Um vínculo próximo pode proporcionar às avós uma sensação de renovação (Strouse et al., 2021). Acerca disso, Rigel nos relata: “Repercutiu mais com a minha sogra. Ela passou a ajudar ativamente, a gente passou a se encontrar muito mais vezes”.

Outro mesossistema relevante é a relação entre o ambiente escolar e o familiar, no qual há a presença dos avós fornecendo apoio emocional e se envolvendo nas atividades

com as crianças, isso cria experiências fomentadoras para o desenvolvimento (Vilaça, 2018). Rigel demonstra ter essa realidade na sua família ao contar:

Eu acho que eles têm uma ótima relação. Eles sempre fazem questão de ver o neto, fazem questão de participar, na escola, eles tentam participar da vida dele [do neto] e eu vejo isso sendo muito benéfico para ele [o filho]. Sempre que há uma oportunidade a gente faz questão e tenta incluir ela [sogra], para ela participar ativamente da vida do meu filho e ele gosta também. Ele [filho] aproveita muito essa participação dos avós, e a gente faz questão de ter essa aproximação.

A proximidade na relação entre avós e netos é, em parte, influenciada pelo papel que os avós assumirem na vida do neto, o que pode estar relacionado a uma variedade de fatores demográficos. Essa conexão tende a se transformar ao longo do cronossistema, podendo tornar-se menos intensa à medida que as crianças vão crescendo, passando da infância para a adolescência e, eventualmente, para a idade adulta jovem. Acerca dessas interações, Merope nos fala: “A questão de querer passar os valores para os meninos é muito positiva. Apesar de que, eu percebo que ela [avó paterna] permite mais com os netos do que ela dizia permitir com os filhos dela”. Na realidade de Maia, essa percepção ocorre da seguinte maneira:

Ela [neta] assimilava muito os conceitos e valores da avó. Agora menos, ela está maiorzinha, mas quando era menor assimilava tudo, e agora ela está mais próxima da gente. Houve uma época que ela reproduzia umas coisas que a avó falava que a gente não achava legal. Meu marido pediu para minha sogra não falar tudo perto da criança. Ela acabava reproduzindo coisas que a gente não concordava.

Considerando-se as interações calorosas e contingentes no desenvolvimento dos relacionamentos iniciais, pensa-se que avós e netos podem se aproximar à medida que as crianças aprimoram suas habilidades sociais, como a atenção conjunta e a linguagem, facilitando a participação em atividades mais interativas e o estabelecimento de relações recíprocas com seus avós (Strouse et al., 2021). Sobre isso, nos diz Bellatrix: “É uma

relação de muito carinho, tanto dos meus pais com eles, principalmente da minha mãe, que é mais presente, como dos meus filhos com ela, existe um carinho muito grande”.

O conteúdo transgeracional aparece nas relações e influencia os comportamentos das novas gerações. Rigel nos fala o seguinte sobre isso:

Eu tenho coisas que são parecidas com a minha mãe de ideais e pensamentos, eu tenho algumas coisas parecidas com meu pai, mas eu tenho muita coisa do meu padrasto. Eu moro com ele desde os cinco anos e meio. Eu sei e percebo isso.

Segundo Passos (2003), as relações intrapsíquicas estabelecidas no grupo familiar são frequentemente transpsíquicas, ou seja, aquelas que são transmitidas entre gerações. A construção de um novo casal é profundamente atravessada pelos conteúdos transmitidos entre gerações, que se manifestam tanto de forma consciente quanto inconsciente nas dinâmicas conjugais (Féres-Carneiro et al., 2021). Rigel tem uma observação aguçada sobre isso e nos diz o seguinte:

O meu marido tem algumas coisas que parece com a minha sogra, mas não tanto. Como o pai dele faleceu, o que eu vejo é que, às vezes, como ele sentia falta dessa figura paterna, ele acabou encontrando de certa forma no meu padrasto e no meu pai, modelos de relações.

As relações entre gerações não se produzem de forma neutra, mas são profundamente atravessadas pela cultura e pelas tradições familiares. No contexto da conjugalidade intercultural, essas diferenças se tornam ainda mais visíveis, pois cada cônjuge carrega consigo uma bagagem simbólica própria sobre modos de cuidado, afetividade e papéis intergeracionais. É o que ocorre com Talitha, fato marcado em sua seguinte fala: “São muitas as diferenças em ser casada com uma pessoa que não é do Brasil e morar fora, diferente de um casal de brasileiros que migra e vai morar em outro lugar”.

A conjugalidade intercultural é atravessada pela diferença de origens culturais dos cônjuges. Enquanto casais brasileiros que migram compartilham uma bagagem cultural comum que pode funcionar como referência e suporte mútuo, como no caso de Maia, a

conjugalidade intercultural, vista na experiência de Talitha, exige negociações permanentes de significados, expectativas e práticas. A experiência conjugal é atravessada por diferenças, que se refletem também na parentalidade e nas relações com a família extensa. A forma como cada cônjuge concebe papéis de avós, modos de expressar afeto ou até práticas cotidianas da vida em família se torna objeto de comparação, mediação e, muitas vezes, de reconstrução das relações. Não é apenas “viver fora”, mas viver fora com alguém que tem outra matriz cultural. A conjugalidade, nesse contexto, torna-se espaço de negociação intercultural contínua, que vai além das demandas típicas de casais migrantes, esta constatação se deu na observação das falas de ambas as participantes, Maia e Talitha.

Circunstâncias imprevisíveis no ciclo vital exigem ajustes nos modos de cuidado, contato e apoio emocional entre os membros da família, como observado durante a pandemia da covid-19. Nesse cenário, percebeu-se que o uso de videochamadas, uma vez que foi um recurso muito utilizado durante a quarentena da pandemia, pode influenciar as relações entre crianças pequenas e avós, especialmente em situações em que estão fisicamente separados. “A gente é [de] uma geração que já está mais habituada com a internet. Ela [avó] menos, mas adaptou-se”, diz Maia. Em seguida recorre à memória de eventos passados, complementando:

Outra situação foi a pandemia. Todo mundo ficou isolado e sentiram muito. Então eu e meu marido, tentamos ter uma dinâmica que pudesse de alguma forma estar presente, mas sem por eles [os avós e netos] em risco. A situação dos meus sogros foi um pouco mais difícil porque ele [sogro] tem algumas doenças crônicas, então ele não podia de jeito nenhum pegar covid... foi muito sofrido, porque a gente perde o contato... Foi uma situação muito excepcional.

Outra questão observada nesta pesquisa foi a migração familiar em função das atividades profissionais dos pais, compreendida como fator determinante para a modificação do funcionamento relacional. Diante disso, os pais precisaram desenvolver estratégias para manter a comunicação e o contato entre avós e netos, valendo-se de

recursos tecnológicos a fim de preservar os vínculos intergeracionais, fenômeno também observado por Aureliano (2022).

Constatou-se, ainda, que há famílias que apresentam maior capacidade de se ajustar e de se adaptar às mudanças, fortalecendo a interdependência entre aqueles que permaneceram, como os avós com outros membros da família ou com a rede de apoio. Contudo, a literatura aponta que a resiliência familiar positiva está mais associada ao grau de resiliência desenvolvido por quem ficou para trás do que ao da geração migrante (Hu et al., 2022).

Elementos transgeracionais, sejam ausências, padrões relacionais ou modelos de afeto, influenciam a formação dos vínculos e a maneira como cada um ocupa seus papéis. Nesse processo, torna-se fundamental que os parceiros experimentem formas diferentes de se relacionar, para além dos modelos herdados, encontrando no outro um espaço de apoio, troca e construção conjunta. Ao dividir responsabilidades e flexibilizar funções, o casal pode, por exemplo, romper ciclos hereditários e, como efeito, ampliar seu repertório emocional. Maia expressa sua realidade com seu esposo, no que se refere a alternativas aos modelos herdados ao nos contar:

Inclusive como ele [marido] é insone e eu sempre dormi muito bem, muitas vezes na noite, era ele que levantava para dar o leite à nossa filha, porque eu tinha muito leite e eu congelava. Ele levantava a noite e botava no banho-maria, aquecia, colocava na mamadeira e dava para ela.

De forma geral, os achados desta seção indicaram que as relações entre gerações são vividas pelos participantes como um espaço simultaneamente protetivo e tensionado, no qual convivem cuidado, afeto e ambivalência de sentimentos. A meu ver, essas falas evidenciaram que as inter-relações não podem ser compreendidas de forma isolada: elas são atravessadas por processos intergeracionais positivos e negativos, que se desenrolam no microsistema e no mesossistema familiar, mediados por condições econômicas, experiências de migração, aspectos de saúde, marcadores de gênero e elementos culturais. Ao mesmo tempo, percebemos que os pais, ao transitarem entre suas famílias de origem e

suas famílias constituídas, adotaram diferentes estratégias, como aproximação, afastamento, negociação e redefinição de fronteiras, para proteger o casal e os filhos, sem romper necessariamente com o laço geracional. Assim, esta seção corroborou um dos objetivos centrais desta tese, ao evidenciar que as tramas intergeracionais, longe de constituírem um pano de fundo, configuram o próprio palco no qual se desenrolam as experiências de avosidade, promovendo legados, trocas e intercedendo diretamente na relação do casal.

4.1.2. Aspectos positivos e negativos do relacionamento avós e netos na vida do casal

A presente categoria foi constituída com o objetivo de identificar como os pais percebem os efeitos protetivos e tensionadores das relações intergeracionais sobre a vida conjugal e familiar. Nela, emergem com maior força as narrativas de Bellatrix, Rigel, Canopus, Merope, Maia e Talitha, cada um deles situado em contextos distintos, mas atravessados por um eixo comum: a percepção de que a relação entre avós e netos impacta, de algum modo, a organização da parentalidade e a qualidade do vínculo conjugal. Bellatrix e Rigel evidenciaram sobretudo os aspectos positivos, mas não deixaram de nomear os conflitos em torno de limites e decisões educativas; Canopus e Merope revelaram, de forma mais nítida, a ambivalência entre afeto e riscos relacionais, seja na quebra de regras, seja na modelagem de comportamentos de consumo; Maia trouxe com força a dimensão do afeto incondicional e da segurança emocional oferecida pelos avós, ao mesmo tempo em que reconheceu a transmissão de valores e modos de agir nem sempre desejáveis; e Talitha, por sua vez, explicitou o aspecto das limitações do vínculo mediado por tecnologia na primeira infância, mostrando como, em contextos migratórios, o amor intergeracional encontra barreiras desenvolvimentais e ecológicas específicas. A partir desse conjunto, procurei analisar não apenas “se” a presença dos avós é positiva ou negativa, mas “como” essa presença, concreta ou simbólica, inscreve-se na vida dos casais e nos processos proximais.

A seguir, estruturamos um quadro síntese (quadro 11) que, por participante, apresenta os principais efeitos percebidos, classificados como: impactos estruturantes, desestabilizadores, neutros, de sobrecarga, de suporte e de reorganização. Esse recurso permite observar tanto convergências quanto singularidades entre os participantes, oferecendo uma base para a análise que se seguirá.

Quadro 11

Aspectos qualitativos positivos e negativos

Participante	Aspectos positivos percebidos	Aspectos negativos percebidos	Classificação da Relação
Bellatrix	Acolhimento dos avós; suporte emocional; presença ativa no cuidado cotidiano e no contexto do TEA	Excesso de preocupação; interferências afetivas em momentos críticos	Suporte significativo / Reorganização
Rigel	Ampliação da rede afetiva; presença na rotina escolar; convivência harmoniosa	Eventuais desrespeitos às decisões parentais	Impacto estruturante com tensões pontuais
Maia	Amor incondicional; senso de segurança; transmissão de valores; referência emocional para as filhas	Reprodução de comportamentos indesejados; diferenças culturais; distância física	Ambivalência positiva / Impacto estruturante simbólico
Canopus	Continuidade geracional; transmissão e construção de memórias afetivas	Quebra de regras disciplinares	Ambivalência / Reorganização
Merope	Afeto; suporte inicial na maternidade; convivência constante	Modelagem de consumo e acumulação; interferência na autonomia parental; valores arcaicos	Impacto desestabilizador com sobrecarga parental
Talitha	Brincar com sogro; aproximação com família do parceiro; suporte afetivo	Limitações da criança para reconhecer avós pela distância; diferenças culturais	Ambivalência neutra / Reorganização
Mira	Ampliação da rede de cuidado; ajuda prática dos pais; convivência com sogros respeitosa	Conflitos antigos com sogra; interferências no início da maternidade	Ambivalência / Reorganização
Pollux	Relações equilibradas com avós maternos; memórias positivas	Ausência dos avós paternos; lacuna intergeracional	Impacto neutro com lacuna relacional

Fonte: Compilado pelo autor.

A partir dessas sínteses, aprofundi a seguir a análise dos achados, explorando os processos proximais, nos padrões transgeracionais e nas adaptações que permeiam o cotidiano dos participantes.

Segundo Jones Harden et al. (2000), para a coesão do sistema familiar, é fundamental promover estratégias visando melhorar o bem-estar psicológico dos pais. Ao fortalecer essa esfera, cria-se um ambiente que promove o desenvolvimento saudável e reduz o risco de fragilidade nas inter-relações futuras. Nesse cenário, as relações intergeracionais também assumem um papel importante, visto que carregam uma multiplicidade de influências que se manifestam de forma sistêmica nas inter-relações. “A gente vê que meu filho repete o que eles [avós] estão fazendo, eu acho que isso influencia na vida dele, em quem ele vai ser”, afirma Rigel em uma fala que reflete o entendimento teórico proposto.

Outra observação importante é o fato de existir uma pessoa com TEA em uma das famílias participantes, um dos filhos de Bellatrix. Nesse contexto é necessário que a família adapte recursos emocionais, sociais e materiais para lidar com a condição e com as demandas de cuidado e desenvolvimento contínuo da criança. O papel dos avós como uma rede de suporte fundamental pode atenuar a sobrecarga dos pais, tanto no que diz respeito às questões cotidianas de cuidado direto, quanto no suporte emocional frente às incertezas e desafios do prognóstico. A seguir, a fala de Bellatrix mostra como a presença dos avós é percebida como fonte de acolhimento, especialmente em momentos críticos como o nascimento de uma criança ou diante de desafios do desenvolvimento, como no caso de seu filho mais velho, diagnosticado com TEA. Bellatrix relata:

Os avós são muito acolhedores. Quando acontece algo como o nascimento, eles se preocupam muito. São sempre disponíveis, demonstram alegria quando a gente conquista algo, eles ficam felizes. E quando tem alguma coisa que não é boa também, por exemplo, eles se preocupam com o desenvolvimento do meu filho mais velho que é TEA, se preocupam com tudo.

Nessa fala, é possível vermos o microsistema funcionando como rede de suporte emocional, onde a disponibilidade e a alegria dos avós ajudam a reduzir o impacto do estresse parental. Da Silva et al (2016) relatam que a presença de uma criança com TEA no contexto familiar implica a necessidade de constantes reestruturações, tanto no que se refere às expectativas acerca do desenvolvimento e do futuro do filho, quanto na redefinição de projetos familiares e pessoais. Do ponto de vista da saúde física e mental, a rede de cuidado pode mitigar sentimentos de sobrecarga, oferecendo sustentação psíquica e práticas de afeto que contribuem tanto para o bem-estar da mãe quanto para o desenvolvimento da criança.

Em uma fala de Canopus, evidencia-se positivamente a transgeracionalidade, descrita na riqueza cultural e afetiva transmitida pelos avós, valorizada como herança simbólica que atravessa gerações. A presença dos avós no microsistema permite que a criança acesse narrativas, valores e práticas oriundas do macrosistema, no caso a cultura dos antepassados. Ao mesmo tempo, surgem tensões quando há quebra de regras e de disciplina, revelando a necessidade de negociação entre as gerações para proteger a coerência educativa. Acerca disso, Canopus nos conta:

A quebra de regras da disciplina familiar é talvez o ponto mais negativo que a gente percebe. Positivos são muito, a afetividade, a relação com essa pessoa que é a raiz da família. Absorver a cultura que vem da antiguidade, dos antepassados, ter tempo para compartilhar isso com as crianças. São momentos que vão ficar na memória deles, que são muito importantes para a família.

Na fala de Rigel apresentada a seguir, o contato com os avós é descrito como majoritariamente positivo, favorecendo a convivência e o fortalecimento das relações. As tensões aparecem quando decisões parentais não são respeitadas, o que remete novamente à sobreposição de papéis no microsistema e à importância de definir fronteiras claras para garantir a autonomia parental. Mesmo assim, o peso positivo se sobressai e a convivência intergeracional proporciona experiências de afeto, lazer e pertencimento. Segundo Rigel, acerca do contato com os avós:

São muito mais positivos do que negativos. Negativos só quando não há um respeito de algumas coisas, por exemplo, quando a gente quer limitar alguma decisão e algum avô não respeita essa decisão. De forma geral, todo mundo respeita as decisões que a gente toma. Então eu acho muito mais positivo o efeito de ele ter contato com os avós, de tê-los e poder curtir.

Sobre as diferenças geracionais e hierárquicas, Passos (2021) destaca que elas afetam os sistemas familiares, criando acordos e pactos de funcionamento. As heranças familiares e culturais fazem parte do processo de transmissão entre gerações. A cultura familiar, composta por afetos, fantasias, padrões de relacionamento e significados, e o imaginário coletivo, formado por valores, crenças, ideais e preconceitos que atuam diretamente na maneira como cada indivíduo se posiciona no mundo e constrói sua identidade (Almeida, 2008).

Na perspectiva de Merope, a avó aparece como agente modelador de comportamentos e hábitos de consumo. O neto incorpora práticas observadas diretamente no microssistema, evidenciando o papel transgeracional da aprendizagem por observação e imitação. Quando esses comportamentos carregam riscos potenciais, no caso o acúmulo excessivo ou o consumo impulsivo, a influência dos avós pode ter impactos não apenas no desenvolvimento social e emocional, mas também na saúde mental da criança, pois reforça padrões de repetição os quais a criança ainda não está preparada para lidar. No geral, os pais precisam intervir para equilibrar essas influências. Nesse sentido, Merope fala:

A avó influencia o comportamento deles. Meu filho gosta muito de comprar, minha sogra, minha cunhada, meu cunhado são todos assim. Eles ficam estimulando-o a esse comportamento. Até hoje quando ele quer uma coisa ele vai e pede: 'vovó'... E a questão de acumular as coisas, a avó é acumuladora e ele [neto] tem estes traços de acumular as coisas.

O diálogo entre gerações gera tanto continuidade quanto ruptura. Ao escutar conselhos dos pais (avós), algumas práticas são incorporadas, enquanto outras são

descartadas por serem percebidas como desatualizadas. Rigel expressa bem em sua fala esse entendimento ao nos contar:

Eu acho que algumas coisas a gente faz igual aos meus pais. Por exemplo, eles falam: “Se fosse meu filho eu fazia assim, ou com meu filho faria assado”, e algumas coisas realmente a gente faz. Outras coisas a gente não faz, e diz: não, isso está atrasado.

Essa seleção consciente revela um exercício de saúde relacional. Ao gerenciar essas heranças culturais, os pais mantêm sua autonomia e aprimoram a definição de seus próprios papéis. Diante disso, podemos também destacar a seguinte fala de Bellatrix:

A relação nossa é bem diferente da do meus pais. Tem coisas que minha mãe viveu com meu pai, da época deles, que ela aceitava e que eu não aceito. Mas talvez pela questão de que eu estou em outra época sabe? É bem diferente da relação da gente, é bem diferente da dos meus pais. (Bellatrix)

Sob a ótica da saúde mental, essa distância entre modelos pode proteger ao evitar padrões geracionais prejudiciais e promover autonomia e qualidade nas relações para a nova geração.

Na realidade familiar de Maia, fica evidente o papel central dos avós como fonte de afeto incondicional e segurança emocional. Essa relação, amplia a rede de suporte e de afeto das crianças, que encontram nos avós não apenas amor, mas também um espaço de inter-relações positivas e continuidade geracional. Maia então nos diz:

Eu jamais imaginei a possibilidade de não deixar as meninas conviverem com os avós, porque os pontos positivos da convivência com os avós superam em muito [os] pontos negativos. As meninas têm uma noção de respeito ao mais velho, de afeto incondicional. A noção delas de amor incondicional não é o da mãe e do pai, mas é de vovô e vovó. Essa coisa de proteção e de segurança, elas têm com os avós, não conosco. Eu acho que os pontos positivos da convivência superam e muito os pontos negativos.

O fato de as meninas perceberem a proteção mais associada aos avós do que aos pais mostra como diferentes vínculos podem ter funções distintas, sem que necessariamente haja competição. Além disso, o reconhecimento do respeito aos mais velhos mostra a transmissão de valores do macrosistema, reinterpretados positivamente no cotidiano familiar.

A convivência intergeracional favorece a construção de vínculos fortes, baseados na reciprocidade e no afeto. “Quanto mais gente amar meu filho quanto mais ele se sentir amado e querido é melhor” (Rigel). O tempo compartilhado entre as gerações se torna um espaço valioso de troca emocional e de fortalecimento dos laços familiares (Cardoso, 2011).

A relação entre avós e netos revela uma tensão interessante: de um lado, há quem os perceba como figuras que educam, transmitindo valores, regras e modos de viver; de outro, existe a ideia de que sua função seria apenas para “aproveitar o momento”, oferecendo afeto e presença sem a responsabilidade da educação formal. Essa contradição se manifesta de forma mais ou menos intensa, tendo em vista a percepção dos pais em reconhecer nos avós um suporte essencial ou, ao contrário, limitar sua atuação para preservar sua própria autoridade. No caso da família de Canopus, observamos a compreensão de que os avós participam da dinâmica familiar para se valerem do momento. Diz ele: “Os avós não têm o compromisso de educar, eles estão apenas ali para usufruir do momento”.

Quando os avós assumem uma postura mais ativa na educação, seja impondo regras ou dando opiniões frequentes sobre a criação dos netos, podem surgir tensões, pois os pais podem sentir sua função parental questionada ou diminuída. Para alguns, essa presença pode ser vista como uma invasão, dificultando a construção de limites claros. Por outro lado, há famílias que acolhem esse envolvimento como um apoio, valorizando a sabedoria e a experiência dos mais velhos, como é o caso da família de Bellatrix, ao nos contar: “Avó não tem obrigação de criar, mas como faz parte do dia a dia, convive com meus filhos, tem que entender que precisa realmente ter limites”.

Além do já observado, as falas de Canopus e Bellatrix revelam uma tensão na definição de papéis dos avós, que também se apresenta na literatura sobre intergeracionalidade e avosidade. Em outras palavras, Canopus enfatiza a dimensão afetiva e lúdica, defendendo que os avós estão presentes para "usufruir do momento", sem a responsabilidade de educar. Enquanto Bellatrix introduz uma visão mais crítica e normativa, afirmando que, se os avós participam cotidianamente do microssistema, é inevitável que também precisem lidar com responsabilidades educativas, sobretudo no que se refere ao estabelecimento de limites.

Essas análises sugerem que, ainda que não seja sua obrigação primária, os avós exercem influência direta no comportamento dos netos e, portanto, não podem ser compreendidos apenas como agentes lúdicos ou secundários. A posição de Canopus reflete um valor social que exime os avós de encargos formais, preservando-os como fonte de afeto. Já Bellatrix traduz a realidade prática de muitas famílias, em que a convivência intensa faz com que a ausência de regras claras comprometa tanto a saúde relacional quanto o desenvolvimento emocional das crianças.

Considerando esses fatores, a crítica que emerge é que, ao se pensar nos avós apenas como presença afetiva, corre-se o risco de invisibilizar o impacto real que exercem no cotidiano e na formação dos netos. Por outro lado, ao se exigir deles uma corresponsabilidade, é preciso cuidado para não os sobrecarregar com funções que pertencem prioritariamente aos pais. O desafio, portanto, é construir uma coesão ecológica, em que os avós possam exercer sua presença afetiva sem que isso comprometa a autoridade parental.

Ainda que os avós não assumam formalmente o papel de educadores, a transmissão de valores, comportamentos e normas acontece de forma natural, por meio das ações, rotinas e interações do cotidiano, no tempo do convívio (Cardoso, 2011). Essa transmissão natural pode ser percebida na família de Maia, ao nos contar o seguinte:

Eu lembro de uma história do supermercado, onde minha filha estava no carrinho de compras, ela imitando um carro real, fazia 'bi-bi', 'bi-bi' e gritava 'palavrão', eu

perguntei, minha filha o que é isso?! Ela respondeu: é assim que vovó dirige. Na mesma hora, meu marido ligou para a minha sogra e disse: “mãe olha o que a menina está fazendo”. A minha sogra disse: “eu não dirijo assim não”. Mas nós sabemos que ela repetiu o que minha sogra faz quando pega ela na escola na hora do rush, e eu sei que ela faz isso porque eu já presenciei.

A convivência diária, mesmo sem a intenção direta de educar, se torna um espaço potente de aprendizado, no qual as crianças absorvem modelos de conduta, percebem regras implícitas e internalizam modos de se relacionar com o mundo. Caso a convivência entre avós e filhos seja harmoniosa, há o favorecimento dos benefícios diretos e indiretos que os avós podem proporcionar aos netos, bem como a sensação de conforto dos avós em exercer sua avosidade (Dias, 2022a).

Malcata (1997) afirma que o ambiente influencia diretamente o nível de confiança e segurança emocional entre os membros da família. A quantidade de vínculos seguros e a presença de redes de apoio são essenciais para o desenvolvimento, especialmente nas interações que se expandem para além do microsistema. Rigel faz um relato que nos leva a perceber esses aspectos na sua dinâmica familiar:

Por exemplo, na adaptação dele [filho] ao colégio, que foi muito tranquila. Eu acho que foi por conta de ter uma família grande, e ele está sempre em contato com outras pessoas. Desde pequeno, ele teve essa interação. Isso acabou facilitando de alguma forma. Apesar de ter um vínculo muito forte comigo e com meu marido, ele sabe que pode confiar em outras pessoas e que ele não precisa necessariamente estar com a gente para estar seguro.

Consideramos ainda, a partir das entrevistas realizadas, que as representações e os afetos transmitidos pelas figuras parentais e ancestrais compõem a base do sistema de representações de cada indivíduo. De caráter predominantemente inconsciente, esses conteúdos emocionais e simbólicos moldam os papéis psíquicos dos membros da família e organizam suas posições nas dinâmicas relacionais (Almeida, 2008). Maia nos diz:

A minha relação com minha mãe melhorou muito na minha vida adulta. Eu acho que tem algumas variáveis que pesaram nisso. A idade pesa, discutir é um desgaste. Minha mãe ficou muito mais flexível com a idade. Meus sogros também. Eu acho que a redução de conflitos se dá pelo fato de que anos de convivência com os netos, deixou todos a par das limitações um do outro. 'Bater de frente' com as netas, para os avós, é mais sofrido do que 'bater de frente' conosco [casal].

Observa-se nessa fala de Maia que o cronossistema atua como um fator mitigador de conflitos e como um elemento que favorece a adaptação da família às mudanças. Ao longo do tempo, a convivência contínua entre avós, pais e netos permite que cada geração reconheça limites, compreenda expectativas e desenvolva estratégias de mediação. No microssistema, ela evidencia a diminuição de tensões na relação direta com os avós, refletindo maior flexibilidade emocional e comportamental por parte deles, provavelmente influenciada tanto pela idade quanto pela experiência acumulada na criação e interação com os netos. Ao mesmo tempo, no mesossistema, essa adaptação favorece a relação conjugal, já que os conflitos com os avós não se sobrepõem à autoridade e às decisões do casal, permitindo uma coordenação mais harmoniosa entre gerações.

Um fator importante nessa dinâmica intergeracional é a idade dos netos. Estes, em fases iniciais da infância, ainda não possuem autonomia para desenvolver a relação por conta própria. Nesses casos, sob orientação dos pais, o vínculo formado tende a proporcionar mais benefícios aos avós do que às crianças. Isso pode ser percebido na família de Talitha, ao ela relatar que: “Ela não reconhece os avós no celular; ela observa o equipamento, mas acredito que não associa os avós às chamadas”.

Há uma tensão entre as possibilidades tecnológicas para a manutenção dos vínculos familiares e as limitações desenvolvimentais da criança. As interações, nas fases iniciais, carecem da corporeidade e da constância necessárias para a consolidação dos vínculos. O comportamento descrito pela mãe, no qual a filha observa o equipamento, mas não associa a imagem e a voz aos avós, é coerente com estudos do desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Papalia e Martorell (2022) ressaltam que, nos primeiros anos de

vida, a criança constrói o reconhecimento e o apego a partir de experiências multissensoriais como toque, cheiro, contato visual direto, elementos ausentes ou limitados em interações virtuais. Assim, a ausência desses estímulos pode dificultar a generalização da experiência para o contexto mediado por telas. Contudo, a própria fala materna traz uma dimensão prospectiva e relacional: o reconhecimento pode não ocorrer no presente, mas há a expectativa de que, com o tempo e o desenvolvimento da linguagem a criança passe a associar a imagem no celular aos avós distantes.

De forma geral, observamos que o relacionamento entre avós e netos se configura como um campo de ambivalência na perspectiva dos pais. De um lado, há um forte potencial protetivo, de outro, emergem tensões claras quando fronteiras não são respeitadas, quando opiniões sobre educação se sobrepõem à autoridade parental ou quando comportamentos de risco são transmitidos no convívio. O que se evidenciou não é uma classificação simples de avós “bons” ou “problemáticos”, mas a necessidade de compreender essas relações como processos complexos que exigem negociação contínua.

4.1.3. Suporte social: redes de interações

Esta seção foi elencada com o objetivo de verificar como os pais compreendem, articulam e mobilizam diferentes fontes de suporte. As análises aqui apresentadas derivaram do mapeamento de redes formais e informais. Neste eixo, destacaram-se especialmente as narrativas de Bellatrix, Rigel e Maia, em que os avós ocupam lugar central como suporte emocional e prático; as falas de Mira e Pollux, que evidenciaram arranjos mais tradicionais nos quais a mãe permanece como referência afetiva, mesmo compartilhando o cuidado com colaboradoras e outros cuidadores; e os relatos de Talitha e Maia, que expuseram o peso do macrossistema cultural nas escolhas de creche, babá e uso ou não dos avós como cuidadores. Já Merope e Canopus trouxeram, de forma mais nítida, a experiência da alternância entre diferentes cuidadores e a necessidade de reorganizar o microssistema frente a limites geracionais e físicos dos avós.

Embora as análises discursivas seguintes evidenciem nuances importantes, a apresentação de um quadro síntese (quadro 12) permite visualizar, de modo comparativo,

como cada casal mobiliza suportes intergeracionais e extrafamiliares, em que contextos eles se tornam mais significativos e impactantes aos participantes. Assim, o quadro a seguir busca condensar os principais achados referentes à categoria.

Quadro 12

Tipos de suporte social utilizados

Participante	Suporte Intergeracional	Demais Suportes	Frequência/ impacto na família nuclear
Bellatrix	Avó materna acolhedora e sensível às demandas; suporte emocional intenso	Hotelzinho/creche após retorno ao trabalho; babá para o segundo filho	Alta frequência – Impacto positivo.
Rigel	Mãe, sogra e padrasto muito atuantes; avós como rede sólida de cuidado	Colaboradora diária; escola como apoio na rotina	Alta frequência – Impacto positivo.
Maia	Avós fundamentais em crises de saúde do marido; forte vínculo afetivo	Cuidadora eventual; “hotelzinho” pedagógico	Frequência moderada – Impacto ambivalente/positivo.
Merope	Sogra inicialmente cuidadora; tia do marido assumiu depois; avó influencia comportamentos	Escolinha após perceber limites físicos dos avós	Frequência irregular – Impacto inicialmente negativo, depois reorganizador.
Talitha	Pais e sogros como suporte principal; presença afetiva, mesmo com diferenças culturais	Sem babá; sem creche até 12 meses; creche prevista após 1 ano	Frequência moderada – Impacto neutro/sobrecarga.
Mira	Apoio emocional dos pais; filha mais velha como suporte eventual	Babá fixa desde o nascimento; escola; tecnologia (videochamadas)	Alta frequência – Impacto positivo funcional.
Pollux	Avós maternos falecidos cedo; sogros com pouco convívio; esposa como principal suporte	Colaboradora como apoio cotidiano	Baixa frequência – Impacto neutro.

Fonte: Compilado pelo autor.

A leitura integrada do quadro anterior revelou que, embora haja uma diversidade de arranjos de suporte entre os participantes, emergiram padrões importantes sobre como ele, ao ser recebido, atua como fator estruturante, ambivalente ou tensionador. Observou-se

que, nas famílias em que o suporte é percebido como estável, disponível e coerente com o estilo parental do casal, há maior fluidez no cotidiano e maior sensação de segurança afetiva, enquanto nas situações em que é escasso, excessivamente intrusivo ou inconsistente, emergem sentimentos de sobrecarga e desgaste conjugal.

O funcionamento da família está relacionado às características bioecológicas da comunidade em que vive. A organização social e as condições estruturais dessa comunidade afetam diretamente o modo como a família opera, influenciando o desenvolvimento de seus membros. A rede de interações da família exerce um impacto importante na qualidade das relações intrafamiliares, influenciando aspectos como sua estrutura, coesão e capacidade de adaptação às mudanças.

Palermo et al. (2016) afirmam que as experiências familiares influenciam profundamente a construção da relação conjugal. O suporte social, especialmente aquele proveniente dos avós, configura-se como um elemento promotor da coesão ecológica na família. Isso é visto na seguinte fala de Bellatrix: “Minha mãe ajudou muito no cuidado dele [filho], até eu voltar a trabalhar”. Avós e outros membros da família ampliada assumem funções fundamentais, oferecendo suporte emocional, prático e afetivo que contribui para equilibrar as múltiplas demandas enfrentadas pelo casal, particularmente no contexto da parentalidade. Cardoso (2011) relata que as avós compreendem a necessidade de ajudar por perceber a ocupação ou ausência dos pais. Sampaio (2008) apoia essa ideia ao destacar a importância dos avós nos cuidados necessários quando os pais precisam de suporte. A aplicação disso pode ser notada na família de Rigel ao falar:

Eles [os avós] sempre ajudam, quando podem e no que podem. Uns mais e outros menos, com o que cada um consegue, com a disponibilidade de tempo e financeira. Enfim, a gente sempre teve o apoio deles e ao mesmo tempo eles nunca foram de impor nada.

O suporte dos avós é flexível e adaptável às condições de cada um, seja em termos de tempo, disponibilidade ou recursos financeiros. Isso evidencia a capacidade do microssistema de se ajustar às necessidades imediatas da família. De forma prática, temos

o exemplo do ocorrido durante as internações do marido de Maia, em função de questões de saúde, a presença dos avós permitiu que as responsabilidades parentais fossem parcialmente compartilhadas, garantindo cuidado contínuo às crianças e permitindo que ela pudesse acompanhar de perto a recuperação do cônjuge. Acerca disso, Maia relata:

Teve algum momento mais impactante para além dos filhos, para além do nascimento das duas meninas. Meu marido teve dois momentos de saúde bem intensos. Ele teve que fazer uma cirurgia para a remoção de pedras nos rins, e depois ele teve uma cirurgia no joelho, ficou internado nas duas situações. A gente já tinha as meninas. Então é uma dinâmica bem diferente porque eu ficava no hospital com ele, mas tinha que voltar para casa para cuidar delas, às vezes eu tinha a cuidadora, mas no geral eu ficava no hospital e mandava as meninas à casa dos avós.

Na realidade expressa através dessa fala de Maia, os diferentes mesossistemas que foram mantidos, como a conexão entre o lar, o hospital e os avós, foram decisivos para a homeostase do sistema familiar, reforçando que o suporte social pode atuar como amortecedor de estresse e como facilitador da saúde física e mental do casal e da família nuclear.

Em relação ao suporte social, Bellatrix nos diz: É diferente você ter uma babá e você ter a sua mãe na sua casa. É totalmente diferente! Se não fosse ela [avó] eu tenho certeza de que seria bem mais complicado. As avós maternas frequentemente assumem papéis de cuidadoras substitutas, estando presentes no cotidiano dos netos e sendo vistas como figuras de referência afetiva e cuidado (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). Esse papel de cuidado também foi percebido na família de Rigel, a partir da fala:

Quando a gente foi para São Paulo, eles [avós] iam sempre visitar. Antes de meu filho nascer, eu fiquei de repouso durante muito tempo. Passei muito tempo na casa da minha mãe porque em casa eu não teria tanto auxílio.

Em diferentes momentos durante as entrevistas, foi possível observar uma ambivalência de sentimento em relação aos avós, ora os avós significavam o suporte

necessário para o cuidado dos filhos, ora eles estavam interferindo na relação de hierarquia entre pais e filhos ou opinando na educação dos netos. A multiplicidade de dimensões social, emocional, transacional, simbólica, interacional, entre outras que atravessa as relações é complexa e multidimensional, instigando inúmeros questionamentos sobre o significado dos avós na família e na vida dos pais e filhos (Dias, 2016). Em outras palavras, os filhos convivem com a presença dos avós de maneira ambígua: mesmo diante de dúvidas sobre limites ou interferências, veem como benéfica a relação, oferecendo segurança, afeto e um apoio emocional que muitas vezes não poderia ser suprido apenas pelos pais.

As profissões do casal configuram-se como elementos do exossistema, cujos efeitos repercutem diretamente nas relações cotidianas. A divisão dos cuidados parentais em diferentes momentos pode gerar uma sobrecarga relacional, uma vez que os horários desencontrados limitam não apenas a convivência com os filhos, mas também o tempo destinado à conjugalidade. Esse cenário evidencia o impacto da vida profissional tanto sobre a parentalidade quanto sobre a relação conjugal.

A seguinte fala de Pollux corrobora esse entendimento:

Tivemos uma colaboradora que acompanhou as meninas na fase da adolescência, mas a mãe sempre esteve muito presente. Mesmo trabalhando, ela sempre acompanhou de perto o desenvolvimento das filhas.

Essa fala também reflete um modelo contemporâneo de parentalidade, no qual o exercício profissional da mãe não implica afastamento emocional. Ao contrário, observa-se a valorização da presença qualitativa, em que o tempo compartilhado, ainda que reduzido, é vivido de forma significativa. A colaboradora representa um apoio logístico, mas a referência afetiva e educativa permanece vinculada à mãe. Esse conceito dialoga com estudos que descrevem uma redefinição das funções maternas contemporâneas. As mães conciliam trabalho e cuidado nas famílias sem renunciar ao protagonismo afetivo.

Ao longo do desenvolvimento do ciclo vital familiar, observa-se uma transformação significativa nos papéis de gênero, especialmente no que se refere à mulher. Historicamente

associada às funções de cuidado do lar e dos filhos, a mulher contemporânea acumula, além dessas responsabilidades, a inserção no mercado de trabalho, muitas vezes assumindo o papel de provedora principal da família.

Observemos o relato de Mira sobre sua família. Ela nos conta:

Minha profissão exige que eu fique o dia todo fora de casa, e isso interfere na minha presença na vida delas. Apesar de hoje, com os meios tecnológicos, eu conseguir fazer chamadas de vídeo e perguntar sobre as coisas do dia, como as tarefas e a rotina do colégio, isso interfere na relação. O pai vive a mesma situação, só que em horários diferentes, pois minha rotina é diurna e a dele, noturna, em função do perfil de nossas profissões.

O uso de chamadas de vídeo ilustra como o mesossistema se expande por meio da tecnologia, permitindo que o vínculo se mantenha ativo mesmo à distância. Trata-se de um esforço dos pais em exercer a parentalidade mediada por recursos digitais, que é uma característica das famílias contemporâneas, nas quais dispositivos tecnológicos se tornam ferramentas de cuidado, acompanhamento escolar e presença simbólica. Tal dinâmica conecta-se às representações sociais de família, que se transformam para incluir novas formas de proximidade, não restritas à convivência física. Nesse relato de Mira, é também possível considerar que o casamento contemporâneo se baseia na parceria, colaboração e construção conjunta, com cônjuges se apoiando reciprocamente. Féres-Carneiro e Magalhães (2005) afirmam que o amor continua sendo um componente importante na conjugalidade. Essa dinâmica colaborativa pressupõe um movimento de ruptura com modelos tradicionais de hierarquia e divisão rígida de papéis, valorizando, ao contrário, a cooperação, o diálogo e a corresponsabilidade. Acerca dessa parceria, Bellatrix faz o seguinte relato:

Antigamente, não que o meu pai não ajudasse bastante no dia a dia, mas tudo era com a minha mãe. É cultural. Minha mãe não ia para lugar nenhum. Hoje eu tenho liberdade, eu viajo só, meu marido fica com os meus filhos. Tenho mais flexibilidade

de viver minha vida independente dele. Minha mãe era aquela cabeça: “No meu tempo não era assim não”. Uma visão bem diferente.

Paralelamente, é imperativo romper com a lógica que posiciona o homem como mero ajudante nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos. Sua participação precisa ser entendida como um papel legítimo, estruturante e igualmente corresponsável, integrado de forma plena às dinâmicas familiares. A busca por igualdade de gênero no casal, nesta pesquisa, emerge como um eixo estruturante das novas configurações familiares, deslocando o vínculo conjugal de um modelo baseado na complementaridade rígida de papéis para uma lógica de corresponsabilidade e negociação contínua. Isso implica reconhecer que o cuidado, o trabalho doméstico e as funções parentais não pertencem exclusivamente às mulheres, mas constituem práticas compartilhadas, sustentadas por vínculos afetivos e por acordos que se reconfiguram ao longo do ciclo vital.

A literatura aponta que esse movimento não se restringe à divisão de tarefas, mas envolve também a legitimação da presença masculina como cuidador, bem como a ampliação da autonomia feminina em suas escolhas profissionais, pessoais e maternas. De acordo com Hintz e Baginski (2012), ao retomarem as contribuições de Gordon e Feldman (2008), o conceito de coparentalidade surge no contexto das famílias contemporâneas como uma referência central na organização das funções parentais. Esse conceito descreve a qualidade da coordenação existente entre os adultos responsáveis pela criança, destacando como ambos exercem, de forma conjunta, as funções de cuidado e educação. Acrescentando a isso, Bellatrix ainda diz:

No fim de semana, se eu precisar fazer alguma coisa, o meu marido está ali com eles. A gente tenta revezar, para que mainha não fique muito sobrecarregada no fim de semana com eles, já que durante a semana é tão corrido para ela.

Da Silva et al. (2016) relatam que a coparentalidade abrange uma série de comportamentos interativos entre pai e mãe, marcados por dinâmicas como apoio, solidariedade e envolvimento. Essa característica cada vez mais evidente nas

configurações familiares atuais, assim como ocorre na família de Bellatrix, conforme seu relato:

As atividades do dia a dia não nos unem como casal, mas só de saber, por exemplo, que eu vou levar o menino para natação, ele [marido] fica tranquilo. Ele sabe que eu estou ali acolhendo. E eu sei que ele vai ficar com ele no horário que eu precisar. Além da minha mãe, eu o tenho como meu suporte, eu sei que ele está ali, eu tenho um parceiro.

No mesmo sentido, Maia relata:

A gente tem uma relação bem tranquila. É uma relação bem plana e plena. Claro que tem ups and downs, já teve uns arranca-rabo, mas nada que eu possa dizer que mobilizou a nossa família nuclear e a família geral.

Segundo Hameister et al. (2015), melhorar a qualidade da relação conjugal beneficia diretamente as práticas parentais e cria um ambiente colaborativo para o desenvolvimento familiar. Trata-se, portanto, conforme apontam Da Silva et al. (2016), de uma reorganização necessária, que questiona modelos tradicionais e exige uma nova compreensão das funções parentais e dos arranjos familiares no contexto atual.

A fala anterior de Maia reforça essa perspectiva, ao evidenciar que uma relação tranquila e equilibrada do casal contribui para a coesão do sistema familiar como um todo. Pequenos conflitos ou “arranca-rabos”, nas palavras dela, são absorvidos sem gerar impactos significativos nos demais microssistemas, mostrando como a qualidade da interação conjugal atua como um mediador das influências externas e internas.

Além disso, os sistemas familiares, sociais e culturais influenciam mais amplamente as normas de parentalidade e coparentalidade. Isso é observado no seguinte relato de Bellatrix: “Às vezes conseguimos sair, jantar, viajar. Os meninos ficam com *mainha*. Eu acho que esses momentos de casal, a sós, é o que nos une. No dia a dia é importante saber que tem um parceiro que pode contar”.

Nessa realidade familiar de Bellatrix, é possível perceber uma aplicação do que consideram Herzog et al. (2007), ao anotarem que os avós maternos desempenham um

papel crucial no apoio às mães, sendo considerados membros importantes no sistema de coparentalidade.

Dias (2015) identifica o funcionamento familiar na perspectiva sistêmica, onde há uma estrutura hierárquica entre seus membros. Essa hierarquia construída natural na realidade familiar pode ser percebida em breve análise desta fala de Mira: "Minha primeira filha era 15 anos mais velha quando a segunda nasceu. Ela ajudou um pouco com a irmã".

Nesse contexto colocado por Dias (2015), temos os pais exercendo a sua hierarquia em determinada fase da vida, atuando como reguladores do relacionamento entre os membros da família. Inclusive os pais aparecem, no contexto apresentado, como mediadores das inter-relações. Esse caráter mediador pode ser conferido através da fala de Bellatrix: "Os pais têm que alinhar a criação que passam para os filhos, para não ficar aquele negócio bagunçado na cabeça das crianças".

Nesse mesmo sentido, percebe-se, em algumas fases, os pais fazendo uso da relação entre avós e netos, seja no cuidado, no suporte em atividades ou na convivência diária, para terem um tempo livre das tarefas e investirem na sua relação conjugal, conforme pode ser visto na família de Rigel, ao ela dizer: "A rede de apoio que a gente tem, é formada pelos avós. O suporte dela [a sogra] ajuda para a gente poder fazer um exercício físico, às vezes poder até sair no final de semana, sair só nós dois".

A presença e atuação dos avós se manifesta em múltiplos níveis do modelo bioecológico. Acerca disso, Belatrix conta: "Eu faço outra faculdade graças a ela [avó] que me ajuda muito; se não fosse ela eu não teria conseguido".

Em diferentes momentos, conforme a dinâmica familiar se altera, os microssistemas se adaptam, surgem novos padrões de suporte para os pais. Dessa forma, as estruturas de apoio tornam-se fundamentais para que os pais possam retomar suas rotinas. No âmbito do mesossistema, as interações entre os diferentes contextos nos quais a criança se insere tornam-se fundamentais para o seu desenvolvimento. Quando os cuidadores parentais são temporariamente substituídos por agentes externos – como creches, escolas, cuidadores profissionais e babás –, esses ambientes passam a desempenhar uma função central no

desenvolvimento infantil. Maia conta que: “Um suporte que utilizamos foi a de uma instituição tipo hotelzinho. Foi maravilhoso. Era um suporte muito próximo ideologicamente, do que a gente acredita que é uma boa educação. Bem humana, bem afetiva, bem individualizada”.

Parcerias entre casa e escola conectam os mesossistemas familiares e escolares, influenciando o desenvolvimento infantil. O processo de socialização que acontece nesses espaços não apenas complementa as experiências vividas no contexto familiar, mas podem ampliar ou reduzir as possibilidades de aprendizagem, construção de vínculos e desenvolvimento socioemocional e cognitivo. Dessa forma, o monitoramento dos pais é crucial para as boas interações entre família, escola e outros cuidadores, garantindo ambientes seguros, estimulantes e favoráveis ao desenvolvimento saudável da criança (Da Silva et al., 2016).

Rigel aponta em sua fala: “A minha colaboradora que é quem fica com ele (filho) em horário diurno, para eu poder trabalhar e ir para a faculdade. E o colégio que ele começou agora, esse ano pela manhã, também ajuda com o meu tempo livre”. Em relação a isso, Canopus também relata em sua entrevista: “Babá a gente sempre teve em casa. Uma pessoa que nos auxilia nos cuidados com as crianças, até porque tanto eu quanto ela [mãe] trabalhamos e estudamos, e precisamos ter alguém que dê suporte”. Nesse contexto, o exossistema se evidencia, uma vez que o funcionamento do colégio e a disponibilidade da babá, ou colaboradora, impacta indiretamente na vida profissional e acadêmica dos pais.

A transição entre diferentes recursos de apoio, como a avó, a babá, pessoas do hotelzinho, que contribuem para o cuidado direto da criança, reflete a sua adaptação aos processos proximais que se desenvolvem. Acerca disso, Mira pontua: “Desde que minha filha nasceu, temos uma babá. Ela chegou à nossa casa dois dias antes do nascimento e ficou conosco até hoje. Sempre nos ajudou”. A transição também incide sobre a adaptação da família aos desafios da paternidade. O processo adaptativo mencionado pode ser notado na realidade familiar de Bellatrix, através da sua fala: “O primeiro filho minha mãe me

ajudou muito, até eu voltar a trabalhar. Depois, ele ficou no hotelzinho. O segundo foi uma babá. Uma babá que me ajudou até eu voltar trabalhar. Depois, ele foi para um hotelzinho”.

Essa passagem entre cuidadores percebida na fala de Bellatrix, em diferentes fases, também evidencia a flexibilidade e reorganização familiar, aspectos centrais das interações bioecológicas, permitindo que as inter-relações ocorram de forma adequada nos diferentes microssistemas.

As escolhas parentais são moldadas por dinâmicas culturais. Esse fato foi conferido nas nossas entrevistas, como as diferenças nas escolhas dos suportes para o cuidado feitas por uma mãe participante, a época, residente no Brasil (Maia) e pela participante que reside na Austrália (Talitha). A comparação dos relatos a seguir feita entre a mãe do Brasil e Austrália ilustra como o macrosistema cultural redefine expectativas e práticas parentais, impondo normas implícitas sobre o que é considerado aceitável em termos de cuidado infantil.

Talitha, que tem residência na Austrália, diz em seu relato:

Atualmente, só usamos o suporte dos avós. Não usamos creche nem babá. Quando ela completar 12 meses, vamos levá-la para a creche duas vezes por semana. É algo raro ter babá na Austrália; o comum é utilizar a creche. Tentamos adiar o máximo possível essa ida dela para a creche.

Enquanto Maia conta o seguinte:

A gente postergou ao máximo possível o momento de colocar as meninas no berçário. Porque naturalmente, quando eu voltasse a trabalhar, não teria outra opção, até teria a casa dos avós, mas foi uma coisa que a gente descartou imediatamente. Porque os avós não têm a obrigação de cuidar, e eu tenho certeza de que eles fariam com um amor gigante, mas cá entre nós, elas [avós] iriam destruir a educação que a gente deu para elas (risos).

Mesmo com diferenças culturais, ainda existe uma semelhança: a decisão de adiar a entrada na creche reflete uma preocupação com a manutenção de um ambiente familiar

próximo nos primeiros meses de vida, reforçando a ideia de que as interações proximais mais significativas nesse período ocorrem dentro do contexto da família nuclear e extensa.

De acordo com Papalia e Martorell (2022), o primeiro ano de vida é crítico para o desenvolvimento do apego e da confiança básica, o que justifica a busca dos pais por prolongar ao máximo o cuidado em casa antes da institucionalização. Além disso, a escolha que Talitha faz pela creche apenas após os 12 meses também reflete a dimensão da intersubjetividade parental. Assim sendo, os pais constroem sentidos sobre o que consideram adequado para o bem-estar da filha, entrelaçando suas crenças pessoais com as práticas culturais locais.

Retomando a última fala apresentada de Maia, a decisão de não recorrer aos avós mostra o cuidado com a preservação da autonomia parental e do modelo educativo, enquanto ainda se reconhece a importância afetiva dos avós. A consciência e reflexão da família sobre os limites do microssistema intergeracional indica a interação entre microssistema, exossistema e cronossistema, pois a escolha decorre de projeções futuras e da adaptação ao tempo. Já no caso de Merope, a seguir, a reorganização do microssistema de cuidados, em função de limitações físicas e etárias dos avós, a alternância entre cuidadores e a escolha posterior por uma escola refletem como os pais buscam manter o fluxo do cuidado e a qualidade das interações. Merope nos conta:

Quando meu filho nasceu, passou uns quatro meses sob cuidados de minha sogra.

Vimos que não era interessante, porque ela já tinha muita idade, aí uma tia de meu marido assumiu os cuidados do menino por um bom tempo, depois desse tempo eu coloquei ele em uma escolinha.

Inicialmente, é a mãe quem proporciona um ambiente seguro para que a criança desenvolva suas habilidades de interação com diferentes microssistemas. “A família como um sistema social realiza a mediação entre a pessoa e a sociedade, o que favorece ao processo de socialização de seus membros.” (De Antoni, 2005, p. 24). Por essa razão, Malcata (1997) questiona a utilização do ambiente institucional em detrimento da família como ambiente primário, na medida em que a ausência no ambiente institucional da figura

materna, ou de quem a representa, pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil primário.

Maia abre detalhes da sua realidade e nos oferece a seguinte perspectiva: “A gente decidiu criar as meninas sozinhos. A gente queria ter a experiência. Não queríamos ter babá em casa, é um peso, mas queríamos ter todas as alegrias e tristezas, amores e dores da maternidade e da paternidade”. Para Hernandez e Hutz (2010), o componente sociocultural exerce influência decisiva na forma como os papéis maternos e paternos são construídos e desempenhados. Quando um casal inicia sua trajetória parental, ele ascende na hierarquia das gerações, passando a assumir a responsabilidade pelo cuidado, ~~proteção~~ e desenvolvimento da geração mais nova. Nesse processo, o casal se depara com a necessidade de assumir a função social da parentalidade, que integra dimensões biológicas, psicológicas, jurídicas, econômicas, culturais e éticas, sendo fortemente moldada pela herança parental.

Esse processo não ocorre de forma isolada, pois envolve múltiplos fatores, como a influência de uma nova sensibilidade social. Até o desenvolvimento dessa adaptação, obstáculos podem surgir na realidade conjugal, como ocorreu com Bellatrix, segundo seu relato:

No momento que a gente tem filhos muda. A gente nunca brigava, teve o primeiro filho começaram as brigas. Até o casal entender que a dinâmica mudou e as prioridades mudaram, tem muitos conflitos. Quando uma das partes não entende bem a questão da criação, é preciso entrar num consenso para não ter briga.

De modo geral, os achados desta categoria indicaram que o suporte social funciona como um eixo organizador da vida familiar; quando esse suporte se expressa como rede flexível, respeitosa e compartilhada ele atua como fator de segurança relacional, permitindo que o casal respire, negocie suas funções e encontre espaços de cuidado mútuo. Em contrapartida, quando o suporte é frágil, ambivalente ou atravessado por interferências excessivas, ele pode gerar sobrecarga, tensão na definição de fronteiras e necessidade de constantes renegociações. As narrativas mostraram também um movimento importante de

ruptura com modelos tradicionais, em que a mãe era única responsável pelo cuidado: emergem práticas de coparentalidade mais horizontais, nas quais o pai é convocado como parceiro corresponsável. Esta seção, portanto, explicitou que a qualidade das relações familiares, incluindo a conjugalidade, está profundamente vinculada à forma como o suporte social é construído e vivenciado. Além disso, evidencia o movimento de influência do macrossistema cultural na atualização das práticas relacionais, o que se expressa na constituição de uma coesão ecológica possível no contexto da contemporaneidade.

4.1.4. Conflitos relacionais e estratégias de enfrentamento

Esta seção tem o propósito de compreender como os pais elaboraram e manejaram as tensões que emergem nas relações intergeracionais e conjugais, bem como as estratégias que desenvolveram para preservar a continuidade dos vínculos e a coesão ecológica familiar. Apresentaram-se com maior nitidez as narrativas de Merope, Canopus, Rigel, Bellatrix, Maia, Talitha, Mira e Pollux, cada qual situada em um ponto distinto do ciclo vital, com diferentes tramas intergeracionais. Ao reunir essas narrativas, buscamos, compreender de que modo os conflitos revelam processos de amadurecimento e construção de estratégias de enfrentamento. Utilizou-se um quadro (quadro 13) para sintetizar, de maneira comparativa, como cada participante experienciou e manejou as dificuldades relacionais intergeracionais e conjugais, bem como identificar as estratégias de enfrentamento acionadas e os tipos de acordos utilizados, que responde outro objetivo específico desta pesquisa. O quadro a seguir reuniu esses elementos de forma integrada, oferecendo um panorama relacional que facilita a leitura transversal dos modelos emergentes e das singularidades presentes na amostra.

Quadro 13*Conflitos, Estratégias de Enfrentamento e Tipos de Suporte*

Participante	Principais Conflitos	Estratégias de Enfrentamento	Tipo de Suporte Recebido
Merope	Interferência da sogra; permissividade e quebra de regras; conflitos conjugais pelo marido defender a mãe.	Afirmação progressiva de limites; amadurecimento subjetivo; comunicação mais assertiva ao longo do tempo.	Intergeracional intenso , porém ambivalente (sogra como ajuda e fonte de conflito).
Canopus	Avó indulgente rompe rotina; divergências entre afeto geracional e disciplina parental; tensão leve com a esposa.	Conversas mediadas; explicações racionais; alinhamento parental; negociação com a avó quando necessário.	Intergeracional moderado , afetivo, mas gerador de tensões pontuais.
Rigel	Permissividade ocasional dos avós; necessidade de manter limites para o filho; pouca tensão conjugal.	Diálogo privado no casal; regras pré-estabelecidas; comunicação afetiva com o filho.	Intergeracional estruturante , amplo apoio funcional e emocional.
Bellatrix	Permissividade excessiva da mãe; diferenças de valores; sobrecarga por mediação entre marido e avó; tensões na pandemia.	Filtragem comunicativa; conversas estruturadas com os avós; regulação de rotinas e limites.	Intergeracional intenso , essencial, porém ambivalente (apoio vital, mas com conflitos).
Maia	Excesso de afeto dos avós ("amor incondicional"); necessidade de impor limites realistas; conflitos sutis.	Comunicação transparente; conversas reflexivas com as filhas sobre consequências; alinhamento conjugal.	Intergeracional moderado , afetivo e protetivo, com ajustes normativos.
Talitha	Diferenças culturais entre avós maternos e paternos; baixa frequência de contato; comparações afetivas internas.	Mediação silenciosa; não verbalização imediata; preservação da harmonia.	Intergeracional leve , marcado pela distância geográfica; suporte afetivo indireto.
Mira	Quase ausência de interferência dos avós; tensões conjugais por horários desencontrados.	Comunicação conjugal; ajustes logísticos; uso de tecnologia para presença parental.	Intergeracional mínimo , casal assume centralidade dos cuidados.
Pollux	Baixa referência a conflitos; dificuldade geracional de nomear tensões; presença de avô dependente.	Reflexão tardia; reconhecimento da importância da presença; reorganização interna.	Intergeracional invertido , com foco no cuidado dos netos ao avô (suporte ascendente).

Fonte: Compilado pelo autor.

Observou-se principalmente, a partir da leitura desse quadro, que estratégias dialógicas, assertivas ou adaptativas são acionadas conforme a história de vida, os recursos

emocionais disponíveis e o tipo de suporte recebido. De modo geral, a relação intergeracional emergiu como elemento central, influenciando diretamente a qualidade das interações proximais e a estabilidade do microssistema conjugal. Os pontos identificados foram apresentados a seguir e analisados em profundidade, articulando-os à literatura científica.

As fases do ciclo de vida familiar mudam, muitas vezes representando processos de qualidade negativa, "crises", que podem ser superadas pela adaptação do sistema familiar às novas necessidades. Esse entendimento é corroborado pela seguinte fala de Merope:

No início, a minha sogra tinha mania de mandar. Era como se eu não soubesse criar o meu filho. Eu não podia ser muito incisiva e ser quem eu queria, porque meu marido ficava chateado, falava que ela era a avó. Ele era muito manipulador nesse sentido. Eu ficava calada e muito chateada. A gente discutia sobre isso. Isso impactou bastante na nossa relação.

No início, anteriormente ao amadurecimento subjetivo, conforme apresentado por Merope, a presença da sogra assumia um caráter de invasão, restringindo sua possibilidade de exercer a parentalidade de forma autônoma. Um conflito de fronteira e hierarquia – a questão da intromissão e limites. Os avós, na tentativa de ajudar, podem acabar invadindo a fronteira do microssistema conjugal/parental, podendo reforçar esse lugar de silenciamento e de ressentimento dos pais, conforme observado. No entanto, ao longo do tempo, a experiência no sistema familiar vai consolidando uma posição mais firme, inclusive uma percepção de si como mãe, com direitos e responsabilidades próprios, o que favorece o entendimento do cronossistema na coesão ecológica. Assim, a subjetividade de Merope se afirma no entrelaçamento das relações, mostrando que a convivência familiar, mesmo tensionada, pode se transformar em um espaço de aprendizado e redefinição de papéis.

No contexto de trocas intersubjetivas há a possibilidade de construção de vínculos seguros e do fortalecimento de práticas relacionais mais coesas. Nesse ponto, destacamos a fala de Bellatrix sobre sua mãe: “A minha mãe é uma pessoa muito tranquila, ela me dá muita segurança”.

Em consonância com essa perspectiva de uma convivência familiar positiva, Pollux relata:

Minha esposa sempre foi muito proativa em algumas questões. Ela compreendia minha necessidade de estudar, pois eu cursava mestrado e doutorado, e, por isso, assumia a liderança junto às meninas. Durante a infância e adolescência delas, eu acompanhava de perto, mas sem maiores interferências. Com o tempo, percebi que era importante estar mais presente.

A atitude proativa da mãe e o reconhecimento do pai compõem uma dinâmica de coparentalidade cooperativa, marcada pela minimização dos conflitos na vivência dos papéis parentais. A posterior percepção do pai sobre a importância da presença revela um movimento de reflexividade e reconfiguração da dinâmica parental, alinhado ao que Bronfenbrenner (1996) descreve como processos proximais conscientes e evolutivos.

Diferentes contextos socioculturais implicam estratégias variadas de enfrentamento de tensões, especialmente quando associadas à parentalidade, à condição socioeconômica e à configuração familiar. Sobre isso, adicionamos o relato de Rigel ao dizer: “Minha mãe paga a faculdade que eu estou cursando e paga alguns medicamentos que eu uso, ela contribui muito.” Ou ainda a fala de Bellatrix: “Meu sogro deu um apartamento pra a gente, ele ajuda meu filho, coloca bens no nome do filho.” As dificuldades econômicas despontam como um dos principais preditores de conflitos que se originam no ambiente familiar e repercutem no trabalho, com impactos também sobre os relacionamentos conjugais (Molina, 2021).

Na dinâmica das relações familiares observadas nesta pesquisa a divergência entre a permissividade dos avós e a necessidade dos pais de estabelecer limites e regras ressalta um contraste entre amor incondicional e a função educativa da parentalidade. A busca de estratégias de resolução voltada ao diálogo e à regulação emocional visa evitar uma reprodução de práticas autoritárias, bem como fortalece o sentido de um amadurecimento subjetivo. Assim, os conflitos, embora desgastantes, assumem papel estruturante e

impulsionam o desenvolvimento da autoridade parental e da construção de fronteiras necessárias entre gerações. Isso se observa na realidade de Canopus; ele diz:

Ocorrem discordâncias às vezes. Avô e avó geralmente têm o costume de fazer tudo o que as crianças querem. Criar um espaço sem lei. A gente às vezes diverge disso porque precisa impor lei. Por exemplo o horário de estudar, dormir, comer, a gente está ali para impor as regras. Às vezes temos que ir de encontro ao que ela pensa, às vezes eu fico até chateado, mas é normal.

Às vezes, pais confundem autoridade com rigidez devido à repetição de modelos parentais anteriores. Por outro lado, avós tendem a adotar uma postura mais flexível com os netos. Há uma tensão recorrente entre a permissividade dos avós e a função reguladora dos pais na tríade geracional. Essa postura de regimentos rotineiros se destaca na seguinte fala de Rigel:

É importante ele saber os limites, tem coisas que eu falo assim: “Filho, isso aqui não é negociável, isso aqui vai colocar você em risco. Eu tento reforçar isso porque ele vai entendendo com o tempo. A gente tenta conversar quando ele está estressado. Quando ele joga algo eu falo: “não pode jogar, eu sei que você está chateado, diga para a mamãe o que foi que aconteceu”. Tanto eu quanto o pai, fazemos assim. A gente tem consciência de que não adianta gritar, porque se gritar ele vai achar normal gritar com outros para conseguir as coisas.

Observa-se nessa fala que, no entendimento dos pais, a repetição de práticas autoritárias, como o uso do grito, pode contribuir para a naturalização de comportamentos inadequados entre crianças. Reconhecer que os avós tendem a criar um espaço sem limites, movidos pelo afeto e pela indulgência, ressalta a necessidade de impor regras relacionadas a rotina, como horários de estudo, sono e alimentação.

Merope reproduz em sua fala seguinte outro aspecto importante da análise que consiste em compreender a divergência entre permissividade dos avós e regras estabelecidas pelos pais, elemento que claramente produz um desconforto relacional:

Minha mãe nunca foi muito de cuidar dos netos, mas a minha sogra teve muita influência. Mas teve muito conflito. Ela dava chupeta, refrigerante escondido, comidas que eu não autorizava. Principalmente no primeiro filho; no segundo eu já estava mais madura, aí eu não a deixava fazer isso, depois do segundo eu já estava segura no casamento (risos) e não tinha mais receio de falar.

Contudo, ao priorizar o diálogo e a explicação, os pais promovem a compreensão dos limites de maneira afetiva, facilitando a internalização das regras e convertendo situações de conflito em oportunidades de aprendizagem para ambos. O reflexo dessas divergências, mas as atitudes de estabelecer diálogo orientador fica evidente na família de Maia. Segundo ela:

Claro que tem conflitos, se eles fossem criados 100% pelos avós, iam achar que o mundo era só de amor incondicional, e na verdade não existe isso. Elas precisam saber que quando fizerem besteira vai ter consequência, vai perder emprego, vai perder matéria, vai ter um amigo que vai deixar de falar, vai quebrar relacionamento, é preciso falar um reality check sobre a vida para elas também.

Percebe-se ainda, dentro do corpo das entrevistas, que os avós, ao assumirem os cuidados, frequentemente buscam estabelecer uma conexão mais profunda com seus netos, participando de suas vidas de maneira significativa. Isso também significa que, em alguns casos, os pais e os avós utilizam-se da comunicação para contornar as nuances da relação, fazendo uso da negociação intergeracional, evidenciando que, no microssistema familiar, há zonas de flexibilidade que funcionam como aprendizado para todos. Para além de normas ou rigidez, a bioecologia da família se faz na teia de relações e na pluralidade de papéis que cada membro ocupa.

Rigel nos conta isso em sua realidade:

Se meu filho estiver passando o final de semana com a minha mãe e meu padrasto, quem vai impor um limite são eles, óbvio que respeitando o bom senso.

[...]

Por exemplo, não é porque está com eles que ele vai poder comer tudo. Mas algumas coisas ficam mais flexíveis. Por exemplo, ele tem uma rotina de dormir cedo em casa, quando minha mãe fala: “filha aqui eu não gosto de dormir cedo” Eu digo: “mãe faça como você quiser”. Quem vai estabelecer são eles, mas respeitando o bom senso.

A confiança nos avós para impor limites, desde que com “bom senso” mostra como a comunicação também sustenta a corresponsabilidade na rede de cuidados.

A comunicação aberta e eficaz pode representar uma alternativa para a resolução de conflitos. Essa prática se torna ainda mais relevante nas interações entre diferentes gerações, pois facilita o entendimento mútuo e favorece a construção de relações intersubjetivas saudáveis entre jovens e idosos (Scortegagna et al., 2019). A comunicação assume um papel central: ela possibilita o compartilhamento de sentimentos, a resolução de tensões e o fortalecimento da intimidade, funcionando como um eixo de sustentação para o vínculo conjugal durante esse período de mudança (Moreira et al., 2022).

A comunicação se apresenta como atravessamento essencial à coesão ecológica. Isso porque todo vínculo, negociação de papéis e resolução de conflitos no ambiente familiar depende da comunicação verbal ou não verbal, que precede às trocas no microsistema e repercutem nos demais níveis bioecológicos. Canopus relata situações que se alinham com essa análise. Ele conta o seguinte:

Quando há uma situação de conflito que percebemos individualmente ou em conjunto, conversamos entre nós. E para resolver a questão conversamos primeiro com as crianças sobre o que não concordamos. Quando esse tipo de conversa não resolve, falamos com a avó. Falamos que determinada questão está atrapalhando, e que a criança precisa de regras, começamos a mostrar as implicações que tal atitude, como, por exemplo, deixar de estudar na hora certa pode prejudicar o futuro da criança. Até que ela entenda que é importante e concorde conosco. A gente tenta contornar dentro dessa forma a situação.

A comunicação não é apenas transmissão de informação, mas envolve estratégias de adequação e interpretação conforme o contexto e o interlocutor. Por vezes o cônjuge atua como “filtro” para traduzir a mensagem de modo mais aceitável para os avós.

Essa postura dialoga com os axiomas da comunicação reconhecidos pela teoria da comunicação humana, os quais suportam o pensamento sistêmico e embasam o conceito bioecológico, sobretudo o que diz que é impossível não se comunicar. De acordo com esse pensamento, mesmo o silêncio ou a omissão se tornam mensagens, assim como pode ser notado nesta fala de Bellatrix:

A estratégia nossa é ele falar para mim, eu filtro e falo para ela [avó] de uma forma mais tranquila. De uma forma que eu acho que ela vai entender. Na maioria das vezes eu tento filtrar e só falar o necessário.

Rigel demonstra, através do seu relato, que o uso de regras já estabelecidas funciona como uma linguagem compartilhada, reduz ruídos na comunicação e facilita a tomada de decisão: “Não chega a ter uma briga. Se a gente discordar de alguma coisa a gente conversa em particular, mas normalmente são coisas que a gente já tem preestabelecido até que ponto vai, então não tem muito estresse não”. Maia acrescenta outro ponto nessa análise ao dizer: “No geral, nós temos uma comunicação muito aberta e muito transparente. A gente conversa sobre tudo com as meninas. Elas já chegaram a uma idade que elas conseguem compreender bem [uma] parte da dinâmica do universo”. Merope, por sua vez, destaca o seguinte acerca da sua dinâmica familiar: “A nossa estratégia é sempre se colocar no lugar do outro, buscar entender o que o outro está dizendo. Falar também, se colocar e fazer o outro refletir”.

Colocar-se no lugar do outro e promover reflexões são práticas que traduzem uma comunicação dialógica, baseada na escuta e no reconhecimento das diferentes posições. Essa atitude favorece tanto a qualidade das interações no microssistema quanto a mediação no mesossistema, por exemplo quando entram em cena avós ou outros cuidadores. A comunicação, nesse caso, não apenas resolve conflitos, mas também se torna um recurso pedagógico para o desenvolvimento emocional e relacional. Ouvir sem

julgamento, compreender as dificuldades e compartilhar opiniões geram um ambiente de segurança e tranquilidade, favorecendo a reflexão e a busca por soluções (Garcia, 2006).

Em outra análise, faz-se necessário destacar esta fala de Mira: “Não temos nenhum tipo de conflito; inclusive, os avós não se intrometem na educação que damos para as meninas. Eu e meu marido decidimos tudo sozinhos em relação à nossa filha. Os avós nunca tiveram nenhuma interferência”. A ausência de conflito explícito revela que a mãe não apenas observa os modos distintos de cuidado, mas também os interpreta a partir de sua própria experiência de filha. Outro ponto que corrobora com essa percepção de uma mãe na relação entre netos e avós é a comparação implícita. Um exemplo disso está na realidade que Talitha nos conta:

Eu não vejo conflito. Meus sogros respeitam muito o nosso espaço. Mas percebo que existe uma certa comparação, porque a forma de minha mãe falar com a neta é diferente da forma como meus sogros demonstram amor. Então eu comparo silenciosamente. Às vezes, gostaria que meus sogros fossem mais parecidos com meus pais, porque recebi deles um tipo de amor diferente do que meus sogros expressam. Eu vejo amor na relação, mas é diferente. É algo que nunca falei para eles, mas acredito que, com o tempo, se sentir necessidade, comentarei. Por enquanto, não; minha filha ainda é pequena e isso não faz diferença para ela.

A percepção de que existe amor, “mas diferente” reforça que a família contemporânea não se define apenas pela presença ou ausência de afeto, mas também pelas formas culturalmente mediadas de demonstrá-lo. Ao optar por não expor ainda sua comparação, porque a filha é pequena “e isso não faz diferença para ela”, Talitha atua como mediadora dos vínculos, postergando um possível diálogo em nome da preservação da harmonia familiar, afirmando que as interações não são estáticas, mas se transformam com o tempo.

Essa situação de manutenção de uma harmonia pode nem sempre ser proposital, mas ocasionada por circunstâncias que surgem dentro da relação conjugal e se reflete

diretamente sobre a dinâmica dos cônjuges com seus respectivos pais ou sogros. Isso fica perceptível no seguinte relato feito por Bellatrix:

Meu marido não fala nada para a minha mãe, ele é um “santo” para ela. Então ele me sobrecarrega. Tudo o que ele acha que está errado, ele fala para mim. Na época da pandemia, isso me sufocou, porque ele não falava nada formalmente e mainha estava com a gente todo o tempo. Eu ficava agoniada, sufocada. É a minha mãe, e eu sei que eu tenho uma melhor forma de falar. Ele não quer ser chato porque ela ajuda muito a gente. (Bellatrix)

Seguindo adiante na análise, consideramos que uma rede de suporte não apenas complementa o cuidado, mas sustenta a funcionalidade familiar, especialmente diante das demandas específicas, como no caso de um filho com TEA. A atuação dos avós junto ao mesossistema das crianças, como instituições de saúde e espaços esportivos ou terapêuticos, cria uma ligação prática entre integração social e suporte emocional. Isso ocorre na família de Bellatrix, conforme ela diz:

A gente procura sempre colocar atividade para os meninos. Minha mãe ajuda, meu filho [filho B] tem um dia de funcional e meu outro filho [filho A] é TEA, então ele faz muita terapia. Ele está sempre ocupado fazendo terapia, esporte, natação e minha mãe sempre está no meio, sempre é o apoio deles. (Bellatrix)

Essa convivência intergeracional favorece não apenas a transmissão de saberes, afetos e práticas de cuidado, mas também valoriza a experiência acumulada pelos membros mais velhos da família (Pereira, Daher & Fernandez, 2025).

Prosseguindo com a análise, destaca-se a fala de Talitha:

Se minha mãe estivesse mais perto, acredito que ela teria mais frequência que minha sogra nas visitas. Até porque meus sogros têm um movimento de respeitar o espaço, que eu acho estranho, porque, independente da presença dos meus pais, eu imaginei que meus sogros iriam querer ver a neta. Mas não: eles têm esse movimento de respeitar o espaço.

Esse reconhecimento das diferenças traduz a força da consanguinidade e do modelo internalizado de apoio recebido ao longo da vida. Os sogros, ao adotarem uma postura de “respeitar o espaço”, introduzem um padrão diferente, que a participante considera “estranho”. Isso pode ser lido como expressão de cuidado e deferência à autonomia do casal, mas também como uma forma de distanciamento.

Acerca disso, Bronfenbrenner (1996; 2012) lembra que os processos proximais dependem não apenas da disponibilidade física, mas também da frequência e intensidade das interações. Nesse caso, a baixa frequência de contato físico pode limitar o fortalecimento precoce do vínculo entre neta e avós paternos. O significado atribuído à ausência, ou menor frequência de visitas, não é neutro para a mãe, significa menos desejo de proximidade, ainda que os sogros a justifiquem como respeito. Esse desencontro de sentidos pode, ao longo do tempo, gerar ajustes ou tensões sutis na dinâmica familiar.

Na sequência, o relato de Bellatrix anuncia um aspecto relevante sobre a mediação dos pais na questão da solução de conflitos, diz ela:

Meus pais, principalmente minha mãe, às vezes querem deixá-los fazerem tudo. Isso interfere na criação, no dia a dia. O que eu falo para ela é que ela é uma avó que faz parte da educação dos meninos, não é só aquela avó de final de semana. E o que ela faz ali no dia a dia vai influenciar na educação, no que eles vão ser quando crescer. Então eu sempre tento conversar com ela. Coisas como o controle do uso da TV, do uso de eletrônicos, alimentação, horários, coisas que na rotina dos meninos eu evito. Tem hora que eles vão poder fazer o que você quiser, mas tem horas que eles vão ter que ter a rotina e a disciplina para o bem deles. Expliquei para ela e foi bom. Ela começou a respeitar, mas, às vezes, faz umas “trelinhas” escondido.

Essa fala corroborou com achados da pesquisa de mestrado já realizada do autor (Aureliano, 2022), sobre a mediação dos pais no relacionamento avós e netos, juntamente com o entendimento de García (2006), sobre como o confronto entre os valores das gerações mais jovens e os das gerações anteriores destaca a responsabilidade dos pais em

orientar e esclarecer os princípios que sustentam a vida familiar e social. Um funcionamento familiar saudável é caracterizado por dois aspectos relacionados às dimensões da coesão e da hierarquia (Vasconcellos, 2003). Percebe-se coesão ecológica no relacionamento em que os pais detêm mais hierarquia e influência do que seus filhos. Nesse contexto, os membros da família desempenham suas funções de maneira esperada, mantendo interações de qualidade positivas.

Os conflitos nas relações entre pais, avós e netos ocupam um lugar paradoxal: ao mesmo tempo em que geram sentimento de sofrimento, desgaste e, em alguns casos, sobrecarga emocional, também funcionam como disparadores de processos importantes de elaboração subjetiva, redefinição de fronteiras, afirmação da autoridade parental e criação de estratégias mais dialógicas de manejo das diferenças. Quando enfrentados com silêncio, triangulações e ausência de mediação, esses conflitos tendem a intensificar sentimentos de sufocamento ou distanciamento; quando são trabalhados por meio de diálogo, negociação e reconhecimento mútuo de lugares geracionais, tornam-se experiências estruturantes. Ao percebermos os conflitos, as divergências e as estratégias de resolução, o que se evidencia é o microssistema familiar sendo capaz de estabelecer acordos que preservam os processos proximais entre seus membros.

Esta seção, portanto, corroborou o pensamento de que a qualidade dos processos comunicacionais e das estratégias de enfrentamento adotadas pelos casais é central para a manutenção da coesão ecológica familiar, especialmente em um cenário em que as gerações coexistem de forma intensa e, simultaneamente, trazem para as relações repertórios culturais, afetivos e educativos muitas vezes divergentes.

4.1.5. Recursos Geracionais

A presente seção emergiu da compreensão, no âmbito da pesquisa, como pais atribuíram sentido e utilizaram os recursos provenientes da família extensa para mediar demandas parentais e amortecer tensões que emergem no curso do ciclo vital. As questões analisadas permitiram observar não apenas a presença objetiva desses recursos, mas também a qualidade afetiva, simbólica e funcional das interações.

Na sequência, apresentamos a organização, em formato de quadro (quadro 14), dos achados da categoria, permitindo visualizar, de maneira comparativa, as nuances da participação dos avós, suas intensidades, ambivalências e ausências, bem como o modo como cada casal articulou recursos externos.

Quadro 14

Fontes de recursos geracionais e outras

Participante	Recursos geracionais	Outros elementos	Rede de recursos
Bellatrix	Muito forte pela avó materna; presença constante, estável e afetiva; envolvimento diário em cuidados, rotinas e terapias	Babá (em fases), hotelzinho, terapias, escola	Rede altamente estruturada, com forte eixo materno; efeito positivo amplo.
Rigel	Avós maternos e paternos presentes; suporte regular, equilibrado e respeitoso; colaboração em cuidados e rotinas	Colaboradora diária; escola em período integral	Rede familiar distribuída e funcional; diversificada e eficiente.
Maia	Relações afetivas elevadas, mas na prática reduzida pela migração; avós disponíveis emocionalmente e recebedores das crianças em visitas	Hotelzinho; cuidadora eventual; suporte tecnológico (videochamadas)	Rede segura, forte no plano emocional; limitações no plano prático; eficiência parcial.
Canopus	Ausência de interação dos avós paternos; inter-relação muito forte da avó materna (sogra) como cuidadora e mediadora de conflitos	Babá; apoio financeiro para a avó	Rede intergeracional centrada na sogra; rede funcional apesar de assimetrias familiares.
Merope	Aproximação com a sogra intensa, porém ambivalente e conflitiva; avó materna pouco presente	Tia-cuidadora; escola/creche	Rede presente, mas marcada por tensão e necessidade de negociações constantes.
Talitha	Interações afetivas dos avós maternos à distância; avós paternos presentes porém com baixa frequência	Creche (após 12 meses); tecnologia como mediação	Rede fragilizada pela migração; mais simbólica do que prática.
Pollux	Não há interação ativa dos avós (devido fase do ciclo vital avançado); inversão geracional: netas promovem o cuidado ao avô	Suporte das filhas adultas; colaboradora na adolescência delas	Configuração atípica devido a longevidade: suporte ocorre na direção inversa.

Fonte: Compilado pelo autor.

A rede intergeracional como recurso, embora presente em todas as famílias desta pesquisa, manifestou-se de formas qualitativamente distintas, variando em intensidade, frequência e função simbólica. Essas diferenças não foram aleatórias, mas refletem legados familiares, dinâmicas conjugais, disponibilidades afetivas, condições específicas de cada participante além das questões do cronossistema. Dito isso, avançamos para uma análise mais aprofundada, articulando as falas dos entrevistados com a literatura.

De acordo com Sampaio (2008), o aumento da longevidade tem proporcionado uma convivência mais prolongada entre avós e netos, o que para muitos avós representa uma experiência de reencontro com o amor, quase como se apaixonar novamente. Mesmo antes do nascimento de um neto, os avós frequentemente criam expectativas inconscientes sobre o relacionamento que terão com ele. Na família de Bellatrix, observa-se uma participação mais intensa da linhagem materna no suporte intergeracional. Sampaio (2008) diz que isso pode acontecer especialmente no período da gestação e do nascimento, o que pode ser interpretado, em alguns casos, como uma tentativa simbólica de reparar ou fortalecer laços afetivos entre mãe e filha. Bellatrix nos conta:

Minha mãe até hoje, é a minha rede de apoio.

[...]

A minha família é um porto seguro, está ali sempre equilibrando tudo.

Acalmando. Ela [avó materna] transmite muito isso para mim, para minha irmã, pro meu marido também, tanto que ele tem um relacionamento melhor com a minha mãe do que com a mãe dele. Eles vibram quando a gente está bem e quando a gente está mal ou preocupados, eles estão ali com o ombro, junto para ajudar.

O envolvimento de ambos os lados da família amplia a rede de relações positivas, mostrando que, quando os avós atuam de maneira consistente e coordenada, eles fortalecem a homeostase familiar e proporcionam um ambiente seguro para o desenvolvimento. Sobre isso, Rigel diz:

Às vezes ela [sogra] vem me render para poder fazer um exercício físico. Para poder sair no final de semana, sair nós dois [esposa e marido]. A minha mãe também faz

isso, ela tem um horário um pouco mais restrito, mas sempre que pode ela faz isso também.

A disponibilidade em cooperar por parte dos avós garante uma rede de segurança, permitindo ao casal momentos de conjugalidade e autocuidado. Isso demonstra que a interdependência entre gerações é um mecanismo de coesão ecológica. Maia sintetiza esse entendimento na seguinte fala: “Em termos bem práticos, os quatro avós se mostraram sempre muito disponíveis a receber os netos para mim e meu marido sairmos sozinhos”.

Por outro lado, determinados eventos, traumas ou estilos de criação dos filhos podem influenciar o grau de participação dos avós, podendo inclusive resultar em uma diminuição do contato com a família. No geral, mesmo na ausência de vínculos afetivos próximos com os avós de um dos lados do casal, a família encontra uma forma de suprir essa ausência com a outra parte ou com figuras que exerçam este papel, na busca de criar uma rede de inter-relações para os filhos e atuar como recurso facilitador da dinâmica conjugal. Isso se confere na realidade de Canopus, pois mesmo não tendo vínculos próximos com seus pais, existe a presença geracional da outra parte da família. Canopus nos diz:

Os meus pais são mais distantes afetivamente. Não temos um vínculo tão forte. Mas a minha sogra tem ajudado muito a gente com os nossos filhos. Quando a gente quer sair, no final de semana, ela fica com as crianças. Quando a gente quer viajar, ou sair como casal, apenas nós dois, a minha sogra tem sido um suporte muito bom para isso.

Dentre os fatores que levam as avós a assumirem o cuidado dos netos, a coresidência aparece como o principal, seguida pela necessidade dos pais se dedicarem ao trabalho, conforme apontam Azambuja et al. (2018). Dias, Costa e Rangel (2005) descrevem os aspectos como condições de saúde, estabilidade financeira, qualidade das relações com filhos, genros, noras e até mesmo com os próprios netos, sendo determinantes para uma vivência positiva entre gerações. No caso da família de Canopus, existe a inversão hierárquica deste aspecto relatado na disposição positiva para ajuda

financeira à avó, o que se revela nesta fala: “A gente promove uma ajuda, porque temos uma condição financeira boa, e a gente oportuniza que ela [avó] tenha coisas que não teria”.

Maia relata: “Os avós constroem uma bolha na casa deles para as meninas, lá elas estão protegidas de tudo, tudo é muito fácil para elas”. Para as avós que se dedicam integralmente aos cuidados, a convivência com os netos é marcada por uma proximidade constante e contínua. Já para aquelas que exercem o cuidado de forma mais estruturada, as atividades com os netos são mais planejadas (Cardoso, 2011).

Os avós com netos mais jovens, observados nessa pesquisa, eventualmente, cuidam dos netos e oferecem aos pais oportunidades para diferentes experiências, conforme já mencionado, além de possibilitar que eles tenham um tempo livre para promoverem atividades em conjunto. Rigel demonstra essa dinâmica em sua família ao nos dizer:

Às vezes minha mãe e meu padrasto pegam meu filho no final de semana, agora que ele está maior, e viajam com ele para Gravatá [campo] ou para Tamandaré [praia], e eu e meu marido conseguimos, às vezes, curtir um final de semana.

Também é observada a presença de coordenação e confiança entre pais e avós. Bellatrix, por exemplo, em sua ausência, atua como mediadora ao delegar à avó materna tarefas relacionadas ao suporte escolar e de clínicas, assegurando a continuidade do cuidado da criança e promovendo a interação entre os microssistemas. Sobre isso, Bellatrix nos diz: “Quando a gente [esposa e marido] viaja, eu deixo o contato da escola com minha mãe, o contato da clínica também. Tem um dia da semana que minha mãe colabora comigo e pega meu filho na clínica”. Rufino e Silva et al. (2014) destacam que as avós maternas são uma rede de apoio importante, permitindo que mães e pais desempenhem suas funções cotidianas.

Manter a qualidade das relações familiares durante períodos de adaptação é uma tarefa desafiadora. Rigel demonstra isso na seguinte fala:

Sobre ter um segundo filho, a gente pensou que não seria justo com eles (avós), porque a gente não daria conta, e realmente a gente precisaria deles, porque a gente demanda deles para poder respirar. Quando pesa muito, a gente pede auxílio, e eles sempre estão disponíveis.

Em famílias que demonstram maior resiliência, observa-se que os indivíduos tendem a interagir de forma ativa na resolução de dificuldades e na redução do impacto das crises, o que contribui para a qualidade das relações. Essa dinâmica pode ser observada no relato de Canopus ao dizer:

A gente sente que ela [avó] nos protege na questão de maturidade relacional. Sempre que o casal tem um conflito, ela como figura da pessoa mais idosa, com mais experiência, busca apaziguar o ambiente. Sempre é aquele ponto de equilíbrio para que as coisas não saiam do controle.

No contexto dos recursos intergeracionais, especialmente dos avós, a ausência física não se apresenta simplesmente como falta ou vazio, mas como um fenômeno complexo, atravessado por ambivalências e necessidade de rearranjos. Maia conta como foi o impacto familiar com a sua mudança de país e afastamento dos avós:

A nossa mudança de país foi outra lapada na nossa relação com os avós. Mamãe foi bastante racional, não deixou de se emocionar, foi me levar no aeroporto cheio de lágrima nos olhos. Ela disse: – vai meu amor, se for melhor para você, beleza. Mas no primeiro ano ela falava todo dia: – eu estou quase morrendo de saudade. O primeiro ano foi muito ruim para ela e para mim também, porque a gente tem uma relação muito próxima, eu sei que ela sentiu muito. Eu sei que ela está protegida. Ficou com gente que ela ama e que ama ela. A minha prioridade é o bem-estar dela.

Quando as famílias não se encontram presencialmente, o distanciamento social pode afetar a qualidade das interações e restringir as chances de fortalecimento dos laços familiares. Isso sugere que, quando as famílias estão separadas por motivos como pandemias, distância geográfica, entre outros, as videochamadas familiares podem ajudar a construir e manter conexões entre avós e netos de maneira prazerosa. Schuler (2022)

compreende que os avós não sofrem apenas com a ausência dos filhos que partiram, mas também com a distância que os separa dos netos, cuja presença se torna rara por conta do afastamento geográfico.

Com a ajuda do microssistema tecnológico, pais, avós e netos que precisaram lidar com os desafios estruturais, impostos pela separação e pelo distanciamento social, optam pelo uso de videochamadas, o que pode ajudar a atenuar os efeitos negativos dessa separação e diminuir as deficiências de contato pessoal, especialmente entre avós e netos (Schuler, 2022; Strouse et al., 2021; Torres, 2022). “Todavia o amor permanece, como diz o ditado popular “longe dos olhos, mas perto do coração” (Schuler, 2022, p. 294). A fala de Talitha contribui com essa análise anterior da percepção de Maia:

Viver em outro país tem seus desafios, principalmente sem parte da família. Houve momentos bem significativos na vida de meus pais e de minha irmã em que, pela distância, não pude estar presente. Isso faz falta, mas penso muito na qualidade de vida que posso oferecer para minha filha aqui. Isso pesou muito. Questionei-me algumas vezes se eu queria criar minha filha em um local com violência e criminalidade ou em um local onde sei que ela terá liberdade, segurança e independência. Penso nesse lado sobre o futuro da minha filha. Mesmo perdendo a convivência com os avós maternos, ela terá outras coisas positivas de viver na Austrália que irão compensar.

A migração não é apenas um deslocamento geográfico, mas uma transição ecológica profunda, que reorganiza redes de relacionamentos, redefine papéis familiares e coloca em perspectiva o futuro da nova geração em relação às condições do país de origem e do país de destino. Vemos aqui a interação entre diferentes níveis de sistemas bioecológicos: o macrossistema, representado pelas condições sociais, políticas e culturais do país de acolhimento (Austrália) e do país de origem (Brasil); o mesossistema, no qual a ausência física da rede familiar de apoio impacta o cotidiano da mãe; e o microssistema, reorganizado em função dessa ausência e da nova realidade local.

No caso de Maia e Talitha percebe-se que os vínculos intergeracionais se fragilizam pela distância, e ocorrem perdas de convivência cotidiana. Contudo, os pais priorizam a ideia de futuro seguro para as filhas. Do ponto de vista das representações sociais da família, essa perspectiva de segurança explicita o dilema entre dois valores fundamentais: proximidade relacional e segurança material/social. Ao mesmo tempo em que os pais mais novos perdem em convivência e apoio afetivo, os pais acreditam que há ganhos significativos. Esse balanço traduz as tensões vividas por famílias migrantes, que constantemente negociam pertencimento e qualidade de inter-relações.

À luz das análises realizadas, esta seção permite compreender, em síntese, que o recurso intergeracional se configura como um elemento possível na promoção da dinâmica familiar, operando como um eixo de cuidado, mediação e adaptação ao longo do tempo. As inter-relações entre avós, pais e netos revelam-se atravessadas por ambivalências, expectativas herdadas, limites geracionais e constantes negociações intersubjetivas. Contudo, para que esses movimentos se configurem como recursos, torna-se fundamental que os avós reconheçam as fronteiras geracionais e as decisões do casal, promovendo, de forma qualitativa, valores, tradições e rotinas, sem sobreposição de papéis.

4.1.6. *Promoção da conjugalidade*

Esta última seção do quarto capítulo volta-se a captar como casais, em meio às demandas da parentalidade e das relações intergeracionais, buscam preservar, reconstruir ou reinventar o vínculo conjugal. Nesta categoria, a experiência dos participantes revela movimentos comuns e singulares: há casais que relatam um impacto mais abrupto e confuso com o nascimento do primeiro filho, marcados por cansaço, choros, conflitos e sensação de desencontro; outros descrevem um processo mais gradual de reorganização, no qual a rede de suporte se torna peça-chave para garantir tempo a dois; e há ainda aqueles que lidam com a ausência física da família extensa e são desafiados a criar estratégias internas para sustentar a conjugalidade.

O quadro a seguir organiza, por participante, os principais recursos utilizados bem como seus efeitos observáveis na conjugalidade. Essa síntese permite visualizar padrões

de enfrentamento, diferenças significativas entre as famílias e a centralidade das inter-relações dos avós na manutenção da coesão ecológica conjugal.

Quadro 15

Estratégias, repercussões e eficiência

Participante	Estratégias	Repercussões	Grau de eficiência
Maia	Diálogo frequente; reorganização da rotina após nascimento das filhas. Antes da migração: apoio constante de ambos os avós. No exterior: ausência total da rede familiar, uso de estratégias próprias para manter conexão com o cônjuge.	No Brasil: relação estável, com boa manutenção do vínculo romântico. Na migração: aumento do estresse, fadiga e distanciamento afetivo.	Eficiente quando combinada ao suporte intergeracional.
Bellatrix	Conversa aberta sobre emoções; negociação de prioridades. Suporte intenso da mãe, que assume cuidados diários e clínicos.	Redução do estresse parental; possibilidade de reorganização emocional. Permite retomada gradual da intimidade.	Eficiente
Rigel	Revezamento interno das tarefas; diálogo contínuo sobre estresse. Uso deliberado do apoio dos avós para resgatar tempo conjugal.	Alívio da sobrecarga; preservação do vínculo mesmo com múltiplas demandas.	Eficiente dependente.
Canopus	Manutenção de rituais de casal (viagens, saídas, rotina planejada). Suporte consistente da sogra, tanto afetivo quanto operacional.	Conjugalidade fortalecida; manutenção da proximidade.	Altamente eficiente
Merope	Estratégias maturacionais: escuta ativa, empatia, reposicionamento de papéis. Suporte moderado de avós, utilizado pontualmente.	Conjugalidade estável e reflexiva ao longo do ciclo vital.	Altamente eficiente.
Mira	Mudança de rotina com revezamento de turnos; reorganização após intervenção externa (amigo). Suporte da avó materna e da filha mais velha para permitir momentos de casal.	Redução do estresse e recuperação da relação conjugal.	Eficiente.
Talitha	Diálogo constante; alternância de quartos para maximizar sono; criação de pequenos rituais de casal. Ausência quase total de suporte intergeracional; apoio tecnológico para manter vínculos familiares.	Conjugalidade preservada, mas com limitações importantes de tempo e energia.	Eficiente, porém limitada.

Fonte: Compilado pelo autor.

A partir dessa sistematização, é possível aprofundar a análise interpretativa sobre como, na prática, se aplicam as estratégias e de que modo se articulam processos pessoais, relacionais e intergeracionais. Os relatos a seguir, relacionados com a literatura científica, evidenciaram que a conjugalidade, embora tensionada pelas novas demandas emergentes, é constantemente renegociada por meio do diálogo, da corresponsabilidade e, sobretudo, da presença dos avós.

Para Hintz e Baginski (2012), a parentalidade é um processo contínuo que pode impactar significativamente a relação conjugal. Conforme já consideramos, a família é constituída originalmente apenas pelo casal, cujo vínculo é centrado na parceria afetiva, na intimidade e na construção de projetos em comum. No entanto, com o nascimento do primeiro filho, surgem novas responsabilidades, exigências e tarefas que demandam a reorganização da vida cotidiana e a redistribuição de papéis. Maia nos relata o desenvolvimento dessa realidade através da seguinte fala:

Quem dizia muito isso era minha mãe. Do jeito dela, eu entendo a intenção, ela falava: – Minha filha para segurar o seu marido você tem que se cuidar, você tem que ficar bonita, quando ele chegar do trabalho você tem que se arrumar... Eu entendo que dentro de todos os estereótipos geracionais dela, onde a mulher que tem que agradar o marido, eu entendo o que ela queria dizer. Mas os dois passaram um ano meio cansados depois do nascimento [da filha]. Foi pancada e a gente ficou desleixado, a gente ficou descuidado, e aí nesse sentido minha mãe me dava esses conselhos.

Diante disso, alguns casais podem se deparar com uma imaturidade emocional aparente. Cicco et al. (2005) relatam que, para o casal superar esta percepção, é preciso romper com o ciclo de dependência e criar uma autonomia relacional, deslocando-se da condição de serem filhos para constituir uma nova família. A imaturidade parental e relacional pode ser compreendida como parte de um processo em que o simples fato de constituir uma família não garante, de imediato, as competências esperadas na vida conjugal.

A relação conjugal, nesse contexto, sofre os efeitos dessas novas demandas, refletindo a natureza bidirecional das interações: o comportamento e necessidades do bebê afetam os pais, ao mesmo tempo em que o modo como o casal lida com os desafios influencia o bem-estar da criança. Há um momento inicial de tensão e queda no rendimento, mas também um processo de acomodação posteriormente. Isso se aproxima da ideia de autorregulação (Bertalanffy, 1975), em que os vínculos afetivos e os recursos de enfrentamento possibilitam superar períodos de estresse e encontrar um novo modo de coexistir. Sobre o desenvolvimento emocional diante de demandas que emergem da conjugalidade, destacamos a seguinte fala de Bellatrix:

A gente tinha muitos planos de ter filhos. Quando chegou foi bem impactante, porque ele [marido] não era mais a prioridade, ele não era mais exclusivo. Teve as minhas questões como mãe, mulher e profissional. Tive que parar de trabalhar, tirar a licença maternidade, eu não sabia muito bem o que é que eu estava fazendo. Era uma mistura de querer ser mãe, mas ao mesmo tempo não querer parar. Foi muito difícil para mim. Principalmente o primeiro filho, eu não sabia administrar as emoções todas que eu estava sentindo.

Ainda observando essa fala de Bellatrix, destacamos Hernandez e Hutz (2010) ao relatarem que a chegada do primeiro filho à família está associada a alterações nas relações familiares e mudanças significativas para os pais. O início da maternidade surge como um momento de grande complexidade emocional, no qual a mulher enfrenta o desafio de conciliar os papéis de mãe, profissional e parceira, provocando um redesenho das prioridades conjugais e das identidades individuais.

Observa-se ainda que a chegada de um segundo filho intensifica o desgaste físico e emocional. Maia destaca esse aspecto em sua realidade ao dizer:

A gente nunca se perdeu como casal, até minha segunda filha, ou seja, os primeiros três anos foi bem tranquilo. Mas aí a gente não sentiu que houve uma ruptura. O jogo muda quando tem dois. E aí você começa a ficar verdadeiramente cansado.

Nesse processo, o suporte intergeracional aparece como recurso essencial para manter simultaneamente o cuidado com os filhos e o espaço do casal.

Esse evento marca uma mudança substancial no foco da relação conjugal, que passa a ser direcionada prioritariamente às necessidades do bebê e às demandas da função parental. Em muitos casos, o tempo e a energia anteriormente dedicados ao vínculo do casal são realocados para os cuidados com a criança, o que pode gerar afastamento afetivo, conflitos ou sensação de sobrecarga. Sobre isso, Maia ainda diz: “Eu estou tão cansada que se ele me encontrar acordada quando ele chegar já vai estar no lucro!”.

Nesse percurso, a presença dos avós adquire relevância, pois sua trajetória de vida pode oferecer exemplos e orientações valiosas. Contudo, para que essa transmissão transgeracional seja efetiva, é necessário que a relação entre gerações não se configure em dependência ou sobreposição, mas em diálogo e cooperação. Canopus expressa isso:

Houve um amadurecimento após o nascimento, mas a gente sempre foi um casal próximo. A gente não deixou isso interferir na relação proximal do casal.

Conseguimos manter, com a ajuda e cuidado da avó claro, o casamento e o nível de proximidade muito semelhante a que era antes do nascimento.

Essa fala de Canopus ainda evidencia que, mesmo com o impacto do nascimento, o casal conseguiu preservar a proximidade emocional e o vínculo romântico. A atuação da avó nos cuidados dos filhos, surge como um elemento de suporte essencial, permitindo que a relação conjugal se mantenha possível.

Destaca-se ainda a importância da comunicação aberta e empática entre os cônjuges, em que a escuta mútua, o diálogo e a capacidade de se colocar no lugar do outro se configuram como estratégias conscientes para resolver conflitos e preservar o vínculo romântico. Isso pode ser visto em três realidades diferentes apresentadas a seguir.

Merope diz:

A gente sempre conversa [casal]. Sempre perguntamos o que é que está errado.

Buscamos escutar sempre um ao outro. A estratégia é escutar primeiro, se colocar

no lugar do outro e conversar. A gente tenta passar esta prática para os meninos também.

Rigel também nos conta:

São muitas demandas. Tem a demanda do filho, da casa, do trabalho, além da demanda conjugal. São muitos pratinhos para equilibrar. Quando a gente aumenta alguma das demandas, a gente fica mais estressados. Um com o outro. Isso acaba afetando o relacionamento, principalmente com a chegada do filho, que é mais uma coisa, mas apesar de todo amor e de todas as coisas boas, é mais uma coisa para você tentar equilibrar. Mais obrigações, e isso também gera mais estresse.

Maia igualmente expressa:

A gente teve um momento mais distante, mais frio. Porque a gente era muito focado em arrumar a casa, botar as meninas para a escola, para comer e não sei mais o quê... E aí a gente realmente acabou esquecendo, nesse período, um ano meio mais ou menos, um ano meio esquisito para o que a gente costuma ser.

Percebe-se então que a família se configura como uma referência sobre como devem ser vivenciadas as relações de parentesco de forma mais ampla. A distinção entre o lar, associado ao afeto, é um dos principais elementos que diferenciam os vínculos familiares de outros tipos de relações sociais. Nessa lógica, o amor conjugal – diretamente relacionado à união sexual – é compreendido como uma conexão afetiva que se concretiza na geração dos filhos (Souza, 2006). Canopus reflete isso em sua fala:

O conhecimento é muito importante, para mim foi muito importante o conhecimento que eu tenho e ela tem, pra que a gente não deixasse “a peteca cair” da relação de casal mesmo tendo filhos, família, avós, trabalho... a gente sempre mantém a nossa rotina de casal. Usufruir da vida a dois. Por exemplo, pelo menos duas vezes por mês. São dois finais de semana com os filhos e dois finais de semana só ela e eu, saindo para viajar, indo à praia, um restaurante, conhecer lugares diferentes. Mesmo em casa, convidar um casal de amigos, tomar uma cerveja e conversar. A gente não

deixou que a vida com filhos e avós atrapalhasse ou interferisse mais do que devia na nossa relação conjugal.

Essa fala de Canopus também revela a construção de estratégias conscientes para equilibrar os múltiplos papéis exercidos no microssistema familiar. O casal reconhece que o conhecimento funciona como fator fortalecedor que sustenta a conjugalidade diante das demandas de filhos, trabalho e relações intergeracionais. A rotina organizada, que inclui momentos exclusivos do casal, como viagens, saídas para restaurantes ou encontros com amigos, configura-se como uma prática deliberada de manutenção da intimidade e do vínculo romântico. Esse planejamento, ao mesmo tempo que integra a rede de apoio dos avós, também limita a interferência das obrigações parentais na vida conjugal, favorecendo a inter-relação entre microssistemas. Assim, a estratégia adotada reforça a ideia de que a conjugalidade, quando preservada, potencializa não apenas a satisfação afetiva entre os parceiros, mas também a estabilidade ecológica do sistema familiar.

Conforme o entendimento de Pasinato e Pereira (2016), casais que dividem os cuidados dos filhos e as responsabilidades financeiras igualmente precisam negociar seus papéis em uma sociedade onde normalmente a mãe é vista como a principal cuidadora e o pai como ajudante. Essa visão é reforçada pela licença-maternidade mais longa e pela curta licença-paternidade prevista pela legislação brasileira. Maia relata que essa dinâmica social, dentro do seu sistema familiar, não funciona; ela diz:

Até o nascimento da minha segunda filha, a gente nunca se sentiu um “não casal”, porque a gente tinha essa coisa de “vamos cuidar nós dois juntos”. Mesmo assim ele foi um paizão, para quebrar o estereótipo machista do patriarcado brasileiro, do “pai que ajuda”, ele não ajudava só. Inclusive ele ficava “p” quando alguém dizia que ele era bom pai porque ajudava em casa. Ele dizia: eu não ajudo, eu sou pai, eu faço!

Pedro (2013) destaca a importância central da satisfação conjugal na coesão do sistema familiar, apontando que a satisfação de ambos os parceiros atua como mediadora entre a vinculação e a adaptabilidade familiar. Para que a relação conjugal seja de qualidade positiva, é essencial que os parceiros disponham de recursos emocionais

saudáveis, capazes de promover a manutenção de um ambiente familiar com processos proximais fortalecidos.

Acerca disso, conforme anotado por Palermo et al. (2016), na formação do vínculo amoroso, cada parceiro traz motivações inconscientes resultantes de suas experiências emocionais individuais. Essas motivações vêm das primeiras relações e da forma como lidaram com conflitos de infância, especialmente os edípicos. Assim, o relacionamento conjugal reflete o universo interno de cada pessoa, baseado em suas vivências iniciais.

A conexão entre os parceiros, a satisfação conjugal, a coparentalidade, as práticas educativas e a vinculação da criança com ambos os pais influenciam diretamente essa dinâmica conjugal, especialmente quando o casal tem filhos na fase da pré-adolescência.

Bellatrix nos conta sobre isso:

A questão conjugal é impactada. Estar ali com o marido e questionar se eu era mãe ou eu era esposa. Era confuso. Teve muitos choros... tempo... paciência.... depois vem a questão da criança ficando maior e os conflitos em relação a prioridade. A mulher quer se priorizar, mas tem um filho. O marido às vezes também está entrando pela primeira vez naquele mundo, cobra atenção e tudo vira uma agonia. Até tudo ir se alinhando, e o marido notando que agora existe uma criança ali, que você ama muito aquela criança, mas você também tem a sua vida. Quando a gente consegue alinhar não fica pesado para ninguém.

As transições do ciclo vital exercem influência direta na experiência conjugal. “Ser mãe ou ser esposa?”, é a questão. O período inicial da maternidade é marcado por confusão de papéis, intensas demandas emocionais e necessidade de paciência até que as identidades parentais e conjugais se consolidem. O amor relacional aparece como eixo de sustentação desse processo. Nesse contexto, o vínculo conjugal não é anulado pela chegada da criança, mas precisa ser reconfigurado, num movimento que exige negociação de prioridades e abertura para compreender a nova realidade.

A chegada de um filho, reafirmando nosso argumento, impacta diretamente a dinâmica conjugal, atravessa os espaços de intimidade e exige uma reorganização da vida

a dois. O casal, que antes compartilhava rotinas de lazer e convivência, experimenta uma ruptura inicial desses momentos, revelando a centralidade das tarefas parentais e a sobreposição delas sobre a conjugalidade. “No começo, nossa rotina sofreu todas as alterações que se possa imaginar. Ficamos estressados um com o outro, não dormíamos, estávamos cansados. Alterou tudo”. Diz Mira.

É preciso então que o casal crie estratégias de adaptação e de ajustes para reorganizar a intimidade em função das necessidades do bebê, assim como ocorreu na família de Talitha, conforme ela relata:

Houve uma mudança significativa com o nascimento de minha filha. Muda bastante. Dificilmente conseguíamos ter uma refeição juntos, assistir filmes, ter um tempo como casal. Atualmente conseguimos ter um pouco de tempo para nós quando ela dorme. Conseguimos comer juntos, ver TV juntos, mas ainda não estamos dormindo juntos. Para maximizar as horas de sono, dormimos em quartos separados, alternando turnos.

Em geral, o casal constrói, em conjunto, formas de lidar com a sobrecarga. No caso de Talitha, há uma percepção compartilhada da dificuldade, mas também do esforço em recuperar espaços de conexão.

A comunicação no contexto conjugal encontra nisso a oportunidade e configura-se como um elemento fundamental para a manutenção da satisfação na relação (Moreira da Silva, et al 2022). Rigel, acerca disso, enfatiza: “A gente sempre conversa muito”. A expressão clara de sentimentos, frustrações e demandas de apoio entre os parceiros revela-se indispensável, uma vez que, segundo relatos dos próprios casais participantes, é por meio do diálogo que se viabiliza a mediação de conflitos e a construção de soluções conjuntas. Rigel, então, ainda nos conta:

Às vezes acaba havendo assim um distanciamento momentâneo. Quando a gente identifica isso, buscamos fazer justamente aquilo que eu falei, tentar deixar meu filho um final de semana com a minha mãe para a gente poder ficar um pouco sós. Ou deixar ele com alguém uma noite para a gente sair só nós dois.

De acordo com Moreira et al. (2022), a transição para a parentalidade altera significativamente a coesão familiar, pois o casal assume uma nova posição na hierarquia geracional, passando a desempenhar funções de cuidado, responsabilidade e proteção em relação à nova geração. Essa transição demanda uma reorganização emocional que pode gerar elevados níveis de estresse. Esse processo frequentemente desperta sentimentos de ansiedade diante das exigências da parentalidade, além de sobrecarga relacionada à escassez de tempo e à multiplicidade de tarefas a serem cumpridas. Rigel também aponta a ocorrência disso em sua conjugalidade: “Ele [marido] trabalha de manhã e de tarde. E eu tinha aula de tarde e de noite. Então tinha dia que eu chegava e ele já estava dormindo, isso afeta a relação”.

A atenção ao relacionamento conjugal então diminui frente a isso, afetando negativamente a convivência entre os cônjuges. Retomar a vida sexual do casal é um dos maiores desafios, devido a diferentes fatores como as mudanças hormonais, exaustão, traumas do parto e inseguranças da mulher. Observemos sob essa óptica o que ocorre na relação de Merope:

A gente sempre fala entre nós [casal]: “precisamos ter mais tempo para a gente. Precisamos de mais tempo para sair, para namorar”. O trabalho e os estudos atrapalham a rotina. E filhos afetam. Depois que eles nascem a relação nunca mais vai ser a mesma, quem disser que é a mesma eu não acredito. Mas a gente lida bem com isso, quando a gente percebe que está mais distante buscamos estratégias como sair, assistir algo na tv juntos, fazer algo juntos.

Nesse contexto, a presença de uma rede de apoio eficaz se mostra fundamental para o fortalecimento da conjugalidade. (Moreira et al., 2022).

Rabelo (2018) destaca que os membros da família se influenciam reciprocamente. Bronfenbrenner (1995, 1996, 2012) e Bronfenbrenner e Morris (2006) ampliam esse olhar dizendo que, além dos integrantes da família se relacionarem entre si, também se relacionam com os processos, os contextos e com o tempo. Dessa forma, cria-se uma série

de interações complexas, nas quais percebemos a formação de redes para o enfrentamento de uma variedade de situações estressantes.

Nesse âmbito, ao considerar o cronossistema, evidencia-se que o tempo exerce um papel estruturante nas relações familiares. As experiências acumuladas e os eventos que marcam a trajetória da família podem contribuir para redefinir funções e papéis, exigindo dos membros processos constantes de adaptação. Nesse percurso, avós, pais e netos transitam por diferentes momentos de proximidade e distanciamento.

À medida que as crianças crescem, o foco dos pais se desloca gradualmente para a relação entre eles próprios. Sobre isso, Merope destaca:

No início eles [os filhos] deram muito trabalho, mas a gente ainda tinha a mesma rotina da relação, mas com o tempo, a demanda de atenção foi aumentando, o trabalho também e a gente foi mudando. Fomos dando mais atenção aos filhos do que a nossa relação. Hoje, eles maiores, a gente faz o caminho contrário, a gente tenta priorizar a relação e o momento nosso.

Mira também compartilha sua realidade sobre esse assunto. Ela conta:

No começo, nossa rotina sofreu todas as alterações que se possa imaginar. Ficamos estressados um com o outro, não dormíamos, estávamos cansados. Alterou tudo. Percebemos que havia algo errado quando começamos a nos esbarrar no corredor de casa, correndo de um lado para o outro para atender ao choro do bebê. Nesse contexto, brigávamos por nada. Era muito cansaço. Foram dois anos sem dormir uma noite inteira, até que um amigo nos perguntou por que não fazíamos uma rotina de revezamento: cada noite um dormiria com a menina. Fizemos isso, e foi um marco. A partir daí voltamos a dormir e, curiosamente, nossa filha passou a dormir a noite inteira. Acho que ela sentia o estresse dos pais e, por isso, ficava agitada.

Esse episódio relatado por Mira ilustra a retroalimentação das relações, onde o estresse dos pais repercute na qualidade do sono da filha; e a agitação da filha, por sua vez, reforça o estresse parental. Essa circularidade é interrompida com a introdução de uma estratégia adaptativa, restabelecendo o sistema familiar. A fala de Mira também revela a

importância do suporte social. Foi a intervenção de um amigo que desencadeou a reorganização. Isso evidencia como o mesossistema pode influenciar diretamente o microssistema familiar. Além disso, a percepção de que a filha “sentia o estresse dos pais” indica uma leitura sensível da interdependência emocional na família.

Nas famílias observadas, os avós participam de atividades importantes na vida dos netos. Essa relação atravessada pelo cronossistema, revela a complexidade das interações intergeracionais e como o afeto e o apoio podem perdurar, mesmo quando a proximidade física diminui. No caso de Maia, que reside em um país diferente de sua mãe e sogros, se mantém o contato dos avós com as netas por chamadas de vídeos, ou promovendo viagens familiares para o encontro das gerações. Sobre isso, Maia nos conta:

Esse é o problema de morar fora do país. No Brasil a gente tinha essa rede, a gente tinha os avós. A gente podia no final de semana sair só. Aqui não tem, é só a gente. Estamos com as meninas 24 horas por dia. Não tem muito tempo sozinhos. Tempo para namorar, só quando estiverem dormindo ou quando estiverem na casa das amigas. Mas são amigos. Não é a casa da família que a gente pode mandar qualquer hora que a gente queira ficar juntos sozinhos, não é o mesmo suporte.

A ausência física dos avós no cotidiano evidencia o quanto o suporte intergeracional se torna central não apenas para o cuidado das crianças, mas também para a preservação da intimidade e do tempo conjugal. Ainda que a distância limite a participação direta, os laços afetivos reafirmam a continuidade da função dos avós no cronossistema, sustentando a transmissão de valores e o sentido de pertencimento familiar.

Canopus, em sua realidade, reconhece que o exemplo da sogra, tanto nas atitudes quanto nas palavras, ajuda a fortalecer sua relação com a esposa, trazendo calma nos momentos de conflito e mostrando, pelo próprio modo de viver, que o respeito e o amor são caminhos de continuidade. Canopus conta o seguinte:

Existe uma coisa importante para frisar, a relação do casal é como um espelho da relação que os filhos tiveram com os pais. A presença dos avós interfere positivamente ou negativamente na relação do casal. A minha sogra, ela interfere

positivamente na minha relação com a minha esposa. Esse exemplo que ela traz da vivência dela e dos discursos, quando ela interfere na relação para apaziguar, quando ocorre um conflito, é muito positivo. Ela nos mostra a partir do exemplo de vida dela. O casal pode buscar, a partir do respeito e do cultivo do amor da relação, pessoal e interpessoal, perpetuar o vínculo familiar e, como no exemplo dela, interferir positivamente na manutenção do casamento.

Essa gratidão mostra como o suporte dos avós pode ir além do cuidado com os netos: pode ser um espelho que inspira o casal a cultivar seu vínculo e a valorizar ainda mais sua história juntos. Nesse movimento, o amor se multiplica entre as gerações, criando uma rede de afeto que sustenta a família.

Marcos significativos no ciclo vital familiar exigem uma reconfiguração das funções parentais e conjugais, de acordo com o que já frisamos. Assim sendo, levando em conta o observado anteriormente, é comum que o casal experimente um afastamento temporário da intimidade conjugal, devido à sobrecarga física e emocional decorrente dos cuidados com os filhos, mudanças físicas, relações profissionais, adaptação aos novos papéis familiares, entre outros acontecimentos. Por outro lado, a retomada da conjugalidade é fundamental para a preservação da saúde emocional do casal e para a coesão do sistema familiar, uma vez que, segundo Neumann et al. (2021), confrontos repetidos sem resolução ameaçam o relacionamento, amplificando diferenças e potencialmente causando um distanciamento irreconciliável entre os cônjuges. Talitha relata um reflexo disso em sua família:

Teve um impacto na intimidade como casal. É algo que temos consciência, já conversamos e já melhorou bastante. No final de semana tentamos fazer coisas não só para nossa filha, mas também atividades que sejam benéficas para nós como casal: almoçar, caminhar juntos... nosso momento como casal.

O reconhecimento consciente do impacto e a abertura ao diálogo demonstram a capacidade de processo proximal reflexivo: o casal não apenas vivencia as mudanças, mas também conversa sobre elas, criando um espaço de comunicação que favorece a adaptação. Há uma tentativa consciente de reconstruir a conjugalidade em paralelo, ainda

que em tempos e formatos reduzidos. A decisão de Talitha e seu cônjuge de reservar os finais de semana também para atividades a dois evidencia a valorização da conjugalidade. O casal estabelece um ritual regular de convivência, que atua como um momento de reconexão e manutenção do vínculo, mesmo diante das demandas da semana. A negociação por meio do diálogo e a criação de espaços intencionais para cultivar a intimidade é um exemplo de como a conjugalidade pode ser adaptativa diante das transformações impostas pela parentalidade.

De modo geral, os achados desta categoria indicaram que a promoção da conjugalidade, longe de ser um dado espontâneo, é um processo intencional, construído e atravessado por variáveis emocionais, culturais, econômicas e geracionais. Na fase inicial, quando o casal dispõe de recursos de apoio, internos e externos, a transição para a parentalidade tende a ser vivida como uma fase de reacomodação possível, ainda que marcada por cansaço e ambivalência. O suporte intergeracional, de acordo com o que já analisamos, especialmente o oferecido pelos avós, pode exercer um papel estratégico na engrenagem das inter-relações. Em contrapartida, nos contextos em que o suporte é limitado ou distante e em que padrões tradicionais de gênero permanecem rígidos, a conjugalidade pareceu mais vulnerável à sobrecarga e ao distanciamento afetivo.

À luz da Teoria Bioecológica, tornou-se evidente que a relação conjugal é impactada pelos processos proximais que se reorganizam com a chegada dos filhos, pelas condições concretas do micro, meso e exossistema e posteriormente, pelas transformações históricas do cronossistema, que vêm redefinindo modelos de maternidade, paternidade e igualdade de gênero. Em síntese, esta seção reforçou a ideia de que cuidar da conjugalidade é, ao mesmo tempo, cuidar sistemicamente da parentalidade e da saúde do sistema familiar como um todo. Esse cuidado ocorre na medida em que um casal que encontra formas de se manter parceiro, mesmo em meio ao caos das rotinas, tende a oferecer um ambiente mais estável, coerente e afetivamente disponível para os filhos e para a retomada da intimidade perdida. Esse movimento permite que o casal não apenas se aproxime, mas também consolide sua identidade conjugal.

Ao fim deste capítulo, percebemos a complexidade e o diferencial de uma análise qualitativa apurada sobre diferentes realidades familiares, ampliando e especificando o olhar simultaneamente. Isso a fim de enxergarmos nuances precisas de como ocorrem as inter-relações familiares em suas mais diferentes configurações. Visto isso apresentamos a seguir considerações a respeito do trabalho desenvolvido, rumo à finalização deste texto.

Considerações finais

Uma análise das interações na tríade geracional, evidenciando como produzem modos de percepção da conjugalidade atravessada por elementos bioecológicos, configura-se como um campo ainda pouco explorado na literatura sobre pais, filhos (netos) e avós. Apesar de sua relevância, essa perspectiva permanece relativamente inédita. Assim, esta pesquisa busca contribuir oferecendo um olhar analítico renovado sobre esses sujeitos, considerando o contexto em que estão inseridos e a forma como seus processos proximais se adaptam e se transformam ao longo do tempo.

Assim sendo, a tese apresentada teve como objetivo compreender como o microssistema avós–netos impacta o relacionamento conjugal dos pais, a partir da perspectiva destes. O percurso analítico revelou que a dinâmica intergeracional não se limita a um elemento periférico do funcionamento familiar, mas constitui um eixo relacional que reorganiza rotinas, emoldura tensões, oferece contenção emocional e, em vários casos, funciona como componente estruturante da conjugalidade. Nesse ínterim, no campo observado, os avós e netos se relacionam e produzem trocas geracionais constantes. Observou-se ainda a construção de um legado geracional, da tradição familiar e de um universo de inter-relações que promovem a coesão ecológica da família e do casal.

Ao longo das análises foi possível alcançar outro objetivo específico: compreender como se dá a relação na tríade avós–pais–netos, campo interrelacional complexo, atravessado por continuidades afetivas, negociações simbólicas, reconstruções históricas e tensões inerentes ao convívio entre gerações. Nas realidades observadas, os avós atuaram como figuras centrais de suporte, ainda que em intensidades e formatos distintos, contudo, houve padrões mais convergentes, como a predominância da avosidade materna como rede de suporte diário, bem como padrões contrastantes, como o distanciamento afetivo dos avós paternos ou a ausência física decorrente da migração.

No caso das entrevistadas do sexo feminino, quando se posicionaram como noras, evidenciaram uma experiência marcada pela ambivalência na relação com as sogras. O suporte ofertado por estas, sobretudo no cuidado com os filhos, coexistiu com vivências de

intromissão, questionamento da autoridade parental e interferência na conjugalidade. Essa ambivalência revelou-se diretamente associada à fragilidade das fronteiras intergeracionais, uma vez que o suporte, embora reconhecido como necessário, nem sempre se deu de forma negociada ou respeitosa aos limites do subsistema conjugal, fazendo emergir, nas subjetividades, tensões geracionais que demandam elaboração.

As diferenças não reduziram a importância dos avós; ao contrário, evidenciaram a plasticidade do suporte intergeracional, que se reorganiza conforme o cronossistema, as condições culturais e o ciclo vital de cada família. Essa diversidade emergiu como ponto comum fundamental para responder outro objetivo específico: analisar os aspectos positivos e negativos do microssistema avós e netos na vida do casal (que os avós atuam como modelos de comportamento dentro do microssistema, influenciando diretamente a construção da parentalidade, a estabilidade familiar, o repertório emocional dos membros e a conjugalidade). Em alguns casos, essa inter-relação promove vínculos de alta reciprocidade e suporte; em outros, interfere de forma tensionada nos limites e requer renegociação de fronteiras. Assim, a relação avós–pais–netos se mostra dinâmica, adaptativa e profundamente marcada pela interação entre afeto, cultura e tempo.

Em seu caráter protetivo, os avós oferecem cuidado direto, suporte emocional, tempo para o casal, mediação de conflitos e até recursos materiais que aliviam demandas do cotidiano, especialmente para descanso, lazer e retomada da intimidade do casal. Esses elementos contribuem para a preservação de vínculos, para o fortalecimento da parceria conjugal e para a construção de práticas parentais menos sobrecarregadas. Por outro lado, quando práticas permissivas, intromissões ou desajustes de fronteiras emergem, o microssistema avós–netos se torna fonte de desautorização parental e desgaste emocional, especialmente nas fases iniciais da parentalidade, quando o casal ainda busca consolidar sua autonomia. A quebra de regras parentais, a permissividade excessiva das avós e comportamentos que contrariam as práticas educativas dos pais, além de situações de intromissão ou sobreposição de papéis geraram o maior número de conflitos observados neste grupo observado. A transmissão de valores e a continuidade cultural apareceram de

forma transversal entre participantes que vivenciavam convivência regular com avós, enquanto o suporte financeiro, contribuiu para reduzir tensões conjugais associadas às demandas econômicas.

Em alguns casos, os avós também desempenharam papel de mediação de conflitos, funcionando como reguladores emocionais no casal. Este achado respondeu ao objetivo específico da existência de conflitos nas tríades e díades e como são resolvidos. Os conflitos foram identificados em intensidade e formatos variados em quase todas as famílias, especialmente no cruzamento entre os microssistemas (pais–avós; pais–crianças). Os achados evidenciaram que o mesossistema onde se intercalam relações entre avós–pais–netos opera simultaneamente como fonte de rede de inter-relações positivas, tensão e ambivalência, dependendo da configuração familiar e do momento do ciclo vital.

Ademais, os pais demonstraram diferentes estratégias de enfrentamento de conflitos, cada qual variando em eficiência, conforme a maturidade emocional do casal e o histórico relacional com os avós. O padrão mais eficiente observado envolveu a prática da comunicação aberta entre microssistemas, negociação explícita de valores e estabelecimento de regras claras para o cuidado e práticas educativas dos filhos.

Dentre os conflitos mais recorrentes observados no grupo suscitaram: divergências sobre regras, disciplina e permissividade; modos distintos de demonstrar afeto; interferências na autonomia parental; sobrecarga materna decorrente da má distribuição das mediações com os avós. Quanto às estratégias de enfrentamento mais presentes, três padrões principais foram observados: comunicação direta e negociação ativa, considerada a estratégia mais eficiente e associada a maior maturidade relacional; mediação indireta, em que um dos cônjuges (geralmente a mãe) filtra a comunicação com os avós para evitar tensões, funcionando, mas gerando sobrecarga emocional na parte que realiza a mediação do diálogo com os avós; distanciamento físico ou regulado, quando a distância geográfica ou fronteiras bem delimitadas reduzem conflitos, mas diminuem a qualidade das interações geracionais.

Em perspectiva ampliada, os achados confirmam o que propõe Bronfenbrenner: a família é um sistema em permanente interação, no qual vínculos proximais, contextos sociais e o tempo operam conjuntamente na formação de trajetórias de desenvolvimento. Nesta pesquisa, isso se evidenciou na forma como a conjugalidade se transformou ao longo das transições do ciclo vital familiar, especialmente após a chegada dos filhos, e no modo como os avós, direta ou indiretamente, contribuíram para a coesão ecológica, oferecendo suporte e, simultaneamente, convocando os pais a se reposicionarem como adultos e como casal.

Corroborando o olhar bioecológico, hipótese destacada anteriormente nesta tese, identificaram-se influências do exossistema, caracterizado nesta pesquisa especialmente por instituições de trabalho dos pais, espaços de educação e cuidados de saúde, sobre o relacionamento conjugal. Observou-se que, em especial, a atividade profissional das mães, frequentemente expostas ao risco de sobrecarga pela múltipla jornada, interfere na integração das funções maternas, na coparentalidade e na adaptação à maternidade. Inclusive no que se refere ao posicionamento contemporâneo das mulheres na família, questão repetidas vezes referenciadas na fala das participantes do sexo feminino, quando se impõem como figuras centrais, juntamente com os cônjuges, na coesão ecológica familiar. De outra forma, as instituições sociais, caracterizadas como suporte nesta pesquisa, que apoiam o cuidado infantil, tornam-se mediadoras fundamentais ao criar oportunidades para que os cônjuges tenham um tempo livre para eles e mantenham sua conjugalidade.

A cultura e os costumes, ancorados no macrossistema, também contribuem para os processos proximais e o comportamento das famílias observadas. De forma positiva ou negativa, os pais fizeram referência a questões culturais vivenciadas por gerações passadas, às quais recorreram em eventos contemporâneos, buscando na memória recursos para lidarem com questões presentes. Assim, destacaram a importância e fizeram uso do legado transgeracional cultural para compreender as demandas da atualidade.

Do ponto de vista sociocultural, o estudo evidenciou transformações importantes na parentalidade contemporânea, sobretudo no que se refere à divisão de responsabilidades entre homens e mulheres. A participação paterna, cada vez mais ativa e reivindicada, destaca-se como ruptura de modelos hierárquicos tradicionais e articula-se com o suporte dos avós como força de coesão para a família. Contudo, observamos que a sobrecarga ainda recai majoritariamente sobre as mães, especialmente quando a mediação com os avós é desigual, o que apontou para a necessidade de políticas públicas e práticas sociais que favoreçam maior equidade de gênero na parentalidade.

A conjugalidade, nesse cenário, foi compreendida como um dos pilares centrais da bioecologia da família. A qualidade da relação entre os cônjuges influencia diretamente a parentalidade, refletindo-se no bem-estar emocional e social dos filhos. Comunicação, escuta, empatia e estratégias conscientes de fortalecimento do vínculo romântico foram destacadas como práticas fundamentais para manter a proximidade e evitar rupturas, mesmo diante das demandas intensificadas pela chegada dos filhos. As análises mostraram que, quando preservada, a conjugalidade se torna um espaço de trocas mútuas, permitindo que o casal enfrente melhor os desafios da parentalidade e sirva de modelo para os filhos.

Um dos achados mais relevantes é que a conjugalidade, embora tensionada pelas demandas parentais, não desaparece; ela se transforma continuamente. O casal que consegue integrar apoio intergeracional sem perder autonomia, que dialoga sobre papéis de gênero e que reconhece a importância do tempo a dois apresenta maior capacidade adaptativa e, conseqüentemente, maior satisfação conjugal. Essa constatação reforça que a promoção da conjugalidade não é um processo espontâneo, mas um esforço deliberado, sustentado por redes relacionais, comunicação e corresponsabilidade.

Constatou-se que a rede formada pelos avós, pode atuar como recurso valioso, desde que respeite os limites e não ultrapasse a autonomia do casal. O microssistema é enriquecido por sua presença, seja oferecendo suporte direto, como buscar a criança na escola ou o cuidado do filho em finais de semana, seja os avós contribuindo indiretamente

para o fortalecimento da relação conjugal – quando possibilitam ao casal momentos de lazer, descanso ou retomada da intimidade.

Tendo isso em vista, a análise apresentada contribui para ampliar a compreensão dos efeitos da conjugalidade na dinâmica familiar e do papel dos avós nesse processo em uma perspectiva bioecológica, oferecendo subsídios relevantes para profissionais de saúde, educadores e formuladores de políticas públicas atuarem em suas práticas. Ao reconhecermos a família como sistema em rede, permeado por interações bioecológicas, torna-se possível planejar intervenções mais assertivas, promover ambientes de desenvolvimento mais saudáveis e fortalecer vínculos que se sustentem ao longo de gerações futuras.

No decorrer das entrevistas, ficou evidente que os próprios pais e mães experienciaram a participação na pesquisa como um processo de elaboração e descoberta. Muitos deles e delas, ao final do encontro, relataram que, ao falar sobre suas vivências, puderam reconhecer dinâmicas familiares que antes operavam de modo automático ou pouco consciente. Acreditamos fielmente que o simples ato de nomear sentimentos, refletir sobre conflitos e revisitar práticas parentais e conjugais abriu espaço para reflexões importantes, permitindo-lhes pensar sobre percepções relacionais e atribuir sentidos às suas trajetórias familiares.

Nesse movimento, a pesquisa desta tese deixa de ser apenas coleta de dados e transforma-se em um campo de autorreflexão, favorecendo a compreensão de si, dos vínculos e das próprias escolhas. Para esses pais, pensar e falar sobre a relação com avós, filhos e parceiros não apenas ilumina aspectos pouco observados do cotidiano, mas também revela potenciais de mudança, o que pode ajudá-los a reconfigurar questões antes mal elaboradas ou nunca plenamente pensadas.

Dito isso, enfatizo que as relações intergeracionais são fundamentais não apenas para a convivência entre diferentes gerações, mas para a coesão ecológica da família, a transmissão de valores e a resolução de conflitos que emergem dessas interações. O curso de transição para a parentalidade, os desafios da conjugalidade e a participação dos avós

evidenciam como a família está continuamente atravessada por múltiplas dimensões bioecológicas, emocionais, sociais e culturais, que demandam constante reorganização, confirmando a tese proposta nos primórdios desta pesquisa.

Este estudo de tese não encerra as questões levantadas ao longo da pesquisa, mas amplia o olhar bioecológico sobre o tema e sugere que novas investigações aprofundem esses achados, estimulando futuros pesquisadores a explorarem esse universo tão complexo e instigante. O olhar sobre famílias de diferentes configurações como a homoafetiva ou separada, a perspectiva de filhos para além dos biológicos, entre muitas outras peculiaridades que não foram contempladas neste estudo, deixa margens e um campo fértil para pesquisas futuras sobre o tema e possíveis projetos de intervenção.

Como pesquisador e profissional, pretendo levar este tema para a clínica, a sala de aula e demais espaços da comunidade, reiterando em minha fala o convite a seguir olhando para as famílias com atenção e sensibilidade, reconhecendo nelas não apenas estruturas, mas pessoas que aprendem, erram, recomeçam e seguem construindo, dia após dia, os laços que as sustentam.

Por fim, conclui-se que no tecido da conjugalidade é preciso compreender as forças, tensões e a continuidades, além de reconhecer que a família se constitui como um espaço vivo e pulsante, aberto à transformação e capaz de criar modos possíveis de existir juntos, mesmo diante das complexidades da vida contemporânea.

Referências

- Almeida, M. E. S. (2008). A força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: teoria e prática*, 10(2), 215-230.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200017&lng=pt&tlng=pt.
- Aureliano, R. O. (2022). *Os pais como mediadores do relacionamento avós e netos* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Unicap. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1546>
- Aureliano, R. O., Silva, C. F. S. da, & Dias, C. M. S. B. (2022). Avós e netos: Uma revisão de literatura sobre a relação intergeracional que se amplia na longevidade. In *E-book IX CIEH* (pp. 283-300). Realize Editora.
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/87931>
- Azambuja, R. M. M. (2021). *O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar*. CRV.
- Azambuja, R. M. M., & Dias, C. M. S. B. (2022). Relacionamento avô e netos em diferentes momentos do ciclo vital: Um estudo de caso. In R. M. M. Azambuja, E. P. Rabinovich, & S. D. Neves (Orgs.), *Envelhecimento & Avosidade* (pp. 35-43). Editora CRV.
- Azambuja, R. M. M., Rabinovich, E. P., & Ramos, M. N. P. (2018). Avós e Interculturalidade: “O que ensina e aprende com os netos”? In R. Xypas, E. M. Costa-Fernandez, & C. Marques-Laurendon (Orgs.), *Comunicação e Interculturalidade: Educação, novas tecnologias e linguagens* (pp. 353-371). Editora da UFPE.
- Barcellos, M. R., Dantas, C. R., & Féres-Carneiro, T. (2022). Fim da Conjugalidade na Transição para a Parentalidade: Adaptação Feminina ao Novo Arranjo Familiar. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 42, e233736. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233736>
- Bello, L. D., & Marra, M. M. (2020). O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(2), 118-

130. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932020000200003&lng=pt&tlng=pt.

Bertalanffy, L. V. (1975). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Vozes.

Blasius, L., & Junqueira, H. M. (2022). Uso da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano associada ao método de análise de dados na concepção de núcleos de significação. *Conjecturas*, 22(15), 322-336.

Borba, L. F. S., Filho, Siviero, P. C. L., & Myrrha, L. J. D. (2021). O impacto demográfico e seus diferenciais por sexo nos custos assistenciais da saúde suplementar no Brasil. *Cadernos Saúde Coletiva*, 29(n. spe), 28-39. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202199010299>

Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, 40(1).
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/3993>

Botas, E. M. P. C. (2000). *Ser pai: As relações na vivência da parentalidade: um estudo qualitativo* [Dissertação de mestrado, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora.
<https://rdpc.uevora.pt/handle/10174/28347>

Bronfenbrenner, U. (1995). Uma família e um mundo para o bebê XXI: Sonho e realidade. In J. Gomes-Pedro & M. F. Patrício (Orgs.), *Bebê XXI: Criança e família na viragem do século* (pp. 115-126). Fundação Calouste Gulbenkian.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (Maria Adriana Veríssimo, Trad.). Editora Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. (2012). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos* (André de Carvalho-Barreto, Trad.). Artmed Editora.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Orgs.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 793-828). John Wiley & Sons publishers.

- Bucher, J. S. N. F. (2003). Família, locus de vivências: do amor à violência. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 169-183). Editora PUC Rio.
- Capitão, C. G., & Romaro, R. A. (2012). Concepção psicanalítica da família. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia e Família: Teoria, avaliação e intervenções* (pp. 27-37). Artmed Editora.
- Cardoso, A. R. (2011). Avós no Século XXI: Mutações e Rearranjos na Família Contemporânea. Juruá.
- Cardoso, A. S., Leandro, M., Silva, M. L. B. da, Moré, C. L. O. O., & Bousfield, A. B. S. (2020). Representações sociais da família na contemporaneidade: Uma revisão integrativa. *Pensando famílias*, 24(1), 29-44.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100004&lng=pt&tlng=pt
- Ceccarelli, P. R. (2007). A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (pp. 311-322). Editora Casa do Psicólogo.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300010>
- Cicco, M. F. de., Paiva, M. L. S. C., & Gomes, I. C.. (2005). Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia Clínica*, 17(2), 53–63. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200005>
- Conway, F., & Stricker, G. (2003). An integrative assessment model as a means of intervention with the grandparent caregiver. In B. Hayslip Jr. & J. H. Patrick (Eds.), *Working with custodial grandparents* (pp. 45-57). Springer Publishing Company.
- Cossul, M. U. et al. (2019) Transição do prematuro para o domicílio: a dinâmica familiar. In B. R. da Silva Neto (Org.). *Ciências da saúde: da teoria à prática 2* (pp. 320-333). Atena Editorap.

- Costa, L. F.. (2010). A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(spe), 95-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500008>
- Cruz, D. M. S. (2013). *Viver com a Vida, "Morrer" com a Vida: Protecção e risco em trajetórias auto-destrutivas na adolescência* [Tese de doutorado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8740>
- Cuevas C., Valéria M. (2017). O papel da avó na família feminina monoparental. Estudo de caso. *Órgão de Divulgação Científica Ajayu do Departamento de Psicologia da UCBSP*, 15(2), 153-171. http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2077-21612017000200003&lng=es&tlng=es
- Cummings, E. M., & Schatz, J. N. (2012). Family conflict, emotional security, and child development: Translating research findings into a prevention program for community families. *Revisão clínica de psicologia infantil e familiar*, 15(1), 14-27. <https://doi.org/10.1007/s10567-012-0112-0>
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: Desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Família*, 17(1), 28-40.
- Da Silva, M. L. I., Vieira, M. L., & Schneider, D. R. (2016). Envolvimento paterno em famílias de criança com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 36(90), 66-85.
- De Antoni, C. (2005). *Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6137>
- Dessen, M. A., & Ramos, P. C. C. (2010). Crianças pré-escolares e suas concepções de família. *Paidéia*, 20(47), 345-357. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000300007>

- Dias, C. M. S. B, Costa, J. M., & Rangel, V. A. (2005). A vós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. . In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 158-176). Editora PUC Rio
- Dias, C. M. S. B. (2008). Pais são para criar e avós para estragar: Será? In I. C. Gomes (Org.), *Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas* (pp. 67-72). Editora Guanabara Koogan.
- Dias, C. M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: Desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 93-102). Editora PUC-Rio.
- Dias, C. M. S. B. (2016). Relacionamento entre avós e netos: Significado, evolução e expectativas. In L. V. C. Moreira (Org.), *Relações familiares* (pp. 361-371). Editora CRV.
- Dias, C. M. S. B. (2022). *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção*. Editora Alinea.
- Dias, C. M. S. B. (2022a). Mapeando o relacionamento avós e netos. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 25-37). Editora Alinea.
- Dias, C. M. S. B. (2022b). Um tipo especial de avós: os cuidadores de netos. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 77-92). Editora Alinea.
- Dias, C. M. S. B., & Silva, D. V. (1999). Os avós: Uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Entre a tradição e a transformação* (pp. 118-149). Editora Nau.
- Dias, C. M. S. B., Amorim, A. M. A, Melo, B. C. F., & Andrade, L. R. S. R. (2021). Percepções sobre o relacionamento com os netos adultos na perspectiva dos avós. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: clínica, conflitos e afetos* (pp. 217-236). Perspectiva.
- Falcão Coelho, M. T. B., Barata, A. L. S. R. B., & Santos, J. S. (2022). Oficina com avós guardiães: promovendo a educação em saúde no contexto escolar. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 77-92). Editora Alinea.

- Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 16(1), 38-42.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98931996000100007>
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 111-121). Editora PUC Rio.
- Féres-Carneiro, T., Dos Santos, A. L., Magalhães, A. S., & Machado, R. N. (2021) Repercussões da parentalização no relacionamento conjugal: individualidade e conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: clínica, conflitos e afetos* (pp. 257-274). Editora PUC Rio.
- Fonseca, H. R. R. (2016). *Perspectiva ecológica das interações entre famílias e serviços de acolhimento para crianças e adolescentes* [Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital Lume.
https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165480?locale-attribute=pt_BR
- García, R. C. Q. (2006). *As competências parentais no mundo contemporâneo como fator de proteção no desenvolvimento humano: um desafio para pais e profissionais*. [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem Universidade Federal do Rio Grande].
- Haddaway, N. R., Page, M. J., Pritchard, C. C., & McGuinness, L. A. (2022). PRISMA2020: Um pacote R e aplicativo Shiny para produzir diagramas de fluxo compatíveis com PRISMA 2020, com interatividade para transparência digital otimizada e Open Synthesis. *Campbell Systematic Reviews*, 18(2), e1230.
<https://doi.org/10.1002/cl2.1230>

- Hameister, B. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140-155. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&tlng=pt
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2010). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1490>
- Herzog, M. J., Umaña-Taylor, A. J., Madden-Derdich, D. A., & Leonard, S. A. (2007). Percepções de mães adolescentes sobre o envolvimento parental dos pais: Satisfação e desejo de envolvimento. *Relações familiares: Um periódico interdisciplinar de estudos familiares aplicados*, 56(3), 244-257. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2007.00456.x>
- Hickmann, A. A. (2019). *Relações interpessoais e valores humanos na escola: Uma inserção ecológica* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Oasis.br. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_990c32d73b0476f0bb43d8c5600dc2f5
- Hintz, H. C., & Baginski, P. H. (2012). Vínculo Conjugal e Transição para a Parentalidade: Fragilidades e Possíveis Superações. *Revista Brasileira De Terapia Familiar*, 4(1). <https://doi.org/10.60114/rbtf.v4i1.65>
- Hu, Q., Zhou, Y., Dong, P., Xu, C., & Zhang, Q. (2022). Contribuidores para o bem-estar das famílias chinesas deixadas para trás: Uma perspectiva diádica da resiliência familiar e do relacionamento avós-netos. *Child & Family Social Work*, 28(3), 646-658. <https://doi.org/10.1111/cfs.12991>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Síntese de Indicadores Sociais*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=38475>
- Jones Harden, B., Winslow, M. B., Kendziora, K. T., Shahinfar, A., Rubin, K. H., Fox, N. A., Crowley, M. J., & Zahn-Waxler, C. (2000). Problemas de externalização em crianças

- do Head Start: uma exploração ecológica. *Educação e desenvolvimento infantil*, 11(3), 357-385. https://doi.org/10.1207/s15566935eed1103_8
- Kehl, M. R. (2013). Em defesa da família tentacular. *Fronteiras do pensamento*.
<https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>
- Lima, J. M. Família, contemporaneidade e conservadorismo: uma atualização sobre o direito das famílias (2020). In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Famílias na cena contemporânea: (des)proteção social, (des)igualdades e judicialização* (pp. 67-89). Navegando Publicações.
- Louchamp, E., & Sabatier, C. (2018). Family experience of children suffering from cancer: A qualitative study of the child's perception of the family dynamic. *Annales Médico-Psychologiques*, 176(10), 967-973. <https://doi.org/10.1016/j.amp.2017.10.010>
- Machado, F. R. (2010). *Análise bioecológica da qualidade de vida do idoso: Considerações sobre o microssistema familiar* [Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações PUC Goiás.
<https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/2030>
- Maia, R. C., Nunes, T. G. R., Silva, L. I. C., & Silva, K. M. (2017). Da Proteção ao Risco: Configurações da Violência Intrafamiliar na Juventude Paraense. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 33, e33312. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33312>
- Malcata, M. M. L. T. C. B. (1997). *A importância da componente ambiental na socialização da criança: O caso particular do Concelho de Portalegre: um estudo exploratório* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13297>
- Marques, F. R. B., Barreto, M. S., Teston, E. F., & Marcon, S. S. (2012). A presença dos avós no cotidiano das famílias de recém-nascidos de risco. *Ciência, Cuidado E Saúde*, 10(3), 593-600. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v10i3.17383>
- Martinez-Yarza, N., Solabarrieta-Eizaguirre, J., & Santibáñez-Gruber, R. (2024). O impacto do envolvimento familiar no desenvolvimento socioemocional dos alunos: o papel

- mediador do engajamento escolar. *European Journal of Psychology of Education*, 39, 4297-4327. <https://doi.org/10.1007/s10212-024-00862-1>
- Mendes-Castillo, A. M. C., & Bousso, R. S. (2015). The grandparents of sick children: a new perspective for research with families in Brazil. *REME: Revista Mineira de Enfermagem*, 19(3). <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20150060>
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência e Saúde coletiva*, 17(3), 621-626.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso
- Minayo, M. C. S. (Org.), Deslandes, S. F., Gomes, R. (2016). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Mioto, R. C. T. (2020). Família contemporânea e proteção social: notas sobre o contexto brasileiro. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Famílias na cena contemporânea: (des)proteção social, (des)igualdades e judicialização* (pp. 23-43). Navegando Publicações.
- Molina, J. A. (2021). The Work–Family Conflict: Evidence from the Recent Decade and Lines of Future Research. *J Fam Econ Iss*, 42(Suppl 1), 4-10.
<https://doi.org/10.1007/s10834-020-09700-0>
- Monte, G. C. S. B., Leal, L. P., & Pontes, C. M. (2013). Rede social de apoio à mulher na amamentação. *Cogitare Enfermagem*, 18(1). <https://doi.org/10.5380/ce.v18i1.31321>
- Monteiro, P. D. S. (2014). *Crianças em acolhimento institucional: Percepções relativas à estrutura e dinâmica de suas famílias* [Dissertação de mestrado, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará]. Repositório da UFPA.
<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11331>
- Moreira da Silva, M., Almeida Gavinhos, M. S., Henriques Pereira das Neves, V. F., & Forte Camarinho, A. P. (2022). Fatores protetores e dificultadores da conjugalidade na transição para a parentalidade. *Pensar Enfermagem*, 25(2), 20-32.
<https://doi.org/10.56732/pensarenf.v25i2.183>

- Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo* (5ª ed.) (Eliane Lisboa, Trad.). Editora Sulina.
- Neumann, A. P., Mosmann, C., Falcke, D., Wagner, A. (2021) Conflitos conjugais: o que motiva e o que intensifica as discussões. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: clínica, conflitos e afetos* (pp. 237-256). Editora PUC Rio.
- Neves, S. D., & Rabinovich, E. P. (2016). As relações familiares entre o casal contemporâneo e os sogros. In L. V. C. Moreira (Org.), *Relações familiares* (pp. 373-390). Editora CRV.
- Oliveira, A. R. V., & Pinho, D. L. M. (2013). Relações entre avós e seus netos adolescentes: Uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(3), 633-642. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000300019>
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G., & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira De Geriatria E Gerontologia*, 13(3), 461–474. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300012>
- Organização Mundial de Saúde. (2015). *Relatório mundial de saúde e envelhecimento*. <https://sbogg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>
- Palermo, F. R., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2016). Ambiente conjugal: repercussões na parentalidade. *Cadernos de psicanálise*, 38(34), 129-148. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100007&lng=pt&tlng=pt
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano* (14ª ed). AMGH Editora.
- Paradella, R. (2018, abril 26). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE Notícias*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>

- Park, E. H. (2018). Pelo bem dos avós: A relação entre o envolvimento dos avós e o bem-estar psicológico. *Ageing International*, 43(3), 297-320.
<https://doi.org/10.1007/s12126-017-9320-8>
- Pasinato, L., & Pereira Mosmann, C. (2016). Transición a la parentalidad y coparentalidad: parejas cuyos hijos ingresaron a la escuela al finalizar la licencia de maternidad. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 34(1), 129-142.
<https://doi.org/10.12804/apl34.1.2016.09>
- Passos, M. C. (2003). A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 13-25). Editora PUC Rio.
- Passos, M. C. (2021). A política de afetos na família. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: clínica, conflitos e afetos* (pp. 275-290). Editora PUC Rio.
- Pedro, M. (2013). *Relação conjugal e relação pais-filhos: Estudo de variáveis mediadoras e moderadoras* [Tese de doutorado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa]. Repositório da ULisboa.
<https://repositorio.ulisboa.pt/jspui/handle/10451/7862>
- Pereira, C., Daher, L. A., & Fernandes, M. T. O. (2025). Percepções sobre a intergeracionalidade nos diferentes ciclos de vida. *Oikos: Família E Sociedade Em Debate*, 36(2). <https://doi.org/10.31423/oikos.v36i2.18373>
- Petrini, G., & Dias, M. C. (2017). Relações Conjugais e familiares na sociedade contemporânea. In L. V. C. Moreira (Org.), *Relações Familiares* (pp. 19-31). Editora CRV.
- Pinchover, S., & Attar-Schwartz, S. (2018). Is someone there for you? Social support of youth in educational residential care from family, peers and staff. *British Journal of Social Work*, 48(8), 2195-2214. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcx164>
- Porto, I. (2010). O idoso no microssistema familiar: Uma análise das relações intergeracionais. *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, 14(1), 189-207.

- Rabelo, D. F. Os Idosos e as relações familiares. (2018). In E. V. Freitas, & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (4ª ed., pp. 3384-3398). Editora Guanabara Koogan.
- Reis, L. P. C., Bastos, A. C. S.; Bastos, A. C. S. B., & Rabinovich, E. P. (2016). A maternidade como objeto de estudo e pesquisa em contexto sócio-histórico e cultural. In L. V. C. Moreira (Org.), *Relações familiares* (pp. 167-187). Editora CRV.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2007). *Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho*. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (pp. 157-180). Editora Casa do Psicólogo.
- Rojas-Drummond, S. M. (2016). Explaining literacy development from a bioecological systems framework: Affordances and challenges: Commentary on Jaeger. *Human Development*, 59(4), 188-194. <https://doi.org/10.1159/000449263>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Jorge Zahar Editor.
- Rufino e Silva, T. S., Magalhães, C. M. C., & Cavalcante, L. I. C. (2014). Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil. *Arq. bras. psicol.*, 66(1), 49-60.
- Salata, A. R. (2015) Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe. *Dados*, 58(1), 111-149. <https://doi.org/10.1590/00115258201540>
- Sampaio, D. (2008). A razão dos avós (3ª ed). Caminho.
- Sanchez, F. A. (2012). A família na visão sistêmica. In M. L. M. Teodoro, & M. N. Baptista (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 38-47). Artmed Editora.
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2017). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33427>
- Santos, A. L., Testem, E. F., Cecílio, H. P. M., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2015), Participação de avós no cuidado aos filhos de mães adolescentes. *Rev Min Enferm.*, 19(1), 60-64. <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20150005>

- Santrock, J. W. (2009). *Psicologia Educacional* (3ª ed.). McGraw-Hill.
- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2022). Bisavós: avós com direito a bis?. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 125-139). Editora Alinea.
- Schuler, F. M. G. (2022). Longe dos olhos perto do coração: avós e netos migrantes. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 293-310). Editora Alinea.
- Schulz, C., & Colossi, P. M. (2020). A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. *Pensando Família*, 24(1), 45-64.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100005&lng=pt&nrm=iso
- Scortegagna, H. M., Nunes, R. E. B., Pichler, N. A., & Portella, M. R. (2019). Interaction between incarcerated adolescents and their grandparents in the processes of living and ageing. *Revista Brasileira De Geriatria E Gerontologia*, 22(2), e180217.
<https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180217>
- Seibel, B. L. (2016). *A família com filhos e sua rede: Impactos da rede de apoio social nas relações familiares e na saúde mental dos cuidadores* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital Lume.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/164771>
- Sombrio Cardoso, A., Leandro, M., Silva, M. L. B., Moré, C. L. O. O., & Bousfield, A. B. S. (2020). Representações sociais da família na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Pensando famílias*, 24(1), 29-44.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100004&lng=pt&tlng=pt
- Souza, E. R. (2006). Família e parentalidade homossexual: revendo teorias, repensando práticas. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 17(2).
<https://doi.org/10.35919/rbsh.v17i2.438>

- Strouse, G. A., McClure, E., Myers, L. J., Zosh, J. M., Troseth, G. L., Blanchfield, O., Roche, E., Malik, S., & Barr, R. (2021). Zooming through development: Using vídeo chat to support family connections. *Human Behavior and Emerging Technologies*, 3(4), 552-571. <https://doi.org/10.1002/hbe2.268>
- Torres, K. A. (2022). A relação entre avós idosos e netos por meio das tecnologias de informação e comunicação. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 197-214). Editora Alinea.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In L. V. C. Moreira, & Ana M. A. C. (Orgs.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (pp. 211-231). Edições Paulinas.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa científico-qualitativa*. Vozes.
- Vasconcellos, M. J. E. (2003). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Papirus Editora.
- Vilaça, C. C. (2018). *A parentalidade paterna na separação conjugal quando os filhos coabitam com o genitor* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório UFES. <https://repositorio.ufes.br/items/348a8e6b-4333-445e-a8e1-8905eb711c54>
- Viturino, M. M. M., & Dias, C. M. S. B. (2022). O protagonismo do avô na família monoparental feminina. In C. M. S. B. Dias (Org.), *Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 159-179). Editora Alinea.

Apêndice A

Questionário Biosociodemográfico Aplicado aos Pais

1. Sexo:
2. Idade:
3. Grau de escolaridade:
4. Profissão sua e do parceiro(a). Exerce?
5. Estado civil:
6. Prática religiosa:
7. Sexo e idade dos filhos:
8. Renda familiar (em salários-mínimos):
09. Os filhos moram ainda com o(a) senhor(a)?
10. Seus pais são vivos?
11. Qual o estado de saúde deles?
12. Eles apresentam independência para visitá-los ou sair com vocês?
13. Qual a distância de sua residência para a de seus pais?
14. Seus pais contribuem de alguma forma para a manutenção de sua família?

Apêndice B

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para com os Pais

- 01) Como a chegada do seu primeiro(a) filho(a), repercutiu na relação com seus pais?
- 02) Quais recursos, pessoas ou instituições contribuíram com o casal após o nascimento do(s) filho(s)?
- 03) Os seus pais exerceram alguma influência na retomada da dinâmica familiar após o nascimento do(s) seu(s) filho(s)? Como?
- 04) Você percebe que as crenças e os valores transmitidos pelos seus pais influenciaram a forma como você e seu parceiro(a) se relacionam? Em caso afirmativo, de que maneira?
- 05) De que maneira as demandas de trabalho, tanto as suas quanto as do seu parceiro(a), afetam a sua relação conjugal? Vocês contam com algum apoio de pessoas ou instituições para lidar com essa situação?
- 06) Quais características individuais, como traços de personalidade ou hábitos, são transmitidas em sua família? Por quem?
- 07) Quais e como as atividades conjuntas realizadas, como lazer e hobbies compartilhados, influenciam no vínculo entre você, seus filhos, seus pais e seu parceiro(a)?
- 08) Como seus pais se posicionaram frente eventos significativos que você e seu parceiro(a) passaram?
- 09) Como vocês perceberam a influência dos seus pais ao longo do desenvolvimento dos netos?
- 10) Quais os aspectos positivos da presença dos avós na vida de seus filhos? E os negativos?
- 11) Que estratégias você e seu parceiro(a) adotam para solucionar conflitos com seus pais?
- 12) Como ocorre essa comunicação entre você, seu cônjuge e seus filhos? Seus pais participam dessa comunicação? Se sim, de que forma?
- 13) Como você percebe a relação que acontece entre os seus pais e seus filhos?
- 14) Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre esta questão?

Apêndice C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa: “Convivência entre gerações na dinâmica conjugal e parental: desafios e potencialidades em um estudo biopsicossocial”.
2. Você foi selecionado por uma amostra de conveniência e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo são: 1) Identificar como se dá a relação avós, pais e netos na família; 2) Analisar os aspectos positivos e negativos do microsistema avós e netos na vida do casal; 3) Captar se há conflitos nos mesossistemas e, havendo, como são resolvidos.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário biosociodemográfico e responder a uma entrevista sobre as referidas questões, as quais acreditamos não lhe trarão risco para sua saúde mental ou física.
7. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são minimizar os problemas na relação da tríade geracional formada por pais, avós e netos, favorecer a interação entre eles e colaborar com o debate sobre este tema.
9. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

ASSINATURA

**Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4**

Telefone: (81) 21194097 (Curso de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 – RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br – Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h – Segunda a sexta-feira.

Recife, _____ de _____ de _____

Assinatura do SUJEITO DA PESQUISA

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-000 - Brasília-DF
--

Anexo A**Parecer Consubstanciado do CEP**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: IMPACTOS E REPERCUSSÕES DO SUBSISTEMA AVÓS E NETOS NO RELACIONAMENTO CONJUGAL DOS PAIS

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77336224.1.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.666.707

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto sobre o impacto do microssistema avós e netos no relacionamento conjugal dos pais, fundamentado na Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (2012) sobre o Desenvolvimento Humano. O método da pesquisa é qualitativo, transversal, com uma amostra por conveniência. Os participantes serão pais de ambos os sexos em diferentes faixas etárias, camada social média, independente de religião, estado civil e profissão. Como instrumentos para a coleta de dados, será aplicada uma entrevista conduzida na forma semidirigida e um questionário biosociodemográfico, a serem respondidos pelos pais. Os resultados serão avaliados por meio da técnica de análise de conteúdo temática, composta pela pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto tem como objetivo geral compreender como o microssistema avós e netos impacta no relacionamento conjugal dos pais, na perspectiva destes. Especificamente, ele pretende identificar como se dá a relação avós, pais e netos na família; analisar os aspectos positivos e negativos do microssistema avós e netos na vida do casal; captar se há conflitos nos mesossistemas e, havendo, como são resolvidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão corretamente avaliados.

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.666.707

Riscos: Face à possibilidade de que os envolvidos na pesquisa se sintam desconfortáveis ou inibidos, os pesquisadores garantem respeito, reassseguramento do sigilo e apoio psicológico quando houver necessidade. Caso seja percebida alguma situação que necessite de uma maior atenção, poderá ocorrer o encaminhamento para o atendimento na Clínica de Psicologia da Universidade.

Benefícios: A devolutiva para os participantes das principais informações obtidas contribuirá para a melhoria da relação intergeracional na família, além de divulgar o acesso ao conteúdo completo após publicação. Espera-se que a proposta possa contribuir para: 1) Estudos futuros sobre a família e suas relações em sociedade, em uma perspectiva bioecológica; 2) Elencar como o microssistema avós e netos pode interferir ou não, no relacionamento conjugal dos pais; 3) Promover a compreensão de como a convivência intergeracional harmoniosa entre avós, pais e netos pode ser alcançada dirimindo os possíveis conflitos entre eles.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto com temática relevante e bem construído.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos anexados estão corretos. Não há pendências.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

A coordenação do CEP UNICAP acompanha o parecer do Colegiado aprovando o protocolo de pesquisa.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.666.707

normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo. Favor consultar o Manual de Usuário PESQUISADOR, disponível na Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf> que orienta sobre a emissão dos referidos relatórios, entre outros assuntos.
- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, “cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento”.
- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2267195.pdf	05/02/2024 13:53:25		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	05/02/2024 13:52:50	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Rodrigo_de_Oliveira_Aureliano.pdf	05/02/2024 13:52:02	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Cristina_Maria_de_Souza_Brito_Dias.pdf	05/02/2024 13:51:22	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	APENDICE_4_Roteiro_de_Entrevista.pdf	05/02/2024 13:50:12	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	APENDICE_3_Questionario.pdf	05/02/2024 13:49:48	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	ANEXO_E_TERMOS_DE_AUTORIZAÇÃO_DE_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO.pdf	05/02/2024 13:49:14	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	ANEXO_C_TERMOS_DE_COMPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDADE.pdf	05/02/2024 13:48:10	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO (UNICAP)



Continuação do Parecer: 6.666.707

Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANEXO_A_Carta_de_Anuencia.pdf	05/02/2024 13:44:35	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_B_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	05/02/2024 13:44:12	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Parecer Anterior	Avaliao_do_projeto_de_Tese_Parecer_Anterior.pdf	05/02/2024 13:43:34	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Orçamento	APENDICE_2_Orcamento.pdf	05/02/2024 13:43:08	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Cronograma	APENDICE_1_Cronograma.pdf	05/02/2024 13:40:44	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_Rodrigo_de_Oliveira_Aureliano.pdf	05/02/2024 13:40:18	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 23 de Fevereiro de 2024

Assinado por:

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Almeida Cunha, nº 245 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480

UF: PE **Município:** RECIFE

Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br